

1 2 9 0



UNIVERSIDADE D  
COIMBRA

Cátia Sofia da Silva Fonseca Vasconcelos Barbosa

AINDA VAI A RÁDIO AO FIM DA RUA E AO FIM  
DO MUNDO?

IMPACTO DA CRISE NOS *MEDIA* E INFLUÊNCIA NOS  
CONTEÚDOS DA TSF, ANTENA 1 E RENASCENÇA

Relatório de Estágio de Mestrado em Jornalismo e Comunicação, na área/ramo de Ciências da Comunicação, orientado pelo Professor Doutor Sílvio Manuel Rodrigues Correia dos Santos e apresentado ao Departamento de Filosofia, Comunicação e Informação da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Setembro de 2019

# FACULDADE DE LETRAS

## AINDA VAI A RÁDIO AO FIM DA RUA E AO FIM DO MUNDO?

### IMPACTO DA CRISE NOS *MEDIA* E INFLUÊNCIA NOS CONTEÚDOS DA TSF, ANTENA 1 E RENASCENÇA

#### Ficha Técnica

<b>Tipo de trabalho</b>	<b>Relatório de Estágio</b>
<b>Título</b>	<b>Ainda vai a rádio ao fim da rua e ao fim do mundo?</b>
<b>Subtítulo</b>	Impacto da crise nos <i>media</i> e influência nos conteúdos da TSF, Antena 1 e Renascença
<b>Autor/a</b>	<b>Cátia Sofia da Silva Fonseca Vasconcelos Barbosa</b>
<b>Orientador/a(s)</b>	Doutor Sílvio Manuel Rodrigues Correia dos Santos
<b>Júri</b>	<b>Presidente:</b> Doutor João José Figueira da Silva <b>Vogais:</b> 1. Doutora Inês de Oliveira Castilho e Albuquerque Amaral 2. Doutor Sílvio Manuel Rodrigues Correia dos Santos
<b>Identificação do Curso</b>	<b>2º Ciclo em Jornalismo e Comunicação</b>
<b>Área científica</b>	<b>Ciências da Comunicação</b>
<b>Especialidade/Ramo</b>	Profissional
<b>Data da defesa</b>	16-10-2019
<b>Classificação do Relatório</b>	15 valores
<b>Classificação do Estágio e Relatório</b>	16 valores

1 2  9 0

UNIVERSIDADE D  
COIMBRA

## **Agradecimentos**

Ao meu orientador Professor Doutor Sílvio Correia Santos, o meu muito obrigada pela disponibilidade e apoio durante este projeto e, sobretudo, pelos ensinamentos que me foram dados ao longo dos últimos anos.

Ao Professor Doutor João Figueira, pelo apoio e prontidão para acudir a todas as minhas dúvidas e receios durante a redação deste relatório.

Ao meu namorado, companheiro e amigo – Joaquim Dias – pelas horas a fio a acompanhar-me neste processo e, acima de tudo, por me ter dado a conhecer o sentimento mais verdadeiro de todos. O meu maior e mais eterno obrigada.

À minha família por serem a minha base, o meu suporte e o meu conforto. E, em especial, à minha avó por acreditar sempre em mim.

À professora Conceição Pires, porque me deu asas para voar. Um muito obrigada por, em todas as aulas de português, me dar a ouvir os Sinais de Fernando Alves.

Aos meus amigos, a quem roubei tanto tempo para chegar aqui. Foram muitas mensagens por responder, muitas chamadas por atender e muitos convites recusados. Obrigada pela paciência e amizade.

À TSF, por me ter acolhido. Foi bom estar em casa. Um obrigada especial à Leonor Ferreira, pelo carinho e dedicação que me deu ao longo do meu estágio e, sobretudo, pelas aprendizagens que levo para a vida.

Aos protagonistas deste relatório, porque sem eles a sua realização não seria possível. Muito obrigada: Pedro Pinheiro, Fernando Alves, Joaquim Ferreira, Joaquim Pedro Rocha, Miguel Soares, Frederico Moreno, Pedro Leal e Teresa Almeida, pela disponibilidade, pelas conversas e, acima de tudo, por terem contribuído para o caminho que eu quero trilhar.

Por último, e não menos importante, à Bárbara Baldaia pelas palavras certas na hora certa e a todos os que, das mais diversas formas, contribuíram para que eu chegasse até aqui.

O meu muito obrigada!

## **Resumo**

A crise no modelo de negócio dos *media* agravou-se com a conjuntura económica e financeira, em 2008. A quebra de receitas publicitárias, aliada à dificuldade de financiamento e ao modelo de gestão das empresas de comunicação social (nas mãos de grandes grupos económicos), veio acentuar a debilidade já vivida pelos *media* portugueses. Esta problemática traduziu-se em cortes orçamentais, redução de recursos humanos, vínculos precários e baixos salários.

Neste estudo, pretende-se avaliar até que ponto estas condicionantes afetaram o trabalho e a qualidade das redações e dos seus conteúdos. Tendo estagiado na TSF Rádio Notícias durante três meses, assisti a esta realidade de perto e, por isso, o foco deste relatório incide sobre o efeito da crise nas estações de rádio.

Este trabalho está, assim, dividido em duas partes, sendo a primeira sobre a realidade da rádio onde estagiei. Este estágio curricular teve como base pôr em prática os conhecimentos adquiridos na universidade naquele que será, no futuro, o meio profissional. Neste âmbito, foi uma oportunidade para observar o funcionamento de uma redação de rádio e perceber também os constrangimentos que lá se vivem. O número escasso de profissionais para responder às solicitações de agenda noticiosa foi uma das dificuldades mais evidentes que constatei e que deu origem ao tema em análise na segunda parte deste trabalho.

Assim, esta segunda parte debruça-se sobre a realidade laboral que se vive nas redações da TSF, Antena 1 e Renascença. O objetivo desta reflexão passa, então, por avaliar o modo como cada um destes órgãos reagiu perante as adversidades provocadas pela crise económica, que medidas tomou e quais as consequências nas respetivas redações. Terá isso influenciado os seus conteúdos?

A abordagem metodológica adotada passou por uma observação participante (quer no estágio, quer na visita às restantes redações); por entrevistas realizadas a profissionais das três estações e por apoio bibliográfico.

No final deste relatório, aliando a experiência enquanto estagiária à análise feita nas diferentes redações, as conclusões retratam uma realidade onde, direta ou indiretamente, os constrangimentos influenciam os conteúdos e, por conseguinte, o produto final que chega ao ouvinte.

**Palavras-chave:** Rádio, Crise, Jornalismo, Estágio, TSF

## **Abstract**

The crisis in the business model of the media gets worse by the economic and financial situation, in 2008. The fall in publicity, associated with the difficulty of financing and the management model of media companies (in the hands of economic groups), emphasized the weakness already experienced by the Portuguese media. This problem has resulted in budget cuts, reduction of human resources, precarious bonds and low salaries.

In this study, the objective is evaluate how these conditions affected the work and the quality of the newsroom and their contents. Has an intern at TSF Rádio Notícias for three months, I watched this reality closely, so the focus of this report is on the effect of the crisis on radio stations.

This work divided in two parts: the first, about the reality of the radio where I interned. This basis of this curricular internship is put in practice the knowledge acquired at the university in what will be the professional environment in the future. In this context, it was an opportunity to observe the operation of a radio newsroom and to understand the constraints that lives there. The low number of professionals to respond to news agenda requests was one of the most evident difficulties that I noticed and that originated the topic under analysis in the second part of this paper.

Therefore, this second part deals with the labor reality that TSF, Antena 1 and Renascença lived. The purpose of this reflection is to evaluate how each of these media reacted to the adversities caused by the economic crisis, what measures they took and the consequences in the respective newsroom. Has this influenced their contents?

The methodological approach adopted was a participant observation (both in the internship and in the visit to other newsrooms), interviews with professionals from the three stations and bibliographic support.

At the end of this paper, through the union between experience as intern and the analysis done in the different radio stations, the conclusions reflect a reality where, directly or indirectly, the constraints influence their contents and, therefore, the final product that reaches the listener.

**Keywords:** Radio, Crisis, Journalism, Internship, TSF

# Índice

<b>Notas Introdutórias .....</b>	<b>1</b>
<b>Metodologias utilizadas.....</b>	<b>4</b>

## **1ª PARTE - A entidade de acolhimento e o estágio**

<b>Capítulo I - A importância da TSF para o jornalismo.....</b>	<b>7</b>
---	----------

1. Breve história da TSF.....	7
2. A rádio que mudou... o jornalismo? .....	8
3. TSF: a organização interna.....	11

<b>Capítulo II – O Estágio na TSF.....</b>	<b>12</b>
--	-----------

4. O início.....	12
5. O meu percurso enquanto estagiária .....	13
6. Conclusões finais sobre o estágio.....	14

## **2ª PARTE - Análise e conclusões**

<b>Capítulo III - Necessidade de reduzir custos nas empresas de comunicação social versus qualidade dos resultados .....</b>	<b>18</b>
--	-----------

7. Crise dos <i>media</i> : origem e consequências .....	18
8. Cortes nas redações portuguesas .....	20
9. Novas tecnologias e redes sociais: que desafios para as redações portuguesas? .....	33
9.1. A convergência de funções no jornalismo radiofónico.....	35
9.2. Ensino do jornalismo em Portugal: estará a preparar os jovens para a realidade das redações?.....	39
9.3. Internet e redes sociais: que contributo para a crise?.....	44

<b>Capítulo IV – A contenção de custos nas estações de rádio e a sua influência na qualidade dos conteúdos: análise qualitativa .....</b>	<b>48</b>
---	-----------

10. Análise dos casos da TSF, Antena 1 e Rádio Renascença .....	48
10.1. Metodologias utilizadas .....	50
10.2. Resultados obtidos .....	52
10.3. Discussão dos resultados.....	54
10.3.1. A convergência, aliada à crise que se vive no jornalismo, estará a influenciar os conteúdos destas três redações? .....	55
10.3.2. Cortes nas redações e escassez de profissionais especializados: que impacto?....	57
10.3.3. Sobra pouco do que já foi muito .....	62

<b>Conclusões finais.....</b>	<b>65</b>
<b>Bibliografia/Fontes consultadas.....</b>	<b>67</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>74</b>

## Notas Introdutórias

Em novembro de 2015, o *Jornal Tornado*<sup>1</sup> noticiava que haveriam mais de mil despedimentos na comunicação social. “Este é apenas mais um dos muitos episódios de despedimentos em órgãos de comunicação social registados nos últimos anos” (*Jornal Tornado*, 2015). A verdade é que a crise nos *media* deu origem a uma série de dispensas e de mudanças nas redações portuguesas. E se estudar jornalismo é uma preparação para o futuro, o futuro está nessas redações, portanto, é fundamental sabermos como é que elas funcionam e que constrangimentos estão a enfrentar.

Em 2012, José Alberto Carvalho<sup>2</sup> afirmava que “(...) temos um mercado pequeno, com uma crise de publicidade e uma crise de consumo, pelo que penso que vamos ser forçados a reinventar as nossas atividades com muito menos tranquilidade e a uma velocidade muito mais acelerada do que noutros países” (*Expresso*, 2012). Esta afirmação é ainda uma realidade. A problemática no modelo de negócio dos *media* acentuou-se com a crise económica de 2008, e os seus efeitos fazem-se sentir ainda hoje nas redações portuguesas.

“É inquestionável que os meios de comunicação social precisam de outras políticas para o setor a fim de se erguerem de uma crise onde se afundaram há alguns anos. Que tem retirado qualidade ao jornalismo, vitalidade ao espaço público e força à democracia” (*Jornal de Notícias*, 2018). Desde o início desta conjuntura, algumas empresas de comunicação fecharam e outras passaram por processos de despedimentos coletivos e/ou rescisões amigáveis. Esta situação deu origem a redações mais pequenas, o que se traduziu em dificuldades para dar resposta às exigências da profissão. A precariedade laboral é, assim, o dia a dia de muitos jornalistas.

A evolução tecnológica e a propagação das redes sociais constituem desafios acrescidos para os *media* num contexto onde os cortes orçamentais, por si só, já obrigavam a uma adaptação no modo de exercer jornalismo. Nesse sentido, a tendência aponta para a polivalência do jornalista, isto é, este profissional cada vez mais desempenha funções que antes não eram suas, numa tentativa de produzir o mesmo com menos recursos.

Estas circunstâncias tiveram impacto no funcionamento e nas rotinas das redações portuguesas que ainda estão a tentar adaptar-se a esta realidade ao mesmo tempo que lutam para que estes efeitos não se reflitam nos seus conteúdos. É disso que se vai falar neste espaço.

Este relatório está dividido em duas partes: a primeira, analisa o estágio na TSF e, a segunda, baseia-se numa reflexão sobre um tema que eu considero atual no jornalismo português. Assim, nos dois primeiros capítulos, refletirei acerca da TSF, rádio onde estagiei durante três meses, bem como dos pontos fortes e fracos desse estágio. De seguida, nos dois capítulos finais, desenvolverei o tema deste relatório, que surge ainda quando me encontrava a estagiar na estação e depois de observar o modo como esta funciona.

---

<sup>1</sup> O *Jornal Tornado* é um diário *online*, com direção de João Sousa. É um jornal global para a lusofonia e “uma publicação do Quarto Poder Associação Cívica e Cultural, constituída com o intuito de promover a saúde da comunicação social, a sua expansão e melhoria qualitativa e quantitativa” (*Jornal Tornado*)

<sup>2</sup> Na época, José Alberto Carvalho era diretor de informação da TVI.



Posto isto, o tema que aqui apresento prende-se com o possível impacto da redução de custos na qualidade e nas rotinas das redações portuguesas. Ao estagiar numa rádio, apercebi-me dos efeitos que a crise que se vive nos *media* tem na produção de conteúdos. Há cada vez menos profissionais a trabalhar nas redações portuguesas e o facto de exercerem várias funções faz com que, muitas vezes, o trabalho não saia tão perfeito e não se possam desenvolver tantas histórias como se gostaria.

Decidi optar por este tema quando, numa tarde na TSF, ouvi um jornalista dizer “não temos ninguém para lá ir”, relativamente a uma cobertura que deveria ser feita num evento. Por falta de jornalistas disponíveis para acompanhar esse acontecimento, a notícia não foi dada. Isto, ao mesmo tempo que me deparei com uma realidade para a qual não estava preparada: no Porto, local onde estagiei, ainda existe uma separação entre o trabalho do jornalista e o do técnico de som, ou seja, o jornalista raramente edita sons, deixando essa tarefa para os elementos de apoio técnico.

Ora, quem estuda jornalismo sabe que, na faculdade, somos preparados para a realidade que existe, atualmente, em quase todas as redações portuguesas: o jornalista cada vez mais desempenha funções que antes não eram as suas e trabalhar os sons é uma delas. Hoje em dia, este profissional já edita e monta as suas próprias peças, fruto do desaparecimento de vários funcionários nos órgãos de comunicação social por conta da crise.

A verdade é que, ao observar o método de trabalho na TSF Porto e, ao aperceber-me que, em Lisboa, a redação funciona de forma algo diferente (grande parte dos jornalistas já são um “faz tudo”), comecei a delinear o tema que gostaria de desenvolver. A certeza da temática a abordar surge quando, ao comparar produções realizadas na íntegra pelo jornalista, por um lado, e produções feitas em conjunto pelo jornalista (escrita) e pelo técnico de som (edição sonora), por outro, apercebi-me que o resultado final no que diz respeito aos conteúdos pode ser distinto. Isto levou-me a refletir sobre a importância da especialização para um bom desempenho nas redações de rádio.

Deste modo, com o objetivo de tirar conclusões sobre a forma como a redução de custos nos *media* portuguesas, que implicou cortes orçamentais, influencia os conteúdos que, todos os dias, consumimos, surge este tema. O propósito é analisar como vivem as estações de rádio portuguesas com todos estes constrangimentos e que implicações eles trazem para as matérias que estas produzem diariamente. Esta situação, aliada à evolução tecnológica/digital, obrigou estes órgãos de comunicação a uma adaptação rápida e ainda não consolidada e, ao mesmo tempo, também contribuiu para a redução do número de profissionais nas estações.

Tendo o meu estágio sido realizado na TSF, considero essencial esta rádio constar na minha análise. Adicionalmente, optei por analisar também a Antena 1 e a Rádio Renascença por terem sido duas estações a enfrentar a crise de um modo particular e, acima de tudo, porque os seus métodos de trabalho são ligeiramente diferentes, o que, por si só, pode influenciar os seus conteúdos. Assim sendo, de que modo reagiram estas três rádios às consequências provocadas pela crise e que impacto estas tiveram no seu desempenho profissional?

Considero a abordagem desta temática bastante pertinente porque, sendo uma estudante de jornalismo com uma paixão pela rádio, penso ser essencial ter um panorama dos constrangimentos

que se vivem nas redações bem como as respostas que estas dão a essas dificuldades. Se o futuro está à porta, é fulcral percebermos o que nos espera porque, todos nós, podemos dar o nosso contributo para que mudanças positivas aconteçam.

Nas conclusões finais, será apresentada uma reflexão sobre a análise que fiz ao meu estágio bem como aos resultados que obtive da pesquisa e estudo realizado com base no tema deste relatório.

Para chegar ao produto que se poderá ler nas próximas páginas foi necessária a utilização de metodologias que permitissem reunir informações/dados e, posteriormente, analisar o material recolhido. O recurso ao método de observação participante e a entrevistas a vários profissionais das redações da TSF, Antena 1 e Renascença permitiu uma visão mais abrangente e mais próxima da realidade que se vive nestas estações de rádio.

## Metodologias utilizadas

As metodologias utilizadas ao longo deste relatório foram uma mais valia para que o produto final fosse o mais credível e fidedigno possível.

Deste modo, nos primeiros dois capítulos, usei a observação como principal método de recolha de dados e posterior interpretação, no que diz respeito à minha passagem pela TSF. Esta “observação participante” (Spradley, 1980) permitiu-me refletir sobre vários aspetos que constam neste relatório, já que esta técnica “pode não parecer objetiva, mas é uma ferramenta que todos usamos para compreender novas situações” (Spradley, 1980, p.57).

Ao longo dos três meses de estágio, observei o ambiente que se vive na redação, recolhi dados sobre tudo o que considerei pertinente e, acima de tudo, atentei ao que acreditei serem características diferenciadoras da estação para que, posteriormente, pudesse utilizá-las nesta abordagem. De seguida, fiz uma pesquisa com base na matéria que absorvi desse estágio e, em posse de todo o material necessário, passei à redação dos dois capítulos inteiramente dedicados à TSF. Todavia, o intuito não passou por um extenso relato histórico, mas por uma exposição do impacto que esta rádio teve no jornalismo, em Portugal, por acreditar que esta abordagem se enquadra melhor no tema deste relatório.

Para além disso, para a reflexão que consta nos dois últimos capítulos, recorri à realização de entrevistas, à análise de conteúdo e, mais uma vez, à observação participante como metodologias<sup>3</sup>.

Portanto, neste âmbito, a realização de entrevistas aos profissionais da TSF, Antena 1 e Rádio Renascença foi a metodologia que optei por utilizar para entender de que modo as três redações funcionam tendo em conta os constrangimentos que se vivem no jornalismo. Estas entrevistas foram gravadas presencialmente nas respetivas redações tendo sido, em seguida, transcritas na sua totalidade<sup>4</sup>. Os testemunhos dos diferentes profissionais permitiram-me avaliar de que forma as condicionantes económicas e a evolução tecnológica influenciam (ou não) a qualidade dos conteúdos transmitidos pelas estações. Haverá diferenças entre elas?

De seguida, fiz uma análise de conteúdo das entrevistas recorrendo a uma grelha, que consta nos anexos, onde explicitarei as principais problemáticas mencionadas pelos entrevistados bem como as citações que, a meu ver, são mais importantes para uma boa compreensão das suas perspetivas relativamente à redação onde estão inseridos e ao momento atual dos *media* portugueses.

Assim sendo, as metodologias a que recorri para a elaboração deste relatório foram, segundo creio, as mais adequadas porque tornaram possível um cruzamento entre a experiência em estágio e o testemunho de quem exerce a profissão diariamente.

Ao abordar o funcionamento de diferentes estações, esta análise tornou-se mais abrangente, permitindo uma reflexão mais completa acerca do jornalismo que se pratica, atualmente, nas redações de rádio portuguesas, e ainda do modo como estas atuam perante os desafios que se lhes

---

<sup>3</sup> Esses métodos qualitativos serão também mencionados no capítulo IV por ser o capítulo onde consta a reflexão com base nos dados recolhidos.

<sup>4</sup> As respetivas transcrições estão disponíveis em anexo.

vão colocando no caminho. A observação foi, assim, o método comum a todos os capítulos já que, enquanto redigia este relatório, foi fundamental observar o ambiente que se vive nas redações, algo que não é perceptível quando ouvimos a rádio.

Neste ponto, é de realçar a disponibilidade e o interesse de todos os intervenientes que foram entrevistados em discutir e opinar sobre a temática que está, aqui, a ser abordada. No entanto, qualquer estudo tem as suas limitações. São poucas as abordagens feitas a este tema, sendo que me deparei com dificuldades a encontrar apoio bibliográfico que considerasse oportuno para complementar o estudo que consta neste relatório.

Para combater esta ausência de dados bibliográficos que me auxiliassem nesta reflexão, optei por recorrer a publicações, artigos de jornais e estudos de outrém de modo a contextualizar e justificar as conclusões retiradas do enlace entre as várias entrevistas e a minha experiência enquanto estagiária. Esta opção resulta, assim, em poucas referências a teóricos e autores em detrimento das fontes acima referidas.

*«Podia morrer nos teus olhos amada rádio»,*

(Fernando Alves)

## Capítulo I - A importância da TSF para o jornalismo

### 1. Breve história da TSF

“A TSF revolucionou a rádio em Portugal pelas barreiras que quebrou e pelos hábitos que obrigou a mudar” (Meneses, 2003, p.64). João Paulo Meneses<sup>5</sup> proferiu esta frase quando a TSF tinha ainda quinze anos de existência. Atualmente, já conta com trinta e um anos e é inegável o contributo que esta estação deu, desde o seu nascimento, para que fosse possível chegarmos à rádio que temos hoje.

Em março de 1981, Emídio Rangel cria a TSF-Cooperativa de Profissionais de Rádio, constituída por vários jornalistas, entre eles, Adelino Gomes, António Jorge Branco, David Borges, Fernando Alves e Joaquim Furtado. As suas emissões têm, assim, início em 1984 ainda enquanto rádio “pirata”<sup>6</sup>.

A Telefonía Sem Fios (TSF) emite legalmente, pela primeira vez, em 1988. Alguns meses antes, em conjunto com outras rádios, “organiza uma cadeia nacional para os noticiários como forma de pressão do governo” (Meneses, 2003, p.23), numa altura em que estava aberto o concurso de atribuição de alvarás de frequências. A estação concorre, assim, em Lisboa, Porto, Coimbra e Faro, apenas vencendo em Lisboa e Coimbra.

Mais tarde, a *Lusomundo*, empresa que detinha a Rádio Press<sup>7</sup>, assume o controlo da TSF. A estação passa, então, a emitir também nas frequências da Press, alargando a sua cobertura à região norte. É ainda fazendo parte do grupo *Lusomundo* que, em 2000, lidera o “ranking JN” das “empresas mais rentáveis de Portugal (de acordo com a análise da rentabilidade dos capitais próprios)” (Meneses, 2003, p.25). No mesmo ano, a TSF é adquirida pela *PT Multimédia* (grupo *Portugal Telecom*). Atualmente, a estação é gerida pelo *Global Media Group*.

Na história da TSF constam alguns momentos que marcam o seu percurso no jornalismo. É o caso da cobertura do incêndio no Chiado, em Lisboa, em agosto de 1988, que lhe vale o prémio *Gazeta*, entregue pelo Clube de Jornalistas. Dois anos depois, esta rádio é “dos primeiros órgãos de comunicação social em todo o mundo a entrar no Kuwait libertado” (Meneses, 2003, p.23). Já em setembro de 1999, a TSF inicia uma emissão especial sobre a violência em Timor, a seguir ao referendo, que se prolonga durante dez dias sem qualquer interrupção. Em reconhecimento, a Assembleia da República atribui à estação a medalha dos Direitos Humanos.

A TSF é, assim, uma rádio especializada em notícias que assume um papel importante no modo como a informação é transmitida e que, ao longo dos anos, contribuiu para que fossem feitas algumas alterações no próprio modo de fazer jornalismo. A inovação que esta rádio trouxe obrigou

---

<sup>5</sup> João Paulo Meneses foi jornalista da TSF durante vinte e quatro anos (1991-2015), sendo que, desde 2011, era o editor responsável pelo *online*. Atualmente, é professor de Ciências da Comunicação, no ISMAI.

<sup>6</sup> Não estava legalizada.

<sup>7</sup> Rádio que detém a rede regional de frequências a norte e centro.

a que também jornais e estações de televisão reformulassem os seus métodos de trabalho (Meneses, 2003, p.6).

## 2. A rádio que mudou... o jornalismo?

O foco que a TSF deu à informação originou uma série de mudanças na forma de fazer rádio e no próprio jornalismo, já que tanto televisões como jornais se viram obrigados a dar resposta a essa nova abordagem informativa.

Se até 1988 a rádio era, sobretudo, generalista, a TSF deu uso ao conceito de “rádio temática, com a aposta na informação, nomeadamente sobre política, assim como sobre o trânsito e a bolsa” (Santos, 2005, p.140). A TSF tornou-se, assim, numa estação inovadora, introduzindo novos conceitos na rádio em Portugal que, ainda hoje, são utilizados por outros órgãos de comunicação social. A este propósito, Emídio Rangel, defendia que “se hoje fizéssemos um exercício de audição do que era a oferta de rádio do Estado e da Igreja antes do surgimento da TSF, perceberíamos como era ultrapassada” (*Público*, 2003).

As “notícias de meia em meia hora” e a “antena aberta” são consideradas um marco no jornalismo praticado pela TSF importante para mudar a rádio que se fazia em Portugal. Ao darem ênfase ao direto, estes dois conceitos puseram a tônica no “imediato”, dando ao ouvinte uma constante atualização sobre as notícias. Esta realidade fez com que, na perspetiva de Carlos Andrade<sup>8</sup>, a TSF tenha “acelerado o tempo de circulação de informação” (*Público*, 2003), o que levou a que a concorrência tivesse de agir rapidamente para não ficar para trás. Neste sentido, Emídio Rangel acredita que “a informação na altura era muito controlada, mas nós dinamitávamos isso, e pelo facto de estarmos em direto as coisas não podiam ser menorizadas, e também obrigava todos os outros operadores a seguirem-nos o exemplo” (*Jornal I*, 2014).

Assim, a “antena aberta” permitia à TSF interromper qualquer programação que estivesse “no ar” para dar e desenvolver uma notícia de última hora com importância. Uma das frases promocionais da estação era, na época, “as notícias não escolhem hora certa”. Esta atualidade na transmissão conferia credibilidade à estação e tornava possível dar a informação antes de qualquer outra rádio que, por norma, esperava pela hora dos noticiários para divulgar as notícias do dia.

Daí em diante, e para dar resposta a esta novidade, a rádio (e mais tarde, a televisão) começaram a utilizar o direto sempre que se justificava dar conta de um acontecimento que estava a ocorrer naquele exato momento. De acordo com Emídio Rangel, “estes diretos dinamitavam qualquer controlo informativo. Marcávamos a agenda” (*Jornal I*, 2014). Hoje em dia, a TSF já não utiliza o conceito de “antena aberta” com tanta regularidade, usando-o apenas em casos que se justifiquem e muito específicos. Um dos exemplos mais recentes de “antena aberta” foi a morte da escritora

---

<sup>8</sup> Carlos Andrade assumiu a liderança da TSF, em maio de 1995.

Agustina Bessa-Luís<sup>9</sup>, em que a estação interrompeu a programação das 12h às 13h para se centrar exclusivamente neste tema.

As “notícias de meia em meia hora” são outro conceito que permitiu à TSF dar uma notícia antes da concorrência e sem que a mesma perdesse atualidade. O objetivo passa, então, por uma atualização dada em direto por um jornalista, de meia em meia hora, relativamente às notícias que vão surgindo. A possibilidade de terminar com este conceito já foi discutida a nível interno, no entanto, optou-se por mantê-lo por ser uma das imagens de marca da TSF.

De acordo com João Paulo Meneses, “pode dizer-se que há um jornalismo radiofónico antes e depois da TSF ter surgido” (2003, p.28). Esta afirmação é fortalecida por exemplos como os que vimos anteriormente. Mas não só. A TSF mudou também o modo como e quando as notícias são transmitidas. Até ao surgimento desta rádio, as notícias eram dadas com base em alinhamentos fixos. Isto é, primeiro eram apresentadas as notícias nacionais, depois as internacionais e, por fim, as de desporto (Meneses, 2003, p.54). No entanto, a TSF levou para a rádio o conceito de “pirâmide invertida” (Meneses, 2003, p.54), ou seja, as notícias deixam de seguir um alinhamento pré-definido e passam a ser transmitidas com base na sua importância, sendo que a mais significativa abriria o noticiário e a menos relevante seria o fecho. Segundo Rangel, “nós introduzimos uma pequena revolução: abríamos jornais com o que fosse importante. Tanto podíamos abrir com uma greve como com desporto. Isto era para muita gente um crime de lesa-pátria” (*Jornal I*, 2014).

Com este modelo da pirâmide invertida surge um problema: o ouvinte não sabe qual a notícia que vem a seguir. Se lhe interessa mais uma de política ou de sociedade, não sabe quando é que esta lhe vai chegar ao ouvido porque já não é dada com base no tema. Para dar resposta a esta problemática, a TSF adaptou os títulos de primeira página da imprensa, dando uso ao conceito de “títulos de abertura” (Meneses, 2003, p.54).

Os “títulos de abertura”, por norma, são apresentados ao ouvinte imediatamente antes do noticiário, e separados por um *jingle* musical, enumerando em poucos segundos as informações que vão ser dadas. Deste modo, é possível prender a atenção do ouvinte que decide manter-se (ou não) sintonizado no noticiário até chegar àquela notícia que ele quer mesmo ouvir. Neste âmbito, a novidade que a TSF trouxe para a rádio foi a criação da “falsa abertura”: “uma alternativa à obrigatoriedade da primeira notícia ter de estar entre os destaques” (Meneses, 2003, p.55), de modo a que, não tendo os dados todos, o jornalista possa avançar um tópico da notícia na abertura do noticiário e retomá-la mais à frente de forma mais consistente.

Um outro fator que demonstra a dinamização da informação e da linguagem informativa por parte da TSF prende-se com o tipo de lançamento usado nas suas peças, que veio a assumir um grande impacto na rádio portuguesa. Se o lançamento “é tudo aquilo que está imediatamente antes do som ou da peça” (Meneses, 2003, p.64), a TSF trouxe um novo modo de abordagem “em que o editor antecipa/entra no conteúdo do som, relacionando-se com ele e ajudando à sua compreensão” (Meneses, 2003, p.64). O objetivo é referir, por outras palavras, o conteúdo inicial, auxiliando a compreensão do ouvinte e captando a sua atenção para o que vai ouvir após o lançamento. Para

---

<sup>9</sup> Agustina Bessa-Luís faleceu no dia 3 de junho de 2019. A TSF interrompeu a programação que estava “no ar” para dar conta desta morte.



além disso, uma outra imagem de marca da TSF são os rodapés que se seguem ao som. Torna-se, assim, claro que ao som junta-se sempre o complemento textual.

Para além das mudanças que a TSF trouxe ao jornalismo radiofónico, importa também mencionar o papel que esta rádio teve na evolução do jornalismo em geral. Há práticas que começaram na TSF e que, posteriormente, foram adotadas pela televisão. O “Fórum TSF”<sup>10</sup> é um exemplo disso. Com a sua criação, em 1995, foi possível ao ouvinte intervir e manifestar a sua opinião, pondo fim a qualquer barreira entre si e o órgão de comunicação social. Já no século XX, Brecht defendia que “o rádio poderia ser um fantástico sistema de canais se conseguisse não apenas emitir, mas receber, ou seja, se não permitisse ao ouvinte apenas ouvir, mas falar, não o isolando mas integrando-o” (1932).

Deste modo, “o Fórum TSF é, hoje, uma referência da rádio portuguesa e tem lugar garantido quando se fizer a história da comunicação social nestas décadas: pelo pioneirismo, pelo impacto, pelo consenso, pelo percurso intocável ao longo dos anos” (Meneses, 2003, p.193). Este formato teve tamanha importância que deu, mais tarde, origem a vários programas semelhantes na concorrência, o que nos leva a refletir sobre a importância do comentário na rádio.

Vários programas da TSF passaram, posteriormente, a ter edições na televisão. Como exemplos temos o caso do “Flashback”<sup>11</sup> ou do “Governo Sombra”<sup>12</sup>. A importância dada a este tipo de programação por parte de outros meios de comunicação deve-se a um fator comum a todos eles: o comentário. A TSF popularizou o comentário na rádio portuguesa. “Até a TSF surgir, era muito raro ouvir comentadores regularmente na antena, principalmente em direto com exceção do futebol” (Meneses, 2003, p.204). Hoje em dia, essa prática é comum.

Atualmente, já há programas só de debate político; ou desportivo; ou económico; ou cultural. Nas televisões, o comentário chegou mesmo a ser inserido nos noticiários tal é a sua importância na atualidade. Na rádio, ele implementou-se através da TSF. “A TSF criou o hábito de trazer à antena especialistas que enquadrassem histórica e criticamente a atualidade, que contextualizassem os factos e que emitissem sobre eles algumas projeções” (Meneses, 2003, p.204).

A todas estas criações, juntam-se os “*jingles*”<sup>13</sup> e as “notícias em primeira mão”. Ao ouvirmos os “*jingles*” atuais das rádios, onde a uma música está, geralmente, associado o nome da estação e uma frase identificadora, “os *jingles* criados pela TSF têm apenas um instrumental e muitos sons pequenos, não identificados, retirados da informação diária, a maior parte deles de origem político-partidária” (Meneses, 2003, p.212). Para além disso, a própria imagem sonora da estação<sup>14</sup> foi inovadora e pioneira na época e, de certo modo, marcou também a roupagem estética da rádio, o que, na opinião de Emídio Rangel, revela que “a TSF trouxe novidade no formato e na linguagem,

---

<sup>10</sup> O “Fórum TSF” teve tamanho impacto junto do ouvinte que, ainda hoje, continua a ser uma das imagens de marca da estação.

<sup>11</sup> “Flashback” era um programa de atualidade e comentário político.

<sup>12</sup> “Governo Sombra” é um programa de análise e crítica de atualidade política de formato mais livre e satírico.

<sup>13</sup> “*Jingle*” refere-se a uma mensagem musical promocional de curta duração.

<sup>14</sup> Por “imagem sonora” refiro-me a indicativos da estação e de abertura de noticiários, *jingles*, trilhas sonoras, entre outros.

criou um estilo e uma forma de estar em rádio, que ainda não tinha sido usada por mais ninguém" (*Público*, 2003).

Por outro lado, as “notícias em primeira mão” foram, também elas, um marco no jornalismo praticado pela TSF. Este tipo de notícias eram designadas “Notícia TSF” e destacavam-se pela exclusividade, ou seja, tratava-se de uma notícia que chegava ao ouvinte através da TSF e, portanto, “em primeira mão”. Atualmente, esta prática banalizou-se na comunicação social e já não é utilizada por esta estação.

### 3. TSF: a organização interna

A TSF dinamizou a informação e a própria linguagem informativa, dificultando o trabalho da concorrência, que se viu perante novos desafios e que teve de se adaptar a novas realidades.

Na base da dimensão conquistada por esta estação no jornalismo português estão características como a criatividade, que João Paulo Meneses afirma ser “uma das imagens de marca do jornalismo da TSF” (2003, p.45), mas não só. A comunicação interna foi um dos fatores cruciais para o bom funcionamento desta rádio.

Em primeiro lugar, a nível interno, no início de cada turno de informação, os jornalistas da TSF reúnem-se para perceber quais são os temas mais importantes do dia, tomar decisões e definir funções. Esta reunião torna mais fácil a organização dentro da redação e garante que haja o menor número de falhas possível. Nos primeiros anos, a TSF contava também com uma reunião no fim do turno onde se analisava o trabalho que tinha sido feito e se planeava o que seria importante efetuar no dia seguinte. No entanto, esta reunião no final do dia deixou de ser realizada na redação da TSF, mantendo-se apenas a reunião inicial.

Em segundo lugar, a TSF marcou ainda a diferença a nível interno por ter uma “estrutura hierárquica insólita: mínima no topo, alargada na base. Ou seja, muitos “operários” e escassos “chefes” (Meneses, 2003, p.304). Neste sentido, a estação tinha uma hierarquia simples, onde os cargos de direção eram poucos no contexto da redação.

Estas questões elucidam-nos para a importância de uma boa organização para um melhor funcionamento de uma empresa. A TSF começou a destacar-se pelo método de trabalho utilizado, o que se traduziu em novas ideias e conceitos que, mais tarde, viriam a revolucionar o jornalismo radiofónico e a influenciar o jornalismo em geral.

Atualmente, continua a ser a única rádio do país<sup>15</sup> que aposta por completo na informação e mantém alguns dos conceitos que a destacaram ao longo do tempo. O mais evidente são as “notícias de meia em meia hora”, uma das suas imagens de marca que permite ao ouvinte estar sempre atualizado sobre o que se passa no mundo. A TSF é ainda reconhecida pelos relatos de futebol, sendo muito ouvida, sobretudo, pelos adeptos de desporto. Para além disso, mantém a tradição dos programas de comentário e análise.

---

<sup>15</sup> No momento da redação deste relatório, a Rádio Observador nasceu no *online* e passou a emitir também em FM.

## Capítulo II – O Estágio na TSF

### 4. O início

De setembro a novembro de 2018 tive a oportunidade de estagiar na TSF. Apesar da redação funcionar como um todo, ela está dividida em dois pólos<sup>16</sup>: Porto e Lisboa. O meu estágio foi realizado no pólo do Porto, sendo a jornalista Leonor Ferreira a minha orientadora.

O estágio decorreu em constante observação, sendo que um dos pormenores que se destacou logo no primeiro dia foi a clara divisão entre o trabalho do jornalista e o do técnico de som/sonoplasta. Assim, na redação onde estive durante três meses, estão os jornalistas bem como o coordenador de agenda<sup>17</sup> e, nos estúdios, estão aqueles que se dedicam na íntegra ao tratamento do som (os técnicos), havendo uma certa distância física entre eles.

Enquanto estagiária de jornalismo, o meu percurso foi vivido, sobretudo, dentro da redação. E, nesse sentido, importa perceber o modo como ela se organiza. A TSF funciona por turnos, sendo eles: Manhã 1, Manhã 2, Tarde, Noite e Madrugada. Para que o turno seguinte esteja a par do que se passou no anterior, é utilizado um email acessível a toda a TSF, onde consta tudo o que foi feito e o que falta fazer. Para além disso, há também uma conversa entre os editores e/ou produtores dos diferentes turnos, de modo a que nada falhe na passagem de serviço.

Ao longo do meu estágio, integrei o turno da tarde que tinha início por volta das 13h e terminava às 20h. Neste âmbito, estive presente em todas as reuniões prévias, que considero ter sido uma mais valia para entender o modo como funciona uma redação e, acima de tudo, o processo de seleção de conteúdos que vão “para o ar<sup>18</sup>” durante esse turno.

Assim, a reunião diária começa pouco depois das 13h com o editor a referir quais são os assuntos que estão na agenda do dia para que, juntamente com a sua equipa, se possa decidir que notícias serão dadas, que eventos se vão cobrir e que funções cabem a cada um dos jornalistas. Importa ainda referir que, em todas as reuniões, está presente um jornalista do pólo de Lisboa, já que os dois pólos têm sempre de funcionar em conjunto porque, juntos, compõem a redação da TSF.

No entanto, a equipa nem sempre está em concordância quando se trata de tomar decisões. Esse foi um dos pontos fortes do meu estágio: perceber como é feita a seleção final. No ensino do jornalismo, somos informados sobre os valores-notícia, ou seja, uma notícia só será notícia se obedecer a determinados critérios que provoquem interesse no ouvinte/leitor. Nesse sentido, nestas reuniões, os jornalistas nem sempre estavam de acordo quanto à relevância de determinado assunto. Um dos debates mais enriquecedores que presenciei questionava se devia ser abordada uma notícia a que não tinha sido dada importância no turno anterior, mas que apresentava desenvolvimentos interessantes. Nestes casos, devemos sempre pensar se uma notícia vai evoluir

---

<sup>16</sup> Embora em espaços físicos diferentes (Porto e Lisboa), a redação da TSF tem uma gestão única e, por isso, constitui um todo. Assim, ao longo do artigo, refiro-me aos dois espaços como “pólos” para não criar confusão ao leitor.

<sup>17</sup> O coordenador de agenda tem um papel fundamental na TSF, já que é ele que faz a triagem e organiza a informação para que, posteriormente, seja dividida pelos restantes jornalistas.

<sup>18</sup> Ou seja, conteúdos que são transmitidos em antena.

no futuro ou se, pelo contrário, “morre” ali. Se for consistente, a TSF avança. Caso a equipa não entre em acordo, cabe ao editor a decisão final.

## 5. O meu percurso enquanto estagiária

A escrita para rádio é diferente da escrita para qualquer outro órgão de comunicação social. Na rádio, não existe um suporte à audição como existe na televisão (a imagem) ou nos jornais (o papel). Como diria João Paulo Meneses, “a escuta da rádio não tolera raciocínios retroativos, que obriguem o ouvinte a voltar atrás, enquanto a mensagem avança” (2003, p.132).

Por isso, ao longo de três meses, e com o acompanhamento da minha orientadora, o meu estágio na TSF visou, sobretudo, a produção de conteúdos que me permitissem uma maior aprendizagem no que diz respeito à escrita para rádio. Esta deve ser simples, direta e de fácil compreensão, porque “na rádio procuramos a essência da comunicação oral, mas escrevendo” (Meneses, 2003, p.32).

Neste sentido, ao escrever, diariamente, breves<sup>19</sup> sobre as mais diversas temáticas (desporto, economia, política, entre outras) apercebi-me da importância de simplificar ao máximo a escrita antes de a levar ao ouvinte. Para a sua redação apoiei-me sempre na LUSA e na *Reuters*<sup>20</sup> (as agências noticiosas mais utilizadas pela TSF para obter informações). Todos os dias, acertava com a minha orientadora as notícias que iria trabalhar e, de seguida, redigia as breves. No final do turno, era feita uma avaliação ao meu desempenho, onde eram apontadas dificuldades, avanços e possíveis melhorias.

Este método foi uma mais valia porque me transmitiu a noção do que é ou não notícia e aperfeiçoou a minha capacidade de síntese (processo fundamental na linguagem radiofónica). Ao simplificar a minha escrita consegui ultrapassar uma das dificuldades que senti neste estágio: atingir a oralidade que a escrita de rádio exige. Este meio tem uma linguagem própria e, ao aproximar-me dela, estou mais perto do que se pretende no registo radiofónico.

Para além do cuidado na redação, a leitura é fulcral quando se trata de dar a notícia ao ouvinte. “Na TSF, os textos não devem ser lidos, mas ditos! Falados!” (Meneses, 2003, p.104). Por esse motivo, depois de escritas e devidamente corrigidas, gravei sempre as breves nos estúdios da estação para poder praticar a leitura, que deve ser o mais natural possível. Durante esse processo, dispunha sempre do apoio de um técnico que não só tratava da gravação como trocava opiniões sobre aspetos a melhorar, para que fosse possível alcançar a oralidade pretendida.

Por outro lado, há outros tipos de trabalho que realizei e que considero terem sido muito importantes. A elaboração de peças com lançamento de sons foi bastante pertinente porque me forneceu novas ferramentas. Uma das mais importantes prende-se com o facto de saber extrair de uma entrevista/depoimento as partes mais relevantes e com interesse informativo e, posteriormente, enquadrar esses excertos com o meu texto de lançamento e com o rodapé. Esta aprendizagem também beneficiou a minha escrita, porque me alertou para a obrigatoriedade de

<sup>19</sup> O termo “breves” é utilizado na rádio para definir uma notícia curta e, por regra, apenas textual.

<sup>20</sup> A TSF utiliza o *software* “Dalet TeamNews” para aceder a estas agências noticiosas.

evitar redundâncias entre o texto e o som. Assim, considero que as peças feitas sobre o trabalho do técnico de som e a importância do coordenador de agenda na estação foram um excelente exercício, porque não só me permitiram desenvolver todas estas valências como a prática do género “entrevista”. Nestes dois casos, utilizei os estúdios da TSF para gravar as respetivas entrevistas e, de seguida, organizei a informação de modo a construir a peça. No entanto, a edição e montagem dos sons foi feita com o apoio do técnico de som.

As dobragens, por sua vez, foram importantes para perceber o quão fulcral é a forma como lemos na rádio. A entoação numa dobragem é diferente da entoação numa notícia e obedece a um conjunto de regras próprias (um exemplo: a dobragem deve sempre começar e terminar com a voz da pessoa que está a ser dobrada e não com a voz do jornalista).

As saídas em reportagem também constituíram uma boa experiência para me elucidar acerca dos procedimentos fora do contexto da redação. Mas mais importante ainda, porque me alertaram para a necessidade do repórter ter o discernimento de, ao chegar ao local, avaliar se, de facto, existe notícia.

Por fim, na reta final do meu estágio curricular, sugeri à TSF fazer uma reportagem sobre os artistas de rua. Sair da redação para a Rua de Santa Catarina, no Porto, e recolher sons, entrevistar os artistas e, posteriormente, construir e montar a reportagem permitiu-me desenvolver várias competências não só relativamente ao tratamento do som, como a nível escrito. O texto de uma reportagem é completamente diferente do texto de uma notícia. É mais livre, apela à criatividade e à construção de uma narrativa com base em histórias. Histórias essas que, por falta de meios, estão cada vez menos presentes na rádio.

Para além disso, a própria leitura neste tipo de trabalhos difere do registo usado nas peças de cariz mais informativo. E, nesse sentido, esta nuance tornou-me mais versátil. Este foi, sem dúvida, o trabalho mais importante que realizei porque possibilitou que, em dez minutos, depositasse todas as aprendizagens que adquiri durante aqueles três meses.

## **6. Conclusões finais sobre o estágio**

Analisando o percurso que fiz na TSF, concluo que o estágio não só me permitiu pôr em prática tudo aquilo que aprendi na faculdade como adquirir novas competências que só na prática é possível apreender.

Se nos capítulos anteriores referi o que destaca a TSF das restantes rádios e a mudança que ela trouxe para o jornalismo radiofónico, a minha presença na redação tornou possível confirmar algumas das características que a tornam uma rádio diferenciada.

Assim, durante o estágio, constatei a importância das “notícias de meia em meia hora” e o ambiente que se vive na redação para que as informações sejam sempre fidedignas e confirmadas antes de

irem para “o ar”. O jornalista<sup>21</sup> que dá as notícias numa hora é o mesmo que dá as dessa meia hora (ou seja, o editor do bloco informativo das 16h é o mesmo das 16h30).

Para além disso, tive a oportunidade de assistir a uma “antena aberta” que, de facto, comprova a preocupação por parte da TSF em interromper qualquer emissão que esteja “no ar” para se focar no assunto de interesse na atualidade informativa daquele momento. Neste caso, tratava-se da demissão do Ministro da Defesa. Assim que se tornou pública, a TSF interrompeu a programação para dar conta deste acontecimento e, utilizando o direto, falou com vários políticos sobre este assunto. Deste modo, apercebi-me que o jornalismo não pode ser um trabalho solitário já que, o jornalista que estava em direto naquele momento, que recorria ao improvisado, tinha sempre um suporte da equipa que fazia contactos, marcava as entrevistas e lhe dava as informações necessárias sobre as atualizações que iam surgindo.

Por outro lado, ao produzir peças com lançamento de sons percebi a importância, para a linguagem informativa, desta técnica introduzida pela TSF e os desafios que este trabalho proporciona. Há um conjunto de regras que se devem respeitar: como, por exemplo, o som deve sempre ser uma continuidade do lançamento do jornalista sem nunca se tornar redundante.

Em contrapartida, - e analisando o meu estágio tendo em conta a tendência generalizada para a autonomização do trabalho do jornalista -, considero que não houve, por parte da estação, uma preocupação em preparar-me para trabalhar o som.

Atualmente, o jornalista é um “faz tudo”, ou seja, deve estar preparado não só para redigir como para gravar, editar e montar as suas peças. Desta forma, nos computadores das redações, para além das ferramentas habituais, já é comum constar um programa de edição de áudio. “Não há funções estanques no jornalismo e se até há alguns anos ainda havia separação clara entre os vários setores produtivos (jornalismo, animação, técnica), hoje isso já começa a ser posto em causa” (Meneses, 2003, p.289). No entanto, a TSF (neste caso, o pólo do Porto) ainda faz alguma distinção entre o trabalho do técnico de som e o do jornalista.

Assim, cabe ao técnico o tratamento dos sons enquanto que ao jornalista compete-lhe selecionar e hierarquizar a informação. Ora, se “a edição é o principal instrumento que o jornalista de rádio tem à disposição para concretizar esse poder” (Meneses, 2003, p.88), o futuro aponta para que este profissional tenha competências para editar as suas próprias peças, deixando livre o técnico de som para trabalhos mais elaborados. Nesse sentido, a faculdade prepara os futuros jornalistas para encontrar estes desafios nas redações e ajuda-os a desenvolver ferramentas que lhes permitam responder a essas exigências.

A este propósito, a prática que obtive na faculdade incentivou-me a ser mais autónoma no que concerne à edição sonora, desenvolvendo o contacto com programas de áudio e promovendo uma diversificação de funções. Ou seja, academicamente, tive domínio em todo o processo de elaboração de um trabalho jornalístico (redação, entrevista, edição, montagem, entre outras).

---

<sup>21</sup> Esta prática nem sempre foi assim. Houve períodos na TSF em que existia um editor das horas e outro das meias horas na mesma equipa.



Esta não foi a realidade que encontrei na TSF Porto. Preparada para desenvolver todas estas competências, deparei-me com a falta de autonomia a nível de edição e montagem das peças. O modo de funcionamento da redação ainda assenta no binómio jornalista-técnico. E, por esse motivo, não tive continuidade na prática que adquiri na faculdade.

Assim sendo, concluo que não consegui usar todas essas ferramentas no meu estágio, visto que não tive grande ligação ao tratamento do som. Isto é, sempre que me foi proposto fazer uma peça, a única proximidade que tive com áudio foi a possibilidade de decidir qual o conteúdo de determinado som que queria utilizar e, de seguida, pedia ao técnico que o cortasse do segundo “x” ao segundo “y”.

Para além disso, sempre que realizei algum *edit*<sup>22</sup> foi-me sugerido anotar o tempo dos sons que pretendia, utilizando a chamada técnica de “corta e cola”<sup>23</sup>, e dirigir-me ao técnico para que fosse ele a trabalhá-los e a montar a peça. Já no que respeita à reportagem que finalizou o meu estágio, o meu trabalho passou por escolher o tema, fazer os devidos contactos, gravar todos os sons e redigir, decidir e organizar. No entanto, toda a edição da reportagem foi feita em conjunto com o sonoplasta, Joaquim Dias, que se dedicou ao tratamento e edição de todos os sons.

De qualquer modo, e por considerar que a curiosidade é a característica que define um bom jornalista, procurei sempre, por iniciativa própria, deslocar-me aos estúdios onde estão os técnicos de som e observar o seu trabalho, colocar questões e reunir o máximo de aprendizagens sobre esta função por acreditar que será uma mais valia para o meu futuro profissional.

Considero, todavia, ter havido complementariedade entre a aprendizagem académica e a prática do estágio na TSF. Enquanto que a faculdade me transmitiu os princípios e técnicas jornalísticas, a rádio, para além de me permitir observar o funcionamento de uma redação e ter contacto com o ambiente profissional, contribuiu para o meu crescimento na prática do jornalismo.

Posto isto, penso conseguir resumir as aprendizagens que retiro deste estágio na TSF recorrendo ao pensamento de Andrew Crisell, que interpreta a rádio como um “meio cego” (2006, p.3). Ou seja, “não conseguimos ver as suas mensagens, elas consistem apenas em barulho e silêncio e é por causa desta cegueira que a rádio possui qualidades distintas<sup>24</sup>” (Crisell, 2006, p.39).

O único sentido que a transmissão rádio estimula no recetor é a audição. No caso dos jornais, o leitor tem sempre a possibilidade de voltar atrás caso não tenha entendido a mensagem. Na televisão, ao som alia-se sempre o complemento da imagem que ajuda a passar a mensagem e a prender a atenção do espetador. Por sua vez, dada esta particularidade da rádio, é necessário que a mensagem que é transmitida seja clara, simples e facilmente compreensível para que o ouvinte não disperse a atenção perante informações que não lhe sejam fáceis de entender.

---

<sup>22</sup> Na rádio, um *edit* é uma edição de um som, uma entrevista ou uma peça.

<sup>23</sup> Terminologia usada para definir um *edit* na rádio que consiste em cortar vários sons e “colá-los” de forma a alterar uma peça.

<sup>24</sup> Tradução da autora deste relatório.

“Não há imagem nem texto. O contacto ou meio, como o irei chamar, é completamente não visual: os recetores, que são ouvintes, ou uma audiência, não conseguem ver o emissor como veem na televisão ou nos filmes; também não oferecem a hipótese de uma mensagem visível e duradoura como na literatura. Os códigos da rádio são puramente auditivos, consistindo apenas em discurso, música, sons e silêncio (...) a audição não é o nosso sentido mais ‘inteligente’, pelo que esses códigos devem ser relativamente simples”<sup>25</sup> (Crisell, 2006, p.5).

---

<sup>25</sup> Tradução da autora deste relatório.



### Capítulo III - Necessidade de reduzir custos nas empresas de comunicação social *versus* qualidade dos resultados

Depois de uma breve descrição sobre a importância da TSF para o jornalismo que se pratica, ainda hoje, em Portugal, e do meu estágio nessa estação radiofónica, os capítulos que se seguem apresentam uma reflexão sobre a crise que se vive nos órgãos de comunicação social.

Neste capítulo propriamente dito é feita uma contextualização sobre as dificuldades que o jornalismo tem vindo a enfrentar, que levou a que muitas empresas efetuassem cortes orçamentais, dando origem a redações cada vez mais pequenas e em condições laborais tendencialmente precárias.

Torna-se, então, fundamental identificar o que está na origem da crise dos *media* e, posteriormente, a forma como as mudanças no jornalismo poderão (ou não) estar a contribuir para esta conjuntura. De seguida, importa ainda investigar o modo como a reação a todas estas exigências impostas pela conjuntura se refletem nos resultados apresentados pelos órgãos de comunicação social ao público.

#### 7. Crise dos *media*: origem e consequências

“O contexto dos meios de comunicação em Portugal tem sido marcado por uma crise profunda, agravada pela depressão económica que o país tem atravessado nos últimos anos” (Bastos, 2014, p.38). A crise no modelo de negócio dos *media* veio a agravar-se com a conjuntura económica de 2008, que se refletiu na quebra da publicidade e, consequentemente, numa “(...) luta ainda mais acérrima pelas audiências” (Barriga, 2014, p.5).

Mas, na verdade, a crise nos *media* começa antes disso – e não só em Portugal. Nos finais do século XX, surgem sintomas de perda na comunicação social tradicional. “(...) o que os alarmou [*media*], em 1999, foi apenas o início<sup>26</sup>” (Fuller, 2010). Na década de 90, Tim Berners-Lee inventou a *World Wide Web* (*www*) e, a partir desse momento, nada permaneceu igual. Com os novos desafios trazidos pela internet, torna-se necessário repensar o modelo de negócio. A este propósito, Bertrand Pecquerie<sup>27</sup> refere que “a crise não é cíclica, é verdadeiramente estrutural<sup>28</sup>” (*Le Monde*, 2012). É neste processo de procurar redefinir o modelo de negócio, adaptar-se a novas plataformas e à quebra de publicidade que a crise económica de 2008 encontra os *media* portugueses.

Na verdade, as empresas de comunicação social tinham sentido “a necessidade de financiamento independente dos grupos de interesse político-partidário” (Ferreira, 2011, p.131), o que obrigou estes meios “a recolherem dividendos da publicidade e da compra dos jornais” (Ferreira, 2011, p.131). As empresas passaram, assim, a gerar lucro através das receitas publicitárias, ou seja, a

---

<sup>26</sup> Tradução da autora deste relatório.

<sup>27</sup> Bertrand Pecquerie é proprietário da Rede Global de Editores.

<sup>28</sup> Tradução da autora deste relatório.

publicidade passa a ter um papel fundamental nos órgãos de comunicação social em termos de financiamento.

No entanto, aquando da crise económica, estas receitas caíram. “A queda da publicidade limita os meios de comunicação social em quase todo o mundo” (*Renascença*, 2017), o que se traduz em cortes orçamentais e, conseqüentemente, na deteriorização das condições de trabalho dos jornalistas.

Por outro lado, esta crise também teve como consequência a mudança na propriedade dos *media*, isto é, a passagem das empresas de comunicação social para “as mãos” de grupos económicos. Esta realidade agravou ainda mais a conjuntura já que esta mudança acabou por traduzir-se em inexperience de gestão do meio por parte desses grupos. “Hoje, os *media* são empresas que integram grandes grupos económicos nacionais e mundiais, ao ponto de as ameaças ao jornalismo resultarem mais das lógicas empresariais do que da repressão política” (Camponez, 2012, p.9).

Neste contexto de mudança, a indústria dos *media* necessita de “uma transformação que combine novas oportunidades tecnológicas, maior disponibilidade de recursos financeiros, mudanças nas estratégias publicitárias e a recuperação das audiências<sup>29</sup>” (Mateo, Bergés, & Garnatxe, 2010, p.254). Isto, em conjunto com o *online* e as redes sociais, vem acentuar a premência de reajustar o modelo de negócio. A difusão destes novos meios alterou os hábitos de consumo dos *media*, já que as pessoas têm uma oferta mais diversificada, mais rápida e menos dispendiosa.

Em 2018, o *Digital News Report* indicava que 72% dos portugueses consumiam conteúdos na internet (*Reuters*, p.95), sendo que este nível de procura resulta em que “as notícias *online* em Portugal sejam quase tão populares quanto a televisão em termos de alcance semanal (...)”<sup>30</sup> (*Reuters*, p.95).

Esta série de mudanças deu origem a uma debilidade financeira que, aliada à perda de audiências, fez com que as empresas se vissem obrigadas a reduzir os seus custos realizando cortes orçamentais e, conseqüentemente, despedindo vários jornalistas. Os resultados são visíveis ainda hoje: redações mais pequenas, constrangimentos financeiros e instabilidade laboral.

“Há um claro problema de escala, dada a exiguidade do mercado (quer de consumo de *media*, quer de angariação de publicidade), que faz com que uma estrutura mínima de custos fixos, abaixo da qual não é possível descer — sobretudo no que toca à quantidade de jornalistas para fazer uma redação aceitável —, só muito dificilmente seja compensada pelas receitas expectáveis. Assim, a rentabilidade das empresas portuguesas de *media* acaba sempre por ser muito baixa, ou até negativa em grande parte das situações” (Fidalgo, 2012, p.11)

---

<sup>29</sup> Tradução da autora deste relatório.

<sup>30</sup> Tradução da autora deste relatório.

As vítimas de todos estes constrangimentos não foram apenas os jornalistas, mas o próprio jornalismo já que a falta de verbas impediu que inúmeros trabalhos fossem realizados. “(...) a primeira vítima é o jornalismo de investigação, que não é barato” (*Renascença*, 2017). Deste modo, a qualidade dos *media* pode ter sido afetada a partir do momento em que se deixou de apostar tanto em determinados géneros jornalísticos.

Por outro lado, a normal renovação de quadros profissionais nas redações também pode ser posta em causa.

“O principal fator do processo de recomposição social do jornalismo português, assente numa renovação constante do quadro de profissionais, tende a ser ameaçado por uma rutura patente numa retração do mercado de trabalho, na imposição de diferentes óbices no ingresso profissional ou mesmo na desistência precoce dos recém-ingressados” (Pacheco & Freitas citado por Miranda & Gama, 2015).

A crise trouxe condições laborais desfavoráveis a estes jornalistas que se veem obrigados a trabalhar a recibos verdes. Num inquérito realizado, em 2015, a Rui Gama e João Miranda constataram que “os jornalistas da imprensa e da rádio estão presentes sobretudo no conjunto referente às situações laborais mais vulneráveis - 43,6 % e 50,6 %, respetivamente” (2019).

Apesar de todas as movimentações nos grupos de comunicação social e de tentativas de viabilização das empresas (com reestruturações, despedimentos, entre outros), as condições laborais continuam a ser tendencialmente precárias. “Há algumas décadas que assistimos ao processo de proletarização dos jornalistas. Não há autonomia possível quando 26% dos jornalistas trabalham a recibos verdes e 69% recebem entre 500 e 1500 euros, sendo que metade recebe menos de 1000 euros e 22% menos de 700” (*Expresso*, 2017).

Não obstante, um estudo publicado na *Revista Comunicando* dá conta de que, em 2017, estavam registados “6114 jornalistas (e equiparados) com carteira profissional. Apesar de uma quebra na última década, os jornalistas são muitos mais do que foram ao longo do século XX” (Crespo, Cardoso, & Azevedo, 2017, p.44). Assim, “o pico terá sido atingido no período 2004-2006, altura em que se contabilizaram 7349 e 7402 jornalistas, respetivamente. Em 2009 estava-se já em período de redução de profissionais, com 6917 registos, linha descendente que terá continuado até 2017” (Crespo, Cardoso, & Azevedo 2017, p.45). Este é o espelho da profissão.

## 8. Cortes nas redações portuguesas

“Num mercado jornalístico de pequenas dimensões, a quebra acentuada de receitas publicitárias e a perda de audiências, sobretudo na imprensa, levou a vagas de despedimentos sem precedentes que afetaram, sobretudo, jornalistas dos maiores grupos de comunicação” (Bastos, 2014, p.38).

A crise económica que se viveu em 2008 aumentou significativamente a taxa de desemprego em Portugal. O mercado jornalístico foi um dos mais afetados. “Em finais de 2007, antes do deflagrar da crise económica e financeira mundial, Portugal tinha uma taxa de emprego próxima dos 58%. (...) Passados três anos, apenas 51,1% dos ativos têm emprego” (*Público*, 2014). Em muitas empresas, e, principalmente, nas empresas privadas, a publicidade é a sua única fonte de receitas.

“No espaço de quase uma década (2004-2013), as receitas publicitárias de três dos principais grupos de *media* portugueses cotados em bolsa (Impresa, Media Capital e Cofina) caíram um terço. Em 2014, a publicidade representava já menos de metade do total das receitas geradas pelos três grupos, que entretanto procuram diversificar as suas fontes de receitas” (Nobre citado por Bastos, 2014, p.39).

Assim, quando há uma quebra nas receitas publicitárias há, automaticamente, uma queda nos recursos, tendo sido este um dos principais motivos para a redução do número de jornalistas nas redações portuguesas. “A consequência mais visível da crise nas empresas jornalísticas tem sido os despedimentos” (Bastos, 2014, p.40). No entanto, apesar do número de despedimentos se ter agravado significativamente durante e após a crise, a situação é anterior à conjuntura. De acordo com Hélder Bastos<sup>31</sup>, “entre 2000 e 2005, cerca de trezentos e cinquenta jornalistas portugueses foram levados a rescindir os contratos de trabalho durante processos de reestruturação” (2014, p.40), um sinal de que o modelo de negócio já apresentava fragilidades.

A situação agravou-se aquando da crise económica. Segundo um estudo realizado pelo Sindicato dos Jornalistas quatro anos após o início da conjuntura, “entre 2007 e 2011, deram entrada na Caixa de Previdência e Abono de Família dos Jornalistas (CPAFJ) quinhentos e sessenta e seis novos pedidos de subsídio de desemprego, num total de seiscentos e noventa e quatro processos” (2012). O mesmo estudo adianta ainda que “no primeiro trimestre de 2012, o número de processos atingiu quase quatro dezenas. Em média, no decênio 2002-2011, a Caixa pagou mais de 2,7 milhões de euros por ano em subsídios” (*Sindicato dos Jornalistas*, 2012).

Neste âmbito, as maiores empresas são as que mais despedem. Assim, “no triénio 2009-2011, o grupo Controlinveste liderou, com 29,5%, o *ranking* das empresas responsáveis por trezentos e quarenta e dois pedidos de subsídio nesse período, sendo seguido pela Cofina (16,7%) e a Impala (14%)” (*Sindicato dos Jornalistas*, 2012).

No entanto, os constrangimentos financeiros não influenciaram apenas o despedimento de jornalistas por todo o país. A crise que atingiu o mercado jornalístico também obrigou a que muitos projetos editoriais chegassem ao fim por falta de verbas. “Em 2011, mais de trezentos e cinquenta publicações ordenaram o cancelamento do seu registo na Entidade Reguladora para a

---

<sup>31</sup> Hélder Bastos foi jornalista do *Jornal de Notícias* durante onze anos. Entre 1999 e 2003 foi editor do *Diário de Notícias*. Atualmente, é professor de Ciências da Comunicação, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP).

Comunicação Social” (Venâncio<sup>32</sup> citado por Bastos, 2014, p.39). Mais uma vez, os grandes grupos foram os mais afetados: “nos maiores grupos de comunicação, foram mais de vinte os jornais e revistas encerrados” (Venâncio citado por Bastos, 2014, p.39). O *Diário Económico* é um exemplo de um órgão de comunicação social que não resistiu ao impacto da crise.

- ***Diário Económico: fecho por falta de meios financeiros***

Fundado em 1989, o *Diário Económico* foi um jornal de referência português que esteve presente na imprensa escrita, no *online* e na televisão. Todos os dias, o jornal chegava “às mãos” dos portugueses com as últimas notícias sobre a economia do país e do mundo. No entanto, após a crise que abalou o mercado jornalístico, os constrangimentos vividos na redação do *Diário Económico* foram fatais.

“*Diário Económico* fecha a edição em papel”, podia ler-se em vários títulos de jornais nacionais no ano de 2016. Era a confirmação do que todos temiam. Anteriormente, trabalhadores deste projeto já tinham mostrado o seu descontentamento quanto ao rumo que o jornal estava a levar. “O *Diário Económico* está em risco de entrar em insolvência. Os trabalhadores já anunciaram querer ‘assumir a continuidade do projeto’ e pedem ajuda aos portugueses” (*Observador*, 2016). A 23 de fevereiro de 2016, os jornalistas do *Diário Económico* apelaram aos portugueses à compra do diário. O pedido surgiu depois da administração do jornal ter colocado a hipótese de fecho deste título. Apesar dos salários em atraso, os jornalistas prometeram continuar a trabalhar e a lutar até não haver mais nada a fazer.

“Em comunicado, os trabalhadores, que se reuniram em plenário esta terça-feira, ‘reafirmam a sua intenção de levar a cabo o projeto em todas as suas valências– jornal, televisão e *online*’, face ao ‘cenário de insolvência (...) posto em cima da mesa pela administração’” (*Observador*, 2016).

Pouco menos de um mês depois, a edição em papel do *Diário Económico* chegava ao fim. Às 18h33 do dia 17 de março de 2016, o jornal *Expresso* avançava com a notícia. “Falta de meios financeiros e humanos para assegurar a continuidade do projeto aceleraram fecho da edição em papel do *Diário Económico*” (2016). A falta de verbas e, conseqüentemente, de trabalhadores tornou impossível continuar a publicar a versão impressa. No entanto, a administração da empresa decidiu manter a versão *online* e as emissões do canal ETV. “Esta foi a solução encontrada pela administração do jornal para manter a empresa em funcionamento” (*Expresso*, 2016). A verdade é que, alguns meses depois, quer a versão *online* quer o canal ETV acabariam também por ser extintos.

---

<sup>32</sup> Curiosamente, Venâncio deu esta informação ao *Diário Económico*, em 2012. A notícia tinha como título “Mais de 350 títulos cancelaram licenças em 2011”. Anos mais tarde, seria o próprio *Diário Económico* a viver esta realidade, tendo sido fechado em 2016.

Apesar de todas as mudanças que ocorriam no jornalismo nesta época (e que abordaremos mais à frente), havia quem defendesse que o fecho deste jornal não se devia única e exclusivamente a essa conjuntura. Um dia após o encerramento da versão em papel do *Diário Económico*, Paulo Ferreira<sup>33</sup> afirmava que “o *Económico* teve o azar de ter os accionistas errados, que não merecem de todo a equipa que está a cair de pé e manteve a liderança do mercado até ao último dia” (*Observador*, 2016). A razão para o fecho deste órgão de comunicação, segundo o jornalista, seria, então, a má gestão do meio.

O caso do *Diário Económico* é um exemplo claro do modo como a crise do modelo de negócio, aliada à crise económica, levou ao fecho de uma empresa jornalística. No entanto, há outros órgãos de comunicação social que tiveram de enfrentar os mesmos problemas e que, apesar de não terem sido encerrados, sofreram uma mudança significativa. Cortes orçamentais, redações mais pequenas e fecho de delegações ao longo do país são as consequências mais visíveis da crise em alguns destes órgãos. São exemplo disso o *Jornal I*, o *Público*, o *Jornal de Notícias*, o *Diário de Notícias*, a TSF, a Renascença e a Antena 1.

- ***Jornal I***

Ainda no que diz respeito à imprensa escrita, o *Jornal I* é um exemplo de um órgão de comunicação social que se viu obrigado a responder à crise reduzindo o número de jornalistas da empresa. O primeiro número do “*I*” foi lançado em 7 de maio de 2009, ou seja, surge já na época de crise económica, o que o torna um caso interessante de ser analisado.

Em 2010, o *Jornal I*, que pertencia ao grupo Lena, era falado por todo o país por estar a enfrentar um clima de mudança. O grupo tinha uma dívida de 600 milhões de euros fruto das “dificuldades de financiamento sentidas ultimamente e da opção de se concentrar nos negócios da construção e do ambiente” (*Expresso*, 2010).

Para dar resposta a esta situação foi pedido ao diretor do jornal, Martim Avillez Figueiredo, que “adotasse medidas urgentes que reduzissem os custos do jornal, sublinhando a importância da sua imediata adoção para a sobrevivência do título” (*Expresso*, 2010). Foi, então, sugerida a Martim Figueiredo a “reorganização da redação com o objetivo de atingir uma redução de custos no valor de 30 mil euros mensais, reduzir 20% de custos com serviços de agências noticiosas e reduzir oito páginas no suplemento *Ireportagem*” (*Expresso*, 2010). Martim Avillez Figueiredo não concordou com a redução de custos que lhe estava a ser proposta e, pouco tempo depois, deixou o seu cargo entregue a André Macedo.

No entanto, a situação não melhorou. Jaime Antunes torna-se proprietário do jornal, em 2011. Porém, a instabilidade financeira permanecia. “O *Jornal I* está a fazer ‘reajustamentos’ nos seus custos operacionais que passam pela redução dos salários mais altos” (*Dinheiro Vivo*, 2011). A

---

<sup>33</sup> Paulo Ferreira foi colunista do *Diário Económico* entre 2014 e 2015, tendo também passado pelo jornal *Público* e pelo *Dinheiro Vivo*. Entre 2009 e 2012, foi editor de economia, na RTP e, de 2012 a 2013, foi diretor de informação da estação. Atualmente, comenta assuntos relacionados com a economia, na TVI e colabora com a rádio/site Observador.



opção para reduzir os custos da empresa passava, então, por baixar o salário apenas aos trabalhadores com um ordenado mais alto, atingindo um valor máximo até 40%, ou rescindir amigavelmente o contrato de trabalho. A proposta foi apresentada a 80 profissionais do jornal.

No mês seguinte, era publicado que “um total de 11 colaboradores do *Jornal I* não aceitou a redução salarial proposta pela administração e está de saída” (*Dinheiro Vivo*, 2011), dando, assim, início a um desfalque no número de jornalistas da redação. Mais tarde, o grupo *Newshold*, proprietário do semanário *Sol*, assume a gestão do *Jornal I*, com o objetivo de juntar as duas redações num edifício comum.

Todavia, a situação do órgão de comunicação social não apresentava melhorias visto que, desde o seu nascimento em 2009 e até 2015, o jornal teve quatro proprietários e cinco direções, o que demonstra o seu percurso conturbado e instável.

Em 2015, o grupo *Newshold* decide desistir dos dois jornais. Mário Ramires, que pertencia à administração do *Sol* até então, sai do grupo e cria uma nova empresa com o objetivo de gerir os dois jornais, o que implicaria que ambas as redações sofressem uma grande reestruturação. “Os elementos da nova redação, que irão exercer funções nos dois jornais, irão sofrer cortes nos salários e não haverá capital para cobrir despesas de deslocação, por exemplo” (*Diário de Notícias*, 2015). Deste modo, dos 120 trabalhadores que faziam parte da *Newshold*, apenas 66 seriam transferidos para a nova empresa. Os restantes seriam despedidos e devidamente indemnizados.

Atualmente, quer o *Jornal I* quer o semanário *Sol* continuam a debater-se com problemas financeiros.

- ***Público***

O *Público* é um jornal de informação diário que também não escapou às consequências da crise.

No ano de 2009, foram muitas as notícias que se escreveram sobre a instabilidade laboral neste meio de comunicação. Era necessário reduzir os custos na empresa e, tal como no *Jornal I*, foi proposta aos jornalistas a redução nos seus salários. Em julho do mesmo ano, 90% dos funcionários assinaram o acordo com vista a melhorar a situação económica da empresa.

No entanto, posteriormente, não foi possível evitar o despedimento de vários jornalistas. Em outubro de 2012, o *Público* anunciou o despedimento coletivo de 48 profissionais, desfalcando várias categorias do jornal. “Local, agenda e desporto foram as áreas mais afetadas” (*Jornal de Notícias*, 2012). Como resposta a esta ação, os trabalhadores convocaram uma greve por acreditarem que “este despedimento inviabiliza a continuidade do *Público* enquanto órgão de comunicação social de referência” (*Jornal de Notícias*, 2012) e que, conseqüentemente, afetaria a qualidade dos resultados levados aos leitores.

Considerando o panorama geral, e segundo avançou o *Jornal de Notícias*, “o despedimento coletivo afetou 19% dos 253 trabalhadores” (2012). A esta vaga de despedimentos juntou-se ainda uma série de rescisões amigáveis com alguns jornalistas. “A administração justifica a medida apontando uma redução de custos na ordem dos 3,5 milhões de euros” (*Jornal de*

*Notícias*, 2012). No entanto, há quem considere que o defeito está na estratégia comercial do jornal. “Os últimos anos têm sido de cortes sucessivos na despesa, mas na despesa que lhe poderia dar receitas, caso o jornal tivesse uma estratégia comercial adequada ao mercado português” (*Briefing*, 2012).

Alguns meses mais tarde, o *Público* elegia cinco dos jornalistas que tinham sido despedidos para formar o novo Conselho de Redação.

“A eleição surge depois de os anteriores elementos do Conselho de Redação terem apresentado a demissão ‘em bloco’ a 31 de outubro, pelo facto de aquele órgão integrar jornalistas que a «direcção editorial entende que o *Público* pode dispensar e que foram incluídos no despedimento coletivo promovido pela administração»” (TVI24, 2012).

No entanto, os jornalistas renunciaram ao cargo afirmando que era necessário um Conselho de Redação que “possa retomar com a direção um diálogo que permita a sobrevivência do jornal enquanto produto de referência inspirado na sua matriz inicial” (*Sol*, 2012).

Este é, assim, mais um exemplo de um órgão de comunicação social que, para evitar o fecho, recorreu a cortes orçamentais e no número de trabalhadores.

- ***Diário de Notícias e Jornal de Notícias***

O *Diário de Notícias* e o *Jornal de Notícias* também são um exemplo claro de como a imprensa escrita tem vindo a ser afetada pela crise. Os dois jornais pertencem ao mesmo grupo e, por isso, ambos viveram períodos difíceis ao longo dos últimos anos.

Em 2009, ou seja, em plena época de crise económica, os dois jornais viam as suas redações ficar mais pequenas. Na altura, pertenciam ao grupo Controlinveste – a empresa responsável pelo maior número de despedimentos no triénio 2009-2011. Em janeiro desse ano, foi anunciado o despedimento de cerca de 122 colaboradores, tendo sido o *Diário de Notícias* e o *Jornal de Notícias* ‘os mais afetados’” (TVI24, 2009).

No ano de 2014, a Controlinveste volta a anunciar o despedimento coletivo de vários trabalhadores do grupo. Deste modo, foram demitidas cerca de 160 pessoas, sendo que 65 eram jornalistas. No mesmo ano, o Sindicato dos Jornalistas defendia que “as redações do grupo já estão demasiado exauridas e que um novo ‘emagrecimento’ forçado daqueles coletivos vai necessariamente implicar uma redução do serviço produzido, com reflexos na qualidade das publicações, que pode pôr em causa as suas vendas e a sua viabilidade” (*Jornal I*, 2014). Segundo o sindicato, a saída dos trabalhadores iria comprometer a capacidade operacional das redações do *DN* e do *JN*.



As dificuldades financeiras do grupo estão na origem de todos estes despedimentos. “A equipa liderada (...) pelo advogado Daniel Proença de Carvalho justifica os cortes nos quadros de pessoal com a crise no sector dos *media*, que levou a uma redução constante da facturação na publicidade e nas vendas dos títulos” (*Público*, 2014). Assim, para reduzir nos custos da empresa, a Controlinveste optou por diminuir o número de profissionais nas redações, o que, segundo o grupo, implicaria “uma poupança de 5,5 milhões de euros por ano” (*Público*, 2014).

Neste ano, o *Diário de Notícias* foi o jornal mais afetado pela vaga de despedimentos no grupo. “No *DN* são cerca de 25 os jornalistas afetados pela reestruturação” (*Expresso*, 2014). Para a redação deste jornal, o despedimento coletivo “põe em causa a qualidade editorial do jornal” e coloca em dúvida “a existência de um projeto editorial sólido e que garanta o futuro do *DN*” (*País ao Minuto*, 2014). A redação referiu ainda que “houve um desinvestimento na área [*online*], com o despedimento de trabalhadores que tinham formação multimédia e com a tendência de redução da infografia” (*País ao Minuto*, 2014). Por outro lado, a redação do *JN* de Lisboa viria a perder o título de “delegação” para passar a ser “secção lisboeta” (*Expresso*, 2014).

Em Dezembro de 2014, o nome da Controlinveste é alterado para Global Media Group e, em 2016, fica na posse de um novo investidor<sup>34</sup> que garante que não haveriam mais despedimentos.

No entanto, em fevereiro deste ano, surgem notícias de um novo possível despedimento coletivo. Escreve-se que o grupo “está a negociar com a banca um plano de emagrecimento que poderá conduzir ao corte de mais de cem empregos, grande parte dos quais jornalistas. O cenário extremo apontaria para uma redução que chegaria às duzentas rescisões e uma boa parte de colaboradores” (*Expresso*, 2019). Apesar deste assunto ainda estar a ser negociado, a causa apontada para esta possibilidade de despedimentos prende-se, novamente, com a necessidade de reduzir custos para inverter uma situação de défice. No entanto, neste caso, o *Jornal de Notícias* será uma exceção devido ao seu contributo positivo ao longo dos últimos anos.

Em contrapartida, desde o ano passado, o *DN* deixou de ser publicado diariamente em papel, passando apenas a usar esse formato, numa primeira fase, ao domingo e, atualmente, ao sábado. Mantém, no entanto, uma edição *online* diária. Este plano está longe de atingir os objetivos de recuperar a vitabilidade do jornal.

“A edição em papel do *DN* continua com vendas baixas, com os dados auditados pela APCT a revelarem uma circulação paga a menos de metade das expectativas iniciais da administração, que anunciou objetivos de vendas de 25 mil exemplares por edição quando o *DN* passou para semanário, no início do verão passado” (*Expresso*, 2019).

---

<sup>34</sup> Em 2016, o empresário Kevin Ho torna-se accionista do Global Media Group, fazendo um investimento de quinze milhões de euros.

Este é um dos casos que revela que, ainda hoje, muitos órgãos de comunicação social se encontram numa situação instável a nível financeiro e que, na maior parte das vezes, recorrem ao corte de trabalhadores como forma de reduzir os custos na respetiva empresa.

Se até aqui abordámos a crise na imprensa escrita, importa referir que esta também afetou outros órgãos de comunicação social. Na televisão temos, por exemplo, o caso do Porto Canal. E na rádio, os exemplos da TSF, Renascença e Antena 1.

- ***Porto Canal***

A indústria da televisão também não escapou à crise no modelo de negócio dos *media*. O Porto Canal é um dos exemplos mais recentes dessa realidade.

Em julho do ano passado, o canal gerido pela Futebol Clube do Porto (FCP) SAD anunciou uma reestruturação interna que implicava a saída de vinte pessoas e o fecho de quatro delegações. Deste modo, houve uma “redução do número de profissionais a trabalhar no Porto Canal, tendo sido dispensadas, ao todo, cerca de vinte pessoas, das áreas de informação, produção e grafismo, e fechadas quatro delegações, por alegada falta de retorno publicitário: Arcos de Valdevez, Guimarães, Bragança e Penafiel” (*Público*, 2018).

Segundo a direção do canal, o objetivo desta ação visava reduzir custos sendo que, para isso, “(...) foi decidido separar o Porto Canal da estrutura global, em termos de orçamentos, recursos humanos e conteúdos” (*Expresso*, 2018). Deste modo, das vinte pessoas dispensadas, dez transitaram para os quadros da FC Porto TV e as restantes “foram dispensadas através da não renovação de contratos a termo e da cessação de prestações de serviço (recibos verdes)” (*Público*, 2018).

No que diz respeito ao fecho das delegações, o diretor-geral do Porto Canal<sup>35</sup>, afirmou, na altura, que “não houve retorno suficiente” (*Jornal de Notícias*, 2018), referindo-se à publicidade. Esta afirmação vem confirmar o impacto que a quebra na publicidade tem tido nos *media* portugueses. Não obstante, Júlio Magalhães justificou ainda estes cortes, acrescentando que “são de contenção orçamental e de redefinição de estratégias” (*Jornal de Notícias*, 2018).

O fecho de delegações aliado a uma redação mais pequena teve como consequência a redução do número de noticiários que são transmitidos aos espetadores do canal. Nesta altura, Júlio Magalhães explicava ao jornal *Público* esta diminuição, justificando-a com “o período de férias, em que a redação dispõe de menos jornalistas, reconhecendo que essa redução foi maior neste ano porque coincidiu com a reestruturação interna, que levou à dispensa de pessoas” (*Público*, 2018).

O exemplo do Porto Canal reflete o modo como a quebra de publicidade tem influenciado os cortes orçamentais nos órgãos de comunicação social, levando a que alguns deles cheguem a encerrar delegações.

Desde esta reestruturação, não existem mais dados de cortes no Porto Canal.

---

<sup>35</sup> Júlio Magalhães é diretor do Porto Canal desde 2012. Anteriormente, foi diretor de informação da TVI.

- ***TSF Rádio Notícias***

A rádio, como todos os meios de comunicação, sobrevive através das receitas publicitárias, principalmente, se se tratar de uma rádio informativa, porque os custos dos meios que se focam na informação são superiores aos dos que se dedicam ao entretenimento.<sup>36</sup> É o caso da TSF. A estação, tal como o *JN* e o *DN*, pertence ao Global Media Group e, portanto, também não escapou à vaga de cortes que foram feitos no grupo. Os anos de 2012 e 2014 foram os mais críticos para esta estação radiofónica.

Corria o ano de 2012 e Paulo Baldaia ainda era o diretor da TSF. A 20 de fevereiro, o *Jornal de Notícias* escrevia que “a TSF iniciou um processo de reorganização que passa pelo encerramento de delegações e extinção de postos de trabalho” (*Jornal de Notícias*, 2012). Deste modo, a falta de financiamento na empresa originou a necessidade de “uma reorganização” por parte da estação (*Jornal de Notícias*, 2012). Para reduzir os custos na empresa, a TSF encerrou as delegações que tinha em Évora e em Faro, tendo como consequência a demissão de alguns profissionais que aí trabalhavam.

Mais tarde, mais concretamente em 2014, a TSF vê-se incluída no despedimento coletivo por parte da Controlinveste (grupo a que pertencia). Assim, dos cerca de 160 trabalhadores demitidos, alguns deles seriam profissionais da TSF. Para além disso, e ainda no âmbito da contenção de despesas da Controlinveste, a estação radiofónica viu-se obrigada a fechar a delegação de Braga por questões orçamentais.

Como forma de mostrar o seu descontentamento face a estes despedimentos, a TSF realizou uma greve de vinte e quatro horas que afetou a programação da rádio.

"Na TSF temos uma adesão muitíssimo significativa com efeitos claros na antena. No turno da madrugada e manhã, a adesão será da ordem dos 90% afetando claramente noticiários e a própria programação" (*SIC Notícias*, 2014).

O ano de 2014 foi, assim, o mais crítico para o grupo Controlinveste e, conseqüentemente, para a TSF. Segundo o Sindicato dos Jornalistas, o despedimento coletivo assumiu “uma violência e uma dimensão que não há memória nas quatro décadas da democracia portuguesa” (*SIC Notícias*, 2014).

Atualmente, não existem sinais de que a TSF tenha realizado mais cortes. No entanto, as únicas delegações desta estação que se mantêm estão em Lisboa, Porto, Madeira e Açores, com o apoio de vários correspondentes<sup>37</sup> ao longo do país (Bragança, Braga, Aveiro, Viseu, Coimbra, Alentejo e Algarve).

---

<sup>36</sup> Uma rádio informativa assume mais custos porque exige investimento em deslocações, material, estadias, meios de transmissão e, por exemplo, no jornalismo de investigação que, por si só, já é bastante caro.

<sup>37</sup> Colaboradores da empresa que estão espalhados ao longo do país e que são pagos consoante os trabalhos que vão produzindo. Isto permite à TSF não assumir um vínculo efetivo com estes jornalistas e estar em todas as localidades mesmo sem as suas delegações.

A TSF mostra uma realidade que é transversal às restantes rádios que serão mencionadas neste artigo: o fecho de delegações é uma das consequências da crise dos *media* mais evidentes no setor do jornalismo radiofónico.

- ***Rádio Renascença***

A Rádio Renascença reage de forma particular perante situações de crise financeira. O seu equilíbrio económico assenta numa política de não substituição. Ou seja, a estação radiofónica não despede ninguém. Limita-se a não substituir quem deixa a empresa com base em convites para saída por mútuo acordo.

Por esse motivo, a Rádio Renascença foi dos órgãos de comunicação menos falados na imprensa relativamente a períodos de crise. Isto porque não há dados de despedimentos significativos na estação, o que é comprovado pelo número de delegações que ainda se mantêm ativas ao longo do país: Braga, Chaves, Évora, Viseu, Leiria, Porto e Lisboa.

Assim, as principais medidas tomadas pela empresa no período em que a crise mais se fez sentir prenderam-se com cortes salariais. Isto ocorreu em 2013, quando o grupo R/Com, proprietário da Renascença, “propôs aos trabalhadores que ganham mais de mil e quatrocentos euros brutos a redução de uma hora de trabalho por dia com o correspondente corte salarial, a partir de 2014” (*Diário de Notícias*, 2013).

Nesse ano, o administrador do grupo, José Luís Ramos Pinheiro, afirmava que “a grande preocupação desta medida é preservar o emprego dos colaboradores, numa altura de crise do país. Temos confiança nas pessoas e nos projetos que temos” (*Diário de Notícias*, 2013), acrescentando ainda que “é um corte no horário com o respetivo corte no vencimento” (*Diário de Notícias*, 2013). Esta medida visava, assim, melhorar os resultados financeiros sem que fosse necessário recorrer a cortes no número de trabalhadores e prejudicando o menos possível a qualidade da estação.

A origem desta decisão é transversal à dos restantes órgãos de comunicação mencionados neste relatório: a quebra na publicidade. “O atual momento da economia e o impacto no investimento publicitário foi a razão que levou o grupo R/Com a avançar com esta medida” (*Diário de Notícias*, 2013).

Conforme referido anteriormente, a Renascença não recorre a despedimentos para melhorar uma situação de crise. Em contrapartida, num cenário de contenção de despesas, todos os trabalhadores que saem por vontade própria ou por mútuo acordo, não são substituídos. A redação diminui mas por outra via: a da não substituição.

Um desses casos aconteceu em 2010, face a uma reestruturação que estava a ser feita na Rádio Renascença. Nesta altura, “41 dos 330 trabalhadores que compõem os quadros do grupo, ou seja 12%, aceitaram a proposta de rescisão apresentada pela administração no início de Janeiro, processo que ficou fechado a 13 de Fevereiro” (*Jornal de Negócios*, 2010), sendo que, nestes números, não só constam jornalistas como informáticos, técnicos, locutores e comerciais.

Outro caso deu-se em 2013. Antes de ser tornada pública a medida relativa a cortes salariais, a administração da empresa abriu um programa de rescisões por mútuo acordo. A justificação foi, novamente, a quebra nas receitas publicitárias, já que “são estas as receitas que suportam grupos de comunicação social” (RTP, 2013). No entanto, não se sabe ao certo quantas pessoas aceitaram esta proposta.

- **Antena 1**

A Antena 1 é outro exemplo particular no modo como viveu situações de crise financeira. É, então, uma emissora de radiodifusão do grupo RTP – Rádio e Televisão de Portugal - e, portanto, é uma estação de serviço público. Sendo parte integrante deste grupo qualquer situação que afete a RTP afeta, automaticamente, esta rádio e, por isso, há poucos dados de notícias que abordem a situação financeira da Antena 1 propriamente dita.

Assim sendo, importa perceber que, tal como os órgãos de comunicação social acima referidos, esta estação também teve de enfrentar uma situação de crise, sendo que os anos de 2012 a 2014 foram críticos.

A forma de lidar com uma situação de contenção de despesas por parte da RTP é semelhante à da Rádio Renascença: rescisões amigáveis. No entanto, se a Renascença não despede ninguém, a RTP põe essa hipótese caso as rescisões não sejam aceites pelos trabalhadores.

Já anteriormente, em 2011, o grupo teria recorrido a um programa de rescisões amigáveis como forma de reduzir custos na empresa. Na altura, 177 funcionários terão abandonado a estação, sendo que esta terá gasto cerca de 12 milhões de euros para pagar as indemnizações das rescisões (*Jornal de Negócios*, 2012).

Porém, a partir de 2012, a situação torna-se mais evidente. Nesse ano, tal como os restantes *media*, a RTP entrou num período de reestruturação económica. Para financiar essa reestruturação, o governo disponibilizou 42 milhões de euros ao grupo, sendo que 30 milhões seriam usados para pagamento de indemnizações por rescisões amigáveis (*Meios & Publicidade*, 2013). Assim, num ano em que a Controlinveste realizava despedimentos coletivos, a RTP negou essa possibilidade, afirmando que “apenas sairão da estação pública de televisão as pessoas que ‘queiram sair’” (*Jornal de Negócios*, 2013). Automaticamente, esta possibilidade de rescisões também se dirigia à Antena 1.

No entanto, a situação alterou-se. Em março de 2013, a RTP põe a possibilidade de um despedimento coletivo caso o plano não atingisse um corte de 28% nos custos com pessoal. “A parcela dos custos com salários representa atualmente 37% da despesa, sendo o objetivo da administração uma redução da rubrica para os 28% já a partir do próximo ano” (RTP Notícias, 2013). Nesta altura, o grupo iniciou também um processo de corte de subsídios para diminuir as remunerações e colocou a possibilidade de fecho de algumas delegações, inclusive delegações da Antena 1. Dois meses depois, a RTP avança que recebeu “240 candidaturas para rescisões amigáveis” (*Sol*, 2013), afastando o cenário de despedimento coletivo.

No ano seguinte, a RTP volta a ter de dar resposta a problemas financeiros e usa o mesmo método que a Renascença usou em substituição das rescisões amigáveis: diminui o número de horas de trabalho de alguns profissionais com a respetiva redução salarial.

Nessa altura, na Antena 1, o Conselho de Redação demite-se “em protesto contra as alterações na condução das emissões de madrugada, processo que este órgão considera “colocar em causa a informação” da rádio pública” (TVI24, 2014). Isto porque estas alterações implicaram a saída dos animadores da antena, deixando a emissão em piloto automático<sup>38</sup>, o que para os jornalistas afeta a qualidade do que é levado ao ouvinte. “Aqueles profissionais alertam que as alterações afetam a própria qualidade da informação, constituindo um condicionamento inaceitável em termos editoriais” (TVI24, 2014). Este condicionamento refere-se ao facto deste sistema automático estar programado para um tempo certo de noticiário. A Antena 1 sentia, assim, os efeitos dos cortes orçamentais que se foram agravando com o número de delegações que foram fechando ao longo do país.

O número de trabalhadores da RTP no final de 2014 “era de 1.689, menos 129 que em 2013” (*País ao Minuto*, 2015) e “o lucro subiu 146,2% no ano passado, face a 2013, para 38,2 milhões de euros, enquanto os rendimentos operacionais, constituídos por fundos públicos e receitas comerciais, recuaram 9%” (*País ao Minuto*, 2015).

Apesar do período que vai de 2012 a 2014 ter sido crítico no que respeita a cortes orçamentais por parte da RTP, “nos três anos seguintes, saíram da RTP cem pessoas ao abrigo do programa de rescisões voluntárias” (*Dinheiro Vivo*, 2017). Com estas rescisões, o grupo considera que não perdeu “talento significativo” (*Dinheiro Vivo*, 2017) e, em contrapartida, “em três anos lançámos novos canais na TDT [televisão digital terrestre], o arquivo histórico ‘online’, apoiámos a produção independente nacional e tivemos iniciativas na área digital” (*Dinheiro Vivo*, 2017).

Os planos de rescisões amigáveis realizados pelo grupo ao longo dos últimos anos justificam, assim, a diminuição do número de jornalistas na redação da Antena 1 bem como o fecho de algumas das suas delegações.

Ainda no setor da rádio, importa referir que a crise financeira também levou ao fecho de várias rádios locais que, atualmente, servem de antena a rádios nacionais. Isto é, as frequências atribuídas a estas estações locais estão apenas a emitir a programação de rádios de grupos como R/Com e Media Capital Rádios.

Analisando os casos anteriores, é inegável o impacto que a crise teve nos *media* portugueses. E é ainda mais notório que a crise do modelo de negócio intensificou-se com a conjuntura económica vivida no ano de 2008. Os sinais mais claros de défice financeiro apresentam-se de 2009 a 2014, sendo que 2012 e 2014 foram os anos mais críticos para as redações portuguesas por estarem a viver uma fase de reestruturação. O ano de 2012 coincide com o momento de entrada da “*troika*” em Portugal para ajudar a restabelecer a economia e 2014 corresponde ao período em que Portugal saiu do resgate financeiro, o que revela que a crise económica veio dificultar a situação dos *media*.

---

<sup>38</sup> Atualmente, muitos programas de rádio são gravados previamente e deixados em gestão automática para poupar no número de animadores e de horas de trabalho.



Esta crise que os órgãos de comunicação social tiveram de enfrentar trouxe, conforme exemplificado anteriormente, várias consequências, nomeadamente, fecho de delegações e fim de editorias. Deste modo, tornou-se inevitável que estas afetassem a situação dos jornalistas nas redações. Muitos foram despedidos, outros indemnizados e os que continuaram a trabalhar fizeram-no num clima de instabilidade laboral, marcado por vínculos precários (grande parte deles, a recibos verdes) e baixos vencimentos.

Fernando Correia descreve a situação dos jornalistas nas redações portuguesas encaixando-a em seis tipos de pressão: pressão laboral, pressão profissional, pressão ética, pressão empresarial, pressão sobre a autonomia e pressão político-ideológica (2012, p.6).

No primeiro caso, Fernando Correia refere-se a “(...) despedimentos, instabilidade de emprego, precariedade, diminuição dos salários reais, desrespeito pela contratação coletiva, emagrecimento das redações (...)” (2012, p.6), o que é visível nos exemplos acima mencionados.

No que respeita a pressão profissional, o autor refere-se à velocidade a que o jornalista tem de trabalhar para que a notícia que vai dar não perca atualidade, o que se reflete na falta de tempo para produzir e “para fazer jornalismo de investigação” (Correia, 2012, p.6), sobretudo, se a redação for reduzida.

O terceiro tópico prende-se com “a imposição da comercialização e do sensacionalismo, da mistura do entretenimento e da publicidade com a informação que leva jornalistas, nomeadamente, os de estatuto mais vulnerável, a comportamentos que põem em causa o Código Deontológico” (Correia, 2012, p.6), o que é comprovado, hoje em dia, pelos inúmeros eventos que o jornalista é levado a cobrir em que entre o carácter informativo e o comercial existe uma linha muito ténue.<sup>39</sup>

Por sua vez, a pressão empresarial, pretende que com menos gente e menos investimento “se faça o mesmo ou ainda mais” (Correia, 2012, p.7), o que nos remete para a convergência de funções no jornalismo de que falaremos mais à frente. Ou seja, um jornalista tem de fazer o trabalho que antes dois ou três faziam e, muitas vezes, trabalho para o qual não está preparado.

Relativamente à pressão sobre a autonomia, Fernando Correia fala em “subalternização do jornalismo e dos jornalistas no contexto da empresa, em favor de outros setores como a gestão, o *marketing*, a publicidade, (...)” (2012, p.7). Isso é visível na forma como a quebra na publicidade afetou os *media*. Assim, em alguns casos, os órgãos de comunicação social desrespeitam certas regras do Código Deontológico que os obrigam a ser imparciais, em prol das receitas publicitárias porque estas vão trazer-lhe lucro.<sup>40</sup>

Por fim, segundo Fernando Correia, a situação dos jornalistas também se pode caracterizar por uma pressão político-ideológica, ou seja, “domínio quase absoluto (...) de grandes grupos económicos, cujos objetivos, incluindo os jornalísticos, estão subordinados à obtenção de mais-

---

<sup>39</sup> Exemplo disso são as conferências patrocinadas ou organizadas por entidades comerciais, a cobertura de lançamento de produtos ou de eventos turísticos.

<sup>40</sup> Por exemplo, na cobertura de festivais que dão lucro à empresa. Várias vezes, ouvimos dizer que a rádio “x” é parceira oficial de determinado festival. É a isso que Fernando Correia se refere. Ao apresentar produtos informativos sobre o evento, a empresa recebe e, sendo paga para cobrir, o lado editorial pode ficar comprometido.

valias financeiras e, simultaneamente, à obtenção do lucro político e ideológico conveniente aos interesses dos grupos sociais dominantes” (2012, p.7).

Com a crise nos *media*, os jornalistas viram-se, então, perante uma situação de instabilidade que ameaçou os seus postos de trabalho e os obrigou a algumas mudanças na forma de exercer o jornalismo. Todas estas mudanças acabaram por influenciar o consumo dos *media* em Portugal, já que toda esta pressão e rapidez na propagação de informação descritas por Fernando Correia trouxeram desconfiança para o público.

A verdade é que, quando a conjuntura económica surgiu, o próprio modo de fazer jornalismo estava a mudar. Os órgãos de comunicação viam-se perante novas exigências que, indiretamente, influenciaram o modo como se estava a lidar com a crise. Por um lado, as tecnologias vieram fornecer ferramentas ao jornalista que lhe permitem agir com maior rapidez e flexibilidade. E, por outro, a internet e as redes sociais vieram aumentar o grau de desconfiança do público para com os órgãos de comunicação social. Assim, os *media* tiveram de enfrentar a crise ao mesmo tempo que respondiam a estas exigências.

## 9. Novas tecnologias e redes sociais: que desafios para as redações portuguesas?

Desde o advento da *Web 2.0*, em 2004, muita coisa mudou. E o jornalismo não foi exceção. As novas tecnologias, por um lado, trouxeram, novos desafios. E a internet e as redes sociais, por outro, obrigaram a uma adaptação e resposta a novas necessidades. Tudo isto numa fase em que as redações se debatiam com problemas financeiros. A questão que se coloca é: de que modo todos estes desafios contribuíram para a crise que se está a viver?

“A convergência é (...) uma mudança de paradigma, através de uma nova lógica que, em vez de criar conteúdos que representam o discurso de um meio de comunicação em específico, cria conteúdos que circulam entre diferentes canais mediáticos” (Fidler citado por Cordeiro & Paulo, 2014, p.119). Isto é, agora, os conteúdos são produzidos para circular não só nos jornais, televisão ou rádio, mas em todo o lado (telemóveis, computadores, internet...).

Assim, e segundo Jenkins<sup>41</sup>, a convergência está presente a vários níveis: “plataformas de distribuição, indústria mediática e audiências”<sup>42</sup> (2001). Aquilo a que Jenkins chama “cultura de convergência” pode, então, ser encarada como o espaço onde “novos e velhos *media* colidem, se intersejam e onde o poder dos produtores e dos consumidores dos *media* interagem de formas imprevisíveis”<sup>43</sup> (2006, p.2).

Deste modo, o poder deixa de estar apenas nas mãos dos órgãos de comunicação social. Agora, o público também pode manifestar-se e influenciar os próprios conteúdos já que, com o

---

<sup>41</sup> Henry Jenkins é um teórico que se dedica a estudar os meios de comunicação.

<sup>42</sup> Tradução da autora deste relatório.

<sup>43</sup> Tradução da autora deste relatório.



desenvolvimento da tecnologia, tem à sua disposição ferramentas que lhe permitem fazê-lo. A internet é um exemplo disso.

A internet é o espaço onde produtor e consumidor se cruzam. E se os *media* devem estar onde está o público, a partir de determinada altura, estes viram-se obrigados a estar presentes também no *online*.

“Sendo um facto que, atualmente, os indivíduos se encontram *online* através de vários dispositivos, nomeadamente, computadores (*desktops* e *laptops*), *smartphones* e *tablets*, pressupomos que as estações de rádio necessitam de utilizar todas as ferramentas que estejam ao seu alcance não só para não perderem os seus ouvintes, como até para conquistarem novos” (Cordeiro & Paulo, 2014, p.117).

Mas não só a rádio. Quer a imprensa escrita quer a televisão também partilham conteúdos na internet. Os jornais e as televisões criaram as suas próprias páginas *online* onde colocam conteúdos acessíveis a todos, a qualquer hora do dia. Ora, tudo isto teve consequências. Este espaço conquistado pela internet acabou por acentuar a crise que os órgãos de comunicação já estavam a viver. Há, assim, uma dispersão das audiências pelas várias plataformas de conteúdos que vão surgindo, originando uma perda significativa de audiência nos meios tradicionais.

O caso do *Diário de Notícias*, que vimos anteriormente, é um exemplo. A situação de crise aliada à necessidade de responder a estas exigências deu origem a que o jornal deixasse as edições diárias em papel para passar a publicar apenas uma vez por semana, mantendo-se no *online*. O *Diário Económico* é outro exemplo disso. Encerrou a sua edição em papel, mantendo-se apenas no *online* até que, não resistindo ao impacto da crise, encerrou por completo.

Porém, o avanço tecnológico não ficou por aqui. Se antes se afirmava que “a rádio diz, a televisão mostra e o jornal explica” (Canavilhas, 2003, p.64), isso foi-se perdendo. O aparecimento de canais completamente dedicados à informação<sup>44</sup> vinte e quatro horas por dia tornaram difícil que os jornais tivessem coisas para contar no dia seguinte. Já praticamente tudo tinha sido dito, mostrado e explicado pela televisão e pela rádio, já que estes foram os meios que mais potenciaram a tecnologia. E isso vê-se, por exemplo, através das transmissões em direto feitas em 4G<sup>45</sup>. Ou seja, o avanço tecnológico permitiu a estes meios um salto no que diz respeito à facilidade de transmitir e de estar em direto.

A verdade é que a tecnologia facilitou vários processos. O que antes demorava a ser feito, agora faz-se na hora. Há quem acredite que a tecnologia veio “substituir” o homem porque, em certos casos, já se pôs uma máquina a fazer aquilo que os humanos faziam<sup>46</sup>. Isto, claro, para poupar

---

<sup>44</sup> É o caso, por exemplo, de canais como a *SIC Notícias*, da *TVI24* e da *RTP3*.

<sup>45</sup> 4G é a sigla utilizada para definir “Quarta Geração” de telefonia móvel. A 4G permite uma velocidade 4x mais rápida no acesso a internet e oferece serviços baseados na banda larga móvel (*Video Chat*, *HDTV*, *Digital Video Broadcasting*, entre outros,...)

<sup>46</sup> Veja-se, por exemplo, o caso dos supermercados, dos postos de portagens e dos bancos. Há máquinas a responder às necessidades dos clientes, tornando possível dispensar-se muitos funcionários.

dinheiro. No entanto, não é disso que este ponto trata. Aqui, o objetivo é refletir sobre o modo como a tecnologia veio contribuir para a chamada “convergência de funções”, isto é, uma pessoa fazer o que, anteriormente, duas ou três faziam e de que modo isso se insere no exercício do jornalismo.

“O futuro da rádio dependerá, principalmente, da imaginação e da criatividade que surgir aliada às novas tecnologias e aos desafios da (velha e nova) concorrência” (Meneses, 2003, p.315). Afinal, quem de nós nunca se perguntou “estará a rádio a morrer?”. Esta questão já foi feita várias vezes, principalmente, quando surgiu a televisão. O facto de ela dizer, mostrar e explicar pôs em risco a necessidade de existência da rádio. No entanto, a rádio conseguiu adaptar-se às circunstâncias que lhe foram aparecendo no caminho graças à sua acessibilidade, sendo sempre considerada como um meio complementar dos restantes órgãos de comunicação. Com os avanços tecnológicos e o poder que a internet foi adquirindo, surge uma nova dúvida: será que a rádio vai conseguir superar estes novos desafios?

### 9.1. A convergência de funções no jornalismo radiofónico

A resposta à questão anterior poderá (ou não) ser encontrada nos pontos seguintes.

Se até aqui foi feita uma contextualização geral do jornalismo nos *media* portuguesas, a partir deste ponto o foco vai estar no jornalismo radiofónico. No capítulo seguinte, serão analisados três casos de rádios portuguesas que tiveram que viver esta realidade e enfrentar todos estes desafios.

“Redação significa muito mais do que o local onde trabalham os jornalistas. Entende-se como sinónimo de espaço produtivo. As funções aqui caracterizadas são todas aquelas que mexem diretamente com os conteúdos – aquilo que os ouvintes ouvem” (Meneses, 2003, p.289).

Há uns anos, a afirmação de João Paulo Meneses levar-nos-ia a imaginar um jornalista sentado na sua secretária a escrever uma notícia que, em alguns minutos, seria ouvida por todo o país. No entanto, hoje em dia, é tudo muito mais frenético. A redação é, agora, “o espaço produtivo” onde se ouvem teclados a ser esmagados pelos dedos apressados de um jornalista ao mesmo tempo que surgem novas informações vindas de todo o lado e que este não quer perder.

João Paulo Meneses acrescentava ainda que, no passado, “o corte dos sons era tradicionalmente uma função dos operadores-sonorizadores, mas a evolução tecnológica permitiu uma simplificação, passando a função a ser desempenhada, também, por jornalistas” (2003, p.149). Desde que João Paulo Meneses proferiu esta frase muita coisa mudou. As inovações tecnológicas aliadas à crise que se viveu nos anos seguintes tornou evidente o fim da separação entre os diferentes setores. E, se antes eles funcionavam à distância, atualmente eles estão interligados.

“Ao longo dos últimos anos, temos vindo a observar um conjunto de alterações no que diz respeito à radiodifusão: na programação, no modelo de negócio, na relação com os ouvintes e na integração

com a tecnologia” (Cordeiro & Paulo, 2014, p.117). A verdade é que a tecnologia veio revolucionar o jornalismo radiofónico ao trazer uma série de ferramentas que permitiram aos que trabalham neste meio uma maior flexibilidade e facilidade na produção de conteúdos.

Para além disso, os “novos programas de tratamento digital do som ou do texto vão permitir um acesso muito mais fácil aos registos de áudio” (Meneses, 2003, p.315). A edição digital assume um papel fundamental na rádio porque permite um tratamento e seleção dos sons mais versátil, criterioso e assertivo.

“A capacidade de trabalhar de uma forma prática e acessível uma longa gravação revolucionou o jornalismo radiofónico. (...) A edição mudou a rádio porque permitiu que numa mesma quantidade de tempo falassem muito mais pessoas; o que significa que há mais vozes, mais sons, mais assuntos. Resultado disto: aumentou o impacto, cresceu a credibilidade, a rádio tornou-se mais agradável de ouvir!” (Meneses, 2003, p.88).

Estas inovações facilitaram a transmissão em direto, uma das grandes melhorias trazidas pela tecnologia não só ao setor da rádio como aos restantes órgãos de comunicação. Ter um repórter no local do acontecimento a descrever tudo o que se passa diretamente para o ouvinte trouxe à rádio mais credibilidade e, acima de tudo, atualidade. E, nisso, esta inovação tecnológica teve um papel importante.

“As transformações tecnológicas têm sido um forte aliado da rádio. No caso do registo e edição do som também. E, interpretando a tendência atual, é fácil perceber que se assistirá rapidamente a uma simplificação da operação” (Meneses, 2003, p.291). De facto, a evolução tecnológica no que concerne à edição sonora veio simplificar e, acima de tudo, acelerar o trabalho radiofónico.

No entanto, ao permitirem uma maior flexibilidade e facilidade de utilização, estas “mudanças tecnológicas (...) vieram facilitar a recolha dos sons, mas também a edição e transmissão dos mesmos e isso faz com que seja possível atribuir aos jornalistas algumas funções simples de montagem e libertar os operadores para tarefas de maior complexidade e profundidade” (Meneses, 2003, p.300). Assim, os técnicos de som viram aquelas que eram as suas competências serem partilhadas pelo jornalista.

A verdade é que os avanços tecnológicos potenciaram a convergência de funções que se tem vivido no meio jornalístico. Esta convergência é caracterizada por um desempenho de várias funções numa só pessoa, neste caso, o jornalista. Se, por um lado, o facto deste profissional exercer mais tarefas o obriga a ser mais versátil e rápido, por outro, permite às empresas reduzir os custos, visto que lhes possibilita contratar menos pessoas e, em alguns casos, abdicar de alguns funcionários. Os técnicos de som sempre foram uma mais valia para a rádio. No entanto, nos últimos anos, e tendo o jornalista ferramentas ao seu dispor para trabalhar os sons, a sua função tem sido posta em causa.

“O desenvolvimento tendencial da rádio parece indicar que, por razões financeiras, cada vez mais o jornalista desempenhará funções atualmente da responsabilidade do operador/sonorizador<sup>47</sup>” (Meneses, 2003, p.149). Tendo jornalistas capazes não só de selecionar e redigir como de editar e montar a sua própria peça, muitas empresas cortaram no número de técnicos de som como forma de reduzir as despesas. A pesquisa de Hélder Bastos conclui que “as redações mais atingidas por despedimentos foram aquelas em que as alterações tecnológicas foram mais profundas” (2012, p.40), já que vieram permitir ao jornalista exercer tarefas que antes estariam menos acessíveis.

Desta forma, esta convergência trouxe consequências que se sentem ainda hoje. Sendo o jornalista um “faz tudo” que tem de entrevistar, gravar, selecionar, cortar, editar e montar, sobra-lhe pouco tempo para investir noutros trabalhos. A reportagem, por exemplo, é um género que, em rádio, muitas vezes sai prejudicado porque há falta de tempo, devido à escassez de recursos humanos para descobrir novas histórias e investir nelas. Isto ao mesmo tempo que a função do técnico vai sendo dispensada. Assim sendo, estarão todas estas questões a influenciar os conteúdos produzidos por estas empresas jornalísticas?

“Se a tecnologia melhorou a qualidade do som, a eliminação tendencial dos operadores terá, pelo menos numa primeira fase, uma consequência contrária” (Meneses, 2003, p.149). De acordo com João Paulo Meneses, é possível que ao abdicar do trabalho dos técnicos de som, a qualidade do que vai para o ar seja afetada. Até agora, “a edição tem sido (...) um trabalho conjunto de jornalista e operador-sonorizador (...). A tecnologia parece indicar uma individualização dessa tarefa, o que trará como consequência menos atenção sobre os problemas que ela [tarefa] cria” (2003, p.89). Esta afirmação remete para a importância da especialização.

Um profissional especializado, à partida, estará mais preparado para desempenhar determinadas funções. Ora, tendo em conta que o jornalista assume tarefas que antes pertenciam exclusivamente a profissionais formados na edição sonora, estará a comprometer-se a qualidade do que é transmitido ao ouvinte?

O facto é que, se ao jornalista cabe a função de informar, o bom desempenho em todas as tarefas é fundamental para que o produto final seja o mais esclarecedor possível para o ouvinte. E isso também inclui o som. O som, em rádio, é importante no contexto da informação que se está a dar ao ouvinte, seja uma declaração, o barulho de uma manifestação ou um comunicado que é importante ser ouvido. Assim, tanto o texto como o som são fundamentais para que a mensagem seja totalmente transmitida a quem a vai ouvir e, se um deles falha, o objetivo de informar pode não ser cumprido.

“(…) o jornalista passa a preocupar-se com mais coisas: além da pesquisa, seleção, tratamento e obtenção da informação, ainda tem de cortar e montar sons. O que é que sairá prejudicado?” (Meneses, 2003, p.149). No meio de tantas tarefas que o jornalista tem de ter em conta, é possível que este não consiga desempenhar adequadamente todas elas. Deste modo, “se as tecnologias

---

<sup>47</sup> “Operadores/sonorizadores” é o nome dado pela TSF ao que, ao longo do relatório, são os chamados “técnicos de som”.

facilitaram as comunicações, elas tornaram, pela sua instantaneidade, mais difícil e complexa a função de informar” (Camponez, 2012, p.9).

No entanto, numa altura de quebra no mercado publicitário, as empresas assumiram “como prioridade racionalizar custos e maximizar lucros” (*Expresso*, 2015), o que implicou reduzir o número de profissionais, arriscando a qualidade do jornalismo praticado, agora, por menos pessoas na mesma - ou até maior - quantidade. “Os *media* tentam fazer a quadratura do círculo: fazer mais (conteúdos) com menos (dinheiro e profissionais)” (*Expresso*, 2015). E se, em 2003, João Paulo Meneses defendia que estas mudanças prejudicavam a qualidade dos resultados, em 2015, o cenário não era diferente. A este propósito, em entrevista ao jornal *Expresso*, Felisbela Lopes<sup>48</sup> reafirmou essa ideia: “A consequência é visível numa redução drástica da qualidade daquilo que se faz” (2015).

Em contrapartida, o facto do jornalista ter ao seu dispor ferramentas que lhe permitem ampliar o seu campo de trabalho também traz algumas vantagens, já que “(...) hoje é perfeitamente aceitável que para trabalhos mais simples o jornalista possa fazer a edição e montagem da própria peça, libertando os operadores-sonorizadores para trabalhos mais profundos, complexos e mais próximos do jornalismo” (Meneses, 2003, p.291). Nesta perspetiva, deixar trabalhos “mais profundos” (como, por exemplo, grandes reportagens) para pessoas especializadas permitirá salvaguardar a qualidade de trabalhos mais complexos.

No entanto, este acumular de funções do jornalista não veio apenas pôr em causa o trabalho dos técnicos de som. Conforme referido anteriormente, o fecho de várias delegações de rádio obrigou a novas estratégias que permitissem às estações estar em vários pontos do país e do mundo. Surgiram, assim, os chamados “correspondentes” que, na opinião de João Paulo Meneses, veem a sua existência ameaçada pelas mudanças tecnológicas. “(...) porque a internet coloca *online* as principais informações de qualquer parte do mundo, incluindo som (...)” (2003, p.306).

Este fator influencia o trabalho dos correspondentes já que a redação obtém as informações de qualquer parte do mundo através da internet, de alguma forma, mais completas e rápidas do que as que o correspondente poderia dar. Além disso, “é mais rápido e mais barato o trabalho ser feito imediatamente na redação” (Meneses, 2003, p.306). Apesar desta realidade também se aplicar aos correspondentes nacionais, refere-se maioritariamente aos correspondentes internacionais, que se encontram geograficamente mais distantes e cujos custos são, à partida, mais elevados.

Deste modo, a convergência que se vive no exercício do jornalismo tem trazido inúmeras vantagens e desvantagens. As vantagens estão mais voltadas para as empresas que, graças aos avanços tecnológicos, viram uma oportunidade de reduzir custos, mantendo e/ou aumentando a quantidade de produção e reduzindo o número de profissionais. No entanto, e analisando o que já foi referido, estas vantagens podem tornar-se desvantagens se uma redação mais pequena, a exercer cada vez mais funções, afetar os conteúdos produzidos. Para além do jornalista estar sobrecarregado, são-lhe dadas funções que ele não está tão preparado para exercer. A

---

<sup>48</sup> Felisbela Lopes é professora de Ciências da Comunicação, na Universidade do Minho (UM), comentadora na RTP e cronista no *Jornal de Notícias*.

especialização é, assim, um fator a ter em conta no que concerne ao exercício do jornalismo. E, nesse âmbito, a preparação começa na formação que é dada aos futuros jornalistas.

Se, com o avançar dos anos, o modo de exercer jornalismo mudou, terá também mudado a forma como ele é ensinado aos que pretendem seguir a profissão? Estarão as universidades a preparar os futuros jornalistas para exercer várias funções ao mesmo tempo? A resposta a estas perguntas poderá dar outras alternativas à questão destas alterações estarem (ou não) a influenciar os conteúdos jornalísticos.

## **9.2. Ensino do jornalismo em Portugal: estará a preparar os jovens para a realidade das redações?**

Conforme mencionado anteriormente, as mudanças tecnológicas e a crise económica influenciaram a postura das empresas no que diz respeito ao corte no número de funcionários. Algumas profissões foram postas em causa com as “novas competências” atribuídas aos jornalistas. No entanto, para o próprio jornalista, esta convergência de funções tornou-se um desafio já que teve de adaptar-se a atividades sobre as quais não tinha qualquer formação.

Assim, tendo em conta estas mudanças, atualmente, o jornalista deve estar munido de várias valências. Não importa apenas saber produzir conteúdos para o setor onde trabalha. Agora, é necessário saber estar em diversas plataformas e isso não só exige competências jornalísticas como de edição e montagem de áudio e fotografia, por exemplo. Para além disso, também tem de estar capacitado para trabalhar no *online*, já que os órgãos de comunicação social se viram obrigados a estar presentes nessa plataforma.

Ora, exercer estas tarefas todas ao mesmo tempo não é fácil. A competência do jornalista vai influenciar a qualidade do produto que chega ao público e, por isso, um jornalista mal preparado pode desempenhar um mau trabalho. Posto isto, de que forma o ensino do jornalismo contribui para o futuro da profissão? Estará este ensino adaptado às necessidades atuais?

A verdade é que, hoje em dia, dá-se muita importância à formação do jornalista. Este, quando chega à redação, já deve ir com bases e minimamente preparado para o que a profissão exige. Se uma das consequências de todas as mudanças no modo de exercer a profissão se traduziu na rapidez e versatilidade que o jornalista deve ter, é natural que não haja tempo para ensinar os novos profissionais que chegam à redação. Por isso, são fundamentais as bases que eles já trazem consigo. E essas são, em primeiro lugar, adquiridas através do ensino.

Mas nem sempre foi assim. Nos anos 30, não existiam escolas de jornalismo e o núcleo das redações era, maioritariamente, constituído por advogados. A formação não tinha a importância que tem agora por acreditar-se que “o verdadeiro jornalista não se faz. Nasce feito” (Sobreira, 2003, p.69). No entanto, havia quem defendesse a criação de uma escola, mesmo acreditando que esta não seria essencial “para a aquisição de um conjunto de técnicas que assegurassem o exercício adequado da profissão ou para controlar o acesso à mesma” (Sobreira, 2003, p.70). Isto porque “as enormes taxas de analfabetismo, o diminuto consumo de jornais e uma política limitadora da



liberdade de expressão” (Teixeira, 2012, p.408) justificava esta ausência de formação académica. Assim, “o facto de a profissão jornalista ter, na altura, um carácter exíguo, sem qualquer capacidade de intervenção junto das altas instâncias governamentais, facilitava a situação” (Teixeira, 2012, p.408).

No entanto, com o tempo, “a posição dos que defendiam uma escola de jornalismo foi ganhando adeptos e tornando-se mais visível” (Sobreira, 2003, p.74). A verdade é que já existiam cursos de jornalismo em vários países e Portugal continuava a ser a exceção. Deste modo, “no princípio da década de 70, Portugal continuava a não possuir um ensino universitário e sistemático em jornalismo. Mas os jornalistas portugueses movimentavam-se para que esta situação se alterasse” (Sobreira, 2003, p.81). Até que, em 1979, dá-se, finalmente, uma mudança.

“Apesar de a formação universitária na área do jornalismo ter nascido apenas em 1979, foram encetadas várias iniciativas e feitas várias tentativas, em anos anteriores, para criar o referido curso. Porém, numa época em que o regime político em vigor, a ditadura, reprimia, censurava e abolia qualquer espécie de novidade que pudesse pôr em causa os seus ideais, não é de admirar que, somente depois de instaurada e algo consolidada a democracia, as reivindicações para a criação de um curso superior para jornalistas fossem ouvidas” (Teixeira, 2012, p.408).

A abolição da ditadura foi um fator crucial para a criação da primeira escola de jornalismo porque, com ela, veio a liberdade de expressão. A revolução de abril deitou por terra a censura que obrigava os jornalistas a escrever de acordo com a chancela do Estado. Isto porque “Salazar via a imprensa como um potencial veículo de oposição ao regime” (Sobreira, 2003, p.83).

A partir de Abril de 1974, estes profissionais estavam livres para escrever sobre tudo o que fosse do interesse dos cidadãos. No entanto, estes não se sentiam preparados para “o papel que a revolução de Abril lhes impunha, pois encontravam-se demasiado submetidos às lutas políticas pelo controlo das empresas jornalísticas e mediocrementemente preparados para acompanhar os desafios do momento histórico que atravessavam” (Teixeira, 2012, p.409). É reconhecida, assim, a importância da formação académica.

Em 1979 nasce a primeira Licenciatura em comunicação social, em Portugal. Adriano Duarte Rodrigues desenvolveu o Curso Superior de Comunicação Social, na Universidade Nova de Lisboa que, posteriormente, serviu de referência à criação de outros cursos de jornalismo ao longo do país. Mas não só. Anos mais tarde, “dá-se a criação do Centro de Formação de Jornalistas, no Porto, em 1983, e do Centro Protocolar de Formação Profissional para Jornalistas, em Lisboa, em 1986” (Teixeira, 2012, p.409). O objetivo era aperfeiçoar e especializar ao máximo os jornalistas.

A formação estava, assim, a assumir uma enorme importância e, em 1984, é criado o primeiro Mestrado em Comunicação<sup>49</sup>. No entanto, apesar de todas estas mudanças, ainda eram muitos os

---

<sup>49</sup> O primeiro Mestrado em Comunicação surge na Universidade Nova de Lisboa, tal como a primeira Licenciatura.

que acreditavam que a academia não formava jornalistas. Como justificação para esta ideia afirmavam que os cursos eram todos muito teóricos.

Assim, nos anos 80, e como forma de responder a essas necessidades, dá-se uma explosão de novos cursos que se estendiam desde o ensino superior universitário ao politécnico, passando quer pelo setor público quer pelo privado. Com isto, passou a existir uma formação mais especializada e focada nos vários setores de atividade (rádio, televisão e imprensa). O objetivo era especializar o jornalista em cada um destes setores, pondo de parte uma perspetiva generalista da formação. Nesse sentido, e no contexto radiofónico, foram criados vários cursos<sup>50</sup> na área das Ciências da Comunicação que contribuíram “para que a formação em rádio a nível superior se tenha generalizado pelo país” (Bonixe, 2016).

Todavia, com as mudanças que se foram vivendo no jornalismo era de esperar que também a formação académica fosse mudando de modo a conseguir adaptar-se às diferentes realidades. No contexto que importa abordar neste relatório, o contexto de crise nas empresas jornalísticas, interessa perceber de que modo as universidades estão a preparar os jovens para responder às necessidades da profissão tendo em conta as redações cada vez mais pequenas e os avanços tecnológicos.

A verdade é que, quando as primeiras escolas de jornalismo foram criadas, não existiam as tecnologias de hoje e, portanto, o jornalista era preparado para uma realidade completamente diferente. “Este novo cenário gerou a necessidade de a rádio captar profissionais cujo perfil ultrapasse as competências tradicionais associadas ao meio radiofónico” (Bonixe, 2016). Assim, “em alguns casos, as instituições apostaram na criação de estúdios de rádio e de televisão emprestando aos cursos superiores na área do jornalismo uma dimensão técnica e tecnológica que antes não possuíam” (Bonixe, 2016), como forma de preparar o melhor possível estes profissionais. No entanto, “mesmo que a academia conserve a ilusão de ter uma agenda própria, cada vez mais os programas ficam reféns das necessidades efémeras do mercado” (Coelho, 2016, p.91).

Com os avanços tecnológicos e o corte do número de profissionais a trabalhar nas empresas, a formação teve de se tornar mais generalista e menos especializada, pois os alunos devem sair das universidades preparados para desempenhar mais tarefas para as diferentes plataformas de comunicação.

Nos dias que correm, a formação académica continua a ser considerada uma mais valia para o exercício do jornalismo. Em 2016, um estudo realizado pelo Centro de Investigação e Estudos de Sociologia, em parceria com o Sindicato dos Jornalistas e o Obercom<sup>51</sup> concluiu que “79,6% dos jornalistas apresentam, pelo menos, frequência universitária, o que representa quase o dobro de 1987, quando apenas 39,8% dos jornalistas tinham chegado à universidade” (*Público*, 2016). Deste

---

<sup>50</sup> Como, por exemplo, o Centro Protocolar de Formação de Jornalistas (CENJOR) que, ao longo de vários anos, tem realizado cursos na área da rádio, e o Centro de Formação de Jornalistas da RTP que, ainda hoje, realiza formação na área do jornalismo radiofónico.

<sup>51</sup> O Observatório de Comunicação (Obercom) é uma associação sem fins lucrativos que se dedica ao estudo do mundo digital, principalmente, no que diz respeito aos *media*.



modo, parece claro que o futuro do jornalismo passa pela formação académica. “Precisamos de um novo cidadão, de um novo jornalista, de uma nova arquitetura de meios. Em suma, de um novo jornalismo. As bases desse novo jornalismo devem ser encontradas na academia” (Coelho, 2016, p.95).

Ora, quando a crise financeira atacou os órgãos de comunicação social e centenas de pessoas ficaram sem emprego, seria natural que os cursos de jornalismo vissem um decréscimo no número de estudantes. Mas não foi isso que aconteceu. “Apesar deste cenário de crise no setor, a procura pelos cursos de ciências da comunicação e jornalismo não tem parado de aumentar. Todos os anos, são lançados para o mercado largas centenas de licenciados em jornalismo, que enfrentam condições cada vez mais adversas para ingressar na profissão” (Bastos, 2012, p.38). Segundo Hélder Bastos, “os jornalistas tendem a não mudar tanto de emprego e de redações, o que, por sua vez, dificulta o acesso de candidatos à profissão” (2012, p.44).

“A esse clima não serão alheios os erros de gestão, quer das administrações das empresas jornalísticas, que parecem não conseguir perceber e dominar o alcance das mudanças em curso no panorama mediático, quer das próprias direções editoriais, cujas redações são muitas vezes transformadas em máquinas de débito de caudais ininterruptos de notícias de reduzido valor acrescentado, produzidas ao mais baixo custo possível” (Bastos, 2012, p.45).

Os “efeitos colaterais da crise” (Bastos, 2012, p.45) terão, assim, influenciado e dificultado a entrada de novos jornalistas para as redações. No entanto, estes continuam a procurar formação junto das universidades, sendo que “o número de candidatos chega a superar em dez vezes as vagas existentes” (Bastos, 2012, p.43). Nesse âmbito, surge um novo desafio para as universidades: preparar os futuros jornalistas para as consequências da crise financeira e adaptá-los à nova realidade. Uma realidade onde o jornalista exerce várias funções que, durante muitos anos, não foram suas. “Tendencialmente, o trabalho dos jornalistas passará a ser multitarefa, e orientado para multiplataformas, pelo que o ensino só tem uma saída: formar profissionais para esta nova realidade” (Canavilhas, 2009, p.51). E isso implicaria fornecer-lhe novas ferramentas e introduzir novas aprendizagens.

“As instituições de Ensino Superior, organizações tipicamente conservadoras, reagiram tardiamente à nova realidade digital. A introdução de disciplinas ligadas às novas tecnologias nos planos de estudos foi mais lenta do que a digitalização dos meios de comunicação, criando-se um desfasamento entre as necessidades do mercado e a oferta formativa” (Canavilhas, 2009, p.50). Ora, tentar especializar o futuro jornalista em várias coisas ao mesmo tempo nem sempre é fácil. “A notória supremacia dos recém-licenciados no campo das tecnologias digitais foi sempre menosprezada pelos profissionais, que contra-atacavam com a dificuldade dos estagiários na redação de notícias” (Canavilhas, 2009, p.50). A academia estaria, assim, a dar tamanha importância às questões tecnológicas que acabava por condicionar as práticas jornalísticas propriamente ditas. Quando, no fundo, o que se pretendia era uma aliança entre ambas. Surgia, então, a dúvida: será possível preparar um jovem para fazer várias coisas e todas elas bem feitas?

Possível ou não, cabe às universidades fornecer aos estudantes ferramentas que os aproximem do futuro. No caso do jornalismo radiofónico, que é o que estamos a abordar neste capítulo, “para além da visão teórica e reflexiva das questões do jornalismo e da comunicação, os planos curriculares introduziram o «saber-fazer» em disciplinas denominadas de «oficinas», «laboratórios» ou «*atelier*», por exemplo” (Bonixe, 2016).

Neste caso, Luís Bonixe menciona cursos em que o foco está “diretamente relacionado com o ensino do jornalismo radiofónico. (...) Noutros casos, o jornalismo radiofónico integra a unidade curricular, embora partilhando os conteúdos com outras formas de jornalismo. (...) Encontramos ainda cursos cujas unidades curriculares apontam para uma abordagem da rádio no seu todo e não especificamente no jornalismo radiofónico. (...) Existem, no entanto, outros cursos que embora dedicando unidades curriculares destinadas ao ensino específico de outros *media*, ignoram a rádio” (2016).

Portanto, o ensino difere de instituição para instituição mas o propósito é comum. O objetivo passaria, então, por incluir várias disciplinas alusivas ao jornalismo radiofónico dentro dos cursos, de modo a que o futuro jornalista possa ter bases não só sobre o jornalismo em geral como sobre os seus diferentes setores, mesmo que não se possa especializar apenas em um deles<sup>52</sup>.

Esta realidade permitiria que, ao entrar no mercado, o jornalista fosse mais bem preparado, com maior versatilidade e, por consequência, isso se refletisse na qualidade dos seus resultados. Ao fazê-lo traria vantagens à própria empresa que, apesar de ter um número reduzido de profissionais, manteria a qualidade dos seus conteúdos. Assim, e de acordo com João Canavilhas, para que este objetivo se concretize, é necessário que o ensino alie o digital ao analógico, não perdendo o foco de nenhum dos dois. “Os novos processos digitais são mimetismos dos velhos processos analógicos, tendo por isso uma mesma base a partir da qual nascem novos procedimentos, pelo que o ensino deve privilegiar a complementaridade e não o antagonismo” (2009, p.52).

Deste modo, a academia deveria “integrar o digital nas disciplinas tradicionais e incluir novas disciplinas relacionadas com as funções que entretanto passaram para a órbita do jornalista” (Canavilhas, 2009, p.52) ao invés de adaptar todas as disciplinas existentes para a realidade digital.

Porém, mesmo com todas estas mudanças, o bom desempenho profissional não é garantido quando falta a especialização. “Uma coisa é conhecer os menus e dominar a caixa de ferramentas, outra é a interiorização dos princípios de edição: os manuais do *software* explicam o que faz cada menu, mas não dizem o que é um *raccord*<sup>53</sup> nem qual a importância do som numa reportagem radiofónica” (Canavilhas, 2009, p.53). Torna-se, então, necessária a introdução de novas disciplinas e a alteração das antigas para uma melhor preparação no que concerne a estas ferramentas que, anteriormente, não faziam parte do trabalho do jornalista.

Assim, as consequências da crise financeira acentuadas pelas possibilidades oferecidas pela tecnologia também se refletiram no ensino que, agora, tem de dar resposta à falta de recursos

---

<sup>52</sup> Por “especializar em apenas um deles” refiro-me à impossibilidade de um futuro jornalista poder formar-se apenas numa área específica. Isto porque não existem licenciaturas ou mestrados apenas voltados para a área da rádio. A formação é generalizada.

<sup>53</sup> Termo mais utilizado no cinema que significa cortar dois *takes* e juntá-los originando uma edição com sentido.

humanos nas redações, preparando os futuros jornalistas para serem “multitarefa e multiplataforma, duas características essenciais para as empresas” (Canavilhas, 2012, p.55).

### 9.3. Internet e redes sociais: que contributo para a crise?

Ao longo deste relatório abordou-se a crise nos *media* portugueses que conduziu a cortes orçamentais e de recursos humanos, com o objetivo de reduzir custos nas empresas. Referiu-se ainda que a tecnologia incentivou a redução no número de profissionais nessas empresas ao disponibilizar ferramentas ao jornalista que lhe permitem exercer várias funções ao mesmo tempo (convergência). A internet passa a ser entendida não como um meio de comunicação, mas como “um canal de distribuição que diversas organizações, nomeadamente meios de comunicação como a rádio, a televisão e os jornais, utilizam para chegar ao seu público” (Cordeiro & Paulo, 2014, p.120).

Por ser “um novo veículo para os jornais, rádio e televisão encontrarem novas formas de chegar ao seu público ou construir novos públicos” (Cardoso, 2006, p.1), a internet traz inúmeros desafios. Um deles diz respeito às redes sociais. A necessidade de estar presente em novas plataformas como o *facebook* ou o *twitter* exigiu uma adaptação por parte dos órgãos de comunicação social, o que veio a influenciar o modo de exercer jornalismo e os conteúdos informativos.

A rádio, tal como os outros órgãos de comunicação, vê-se na necessidade de estar presente na internet, principalmente, por questões económicas e financeiras. Ou seja, “porque a internet é uma ferramenta de trabalho para apoio ao jornalista, por pensarem aí existir uma oportunidade de novos negócios, por uma estratégia de sobrevivência através da transformação da própria internet, ou para se reposicionarem face aos restantes *media*” (Cardoso, 2006, p.12).

Por outro lado, os *media* viram no *online* uma oportunidade de chegar ao público sem ter gastos de distribuição – que são bastante dispendiosos. A rádio tem de “operar ou pagar o aluguer das redes de distribuição de sinal e o aluguer do espectro de emissão” (Cardoso, 2006, p.15). Isto não acontece no *online*, já que, nesse caso, os órgãos de comunicação transferem os custos de distribuição “para o público que necessita ter um computador, *modem*, impressora e pagar a ligação” (Cardoso, 2006, p.15).

Porém, esta realidade exige mudanças. Assim, com a internet, “a linguagem da rádio deixa de ser apenas sonora, passando a ser também textual e imagética” (Cordeiro & Paulo, 2014, p.121) ao mesmo tempo que se dá um aumento do número de ouvintes na *web* (convergência). O modo de “estar” nestas plataformas é, então, fundamental para o bom desempenho do órgão de comunicação. No entanto, este ainda não é consensual entre os profissionais da área que vão tentando perceber qual é a postura certa a assumir na internet. A convicção é de que a presença no *online* não pode afetar a qualidade do trabalho tradicional o que, por vezes, acontece.

“A emergência da blogosfera e das redes sociais se é possível que tenha democratizado o espaço público, no sentido também de o tornar mais plural, não é seguro que o tenha tornado mais transparente e talvez o tivesse tornado menos inteligível” (Barriga, 2014, p.10). A rapidez para dar

resposta às exigências destas novas plataformas fez com que, grande parte das vezes, o trabalho saísse prejudicado. Isto porque deixou de haver tempo para confirmar as informações antes de as dar perdendo-se, assim, algum rigor jornalístico.

A verdade é que a situação agrava-se quando, para além de conteúdos *on air*<sup>54</sup>, o jornalista tem de produzir para outras plataformas. “(...) os grupos de *media* usam os mesmos profissionais para prepararem peças noticiosas em vários suportes, perdendo a autoria na passagem para esses suportes” (Santos, 2005, p.149). Fazer várias peças dando uso a diversos instrumentos pode, assim, comprometer o produto final. No entanto, o panorama torna-se ainda mais complicado quando as várias peças têm de ser adaptadas a diferentes plataformas pelo mesmo profissional, já que é o jornalista quem toma “decisões sobre o formato mais indicado para um dado assunto – se é a escrita e som, se deve ter imagem e se essa deve ser animada ou não” (Cardoso, 2006, p.13).

Este acumular de tarefas por parte do jornalista levou a que muitos profissionais acreditassem que os conteúdos seriam prejudicados e, no pior dos cenários, que esta realidade digital conduzisse ao fim dos *media* tradicionais. Assim sendo, “a convergência, na perspetiva de Jenkins (2006), permite que os indivíduos sejam consumidores e produtores de *media*” (Cordeiro & Paulo, 2014, p.118). Ora, se qualquer pessoa pode ser simultaneamente produtor e consumidor, onde fica o papel do jornalista?

Com a quantidade de *fake news* a circular no *online* e a luta por audiências que leva a que, muitas vezes, se publiquem informações que não estão confirmadas, o papel do jornalista assume-se cada vez mais fundamental “para assegurar um processo de credibilização das notícias e outro tipo de informação” (Cardoso, 2006, p.11). Numa altura em que se produzem tantas notícias e há excesso de informação, o jornalista é essencial para selecionar o que é, realmente, importante e impedir o ouvinte/leitor de perder o foco do que o rodeia.

Neste contexto, em 2018, a agência *Reuters* desenvolveu um estudo que revela que “as fontes noticiosas que os portugueses mais utilizam para aceder a notícias são a televisão e a internet, incluindo as redes sociais. No entanto, em termos de principal fonte de notícias a televisão continua a dominar, sendo utilizada por mais de 55% dos inquiridos” (*Reuters*, 2018, p.13).

O estudo analisou mais de 74 mil pessoas, em 37 países. Em Portugal, “quase três quartos dos portugueses dizem preocupar-se com o que é real e falso na Internet, apenas metade diz confiar em notícias em motores de busca e menos de um terço dizem confiar em notícias nas redes sociais” (*Reuters*, 2018, p.11), o que revela a importância do jornalista enquanto mediador e fonte de credibilidade. Os portugueses revelam ainda “muita preocupação com questões como manipulação de factos, notícias falsas e má qualidade da cobertura jornalística” (*Reuters*, 2018, p.99). Deste modo, o público está atento a todas as desvantagens colocadas pela internet no que diz respeito à informação, o que nos leva a crer que os *media* tradicionais não estão em causa já que o meio mais procurado para obter informações, neste caso, a televisão, é tradicional.

Estar presente na internet e nas redes sociais é, então, importante para os órgãos de comunicação social. No caso da rádio, uma das grandes vantagens do *online* é permitir ao recetor ouvir os

---

<sup>54</sup> “*On air*” é o termo que define a emissão tradicional de rádio.

programas a qualquer hora do dia, o que não acontece *on air*. A verdade é que ao contrário do jornal, em que o leitor pode ler as notícias quantas vezes quiser e voltar atrás quando achar necessário, a rádio é um meio imediato. O ouvinte ouve na hora aquilo que está a ser dito e não há opção de voltar atrás para ouvir novamente. Isto no meio tradicional. No *online*, tudo muda. Atualmente, o público pode ouvir os programas de rádio as vezes que quiser e à hora que quiser. “Tal passou a ser possível através do sistema de arquivo *online* mas, principalmente, através do *podcasting*<sup>55</sup>” (Cordeiro & Paulo, 2014, p.122).

O *podcast* é uma vantagem para as estações de rádio porque “é uma forma de disponibilizar os programas e as rubricas aos que, não podendo ouvir a emissão, querem ouvir aquele programa específico no momento e local que lhes for mais conveniente, mantendo assim audiências que (...) de outro modo seriam perdidas” (Cordeiro & Paulo, 2014, p.123). Este formato é uma forma de fidelizar a audiência a determinados programas, uma vez que o público não precisa de estar sintonizado à rádio para os ouvir, conferindo-lhe uma maior liberdade.

Porém, esta aposta por parte da rádio no digital originou muitas questões quanto à sobrevivência da emissão tradicional. “No caso da rádio, a vertente *online* tem cerca de um terço da dimensão das audiências em formato FM” (Reuters, 2018, p.93). Para além disso, sendo a RFM e a Rádio Comercial<sup>56</sup> as rádios mais ouvidas quer no *online* quer no setor tradicional (Reuters, 2018, p.93) teme-se o futuro no que diz respeito às rádios informativas.

No entanto, este ano, o jornal *Observador* anunciou a criação de uma rádio. A particularidade é que a Rádio Observador nasce no digital e, posteriormente, passa a transmitir em FM. Este exemplo é revelador da rádio enquanto meio tradicional já que, mesmo nascendo no *online*, a estação sente necessidade de marcar presença também em FM. De certo modo, este facto vem desmentir o fim da rádio tradicional. Com todas as alterações e adaptações à nova realidade digital, importa ainda perceber que contributo a internet e as redes sociais tiveram para a crise nos *media* portugueses.

Aquando da presença dos órgãos de comunicação social no digital chegou a pensar-se que a publicidade perdida no tradicional, “seria compensada por publicidade na edição digital, que atualmente quase todos os meios de comunicação social possuem” (Renascença, 2017). Porém, não foi isso que aconteceu. “Para essa situação contribui o facto de empresas tecnológicas como a *Google* e o *Facebook* deterem hoje um quinto de toda a publicidade digital do globo” (Renascença, 2017). Em 2018, o *Facebook* alcançou números elevados em termos de publicidade. “O número mais interessante da apresentação de resultados é o peso da publicidade em dispositivos móveis: disparou 60% para 10,7 mil milhões de dólares e já representa 91% do total” (Dinheiro Vivo, 2018). Deste modo, quando o *Facebook*, a *Google* e até o *Youtube* disputam um mercado

---

<sup>55</sup> *Podcasting* pode ser definido como “uma nova forma de distribuição de conteúdos em formato digital cuja génese remonta a 2004, associado a uma vontade individual de partilha de conteúdos” (Cordeiro, 2010, p.249 citado por Cordeiro & Paulo, 2014, p.122).

<sup>56</sup> A RFM e a Rádio Comercial são duas rádios portuguesas de cariz musical.

publicitário já de si deficitário, a situação dos *media* agrava-se, pois sobra pouco lucro proveniente das receitas publicitárias.

Como tentativa de dar resposta a esta dificuldade, os maiores grupos de comunicação do país<sup>57</sup> criaram o *Nónio* – uma plataforma tecnológica que junta órgãos de comunicação informativos e de entretenimento<sup>58</sup>. Ao registar-se nesta plataforma, o utilizador pode ver os conteúdos de vários destes *media*. A vantagem para o utilizador prende-se com a credibilidade, já que neste espaço estão apenas os meios de comunicação credíveis. Em contrapartida, para os meios de comunicação social, o *Nónio* é a resposta ao domínio publicitário por parte do *Facebook* e da *Google*. “O *Nónio* tem como meta o reforço da presença dos *media* nacionais no mercado publicitário digital face ao domínio de atores globais como o *Google* e o *Facebook*” (*Jornal de Negócios*, 2019). Esse reforço é feito através do utilizador, isto é, quando este coloca os seus dados no registo da plataforma, o *Nónio* acumula um histórico dos seus hábitos de consumo, fazendo com que o utilizador deixe de receber publicidade que não lhe interessa.

Ao mesmo tempo, os órgãos de comunicação tradicional procuram novos meios de sustentabilidade, já que a publicidade não chega. Um exemplo é o Produto Editorial de Potencial Económico (PEPE), que cruza o interesse editorial com o interesse comercial/promocional de uma entidade, organização e/ou fundação. Alguns exemplos disso são: organizações de conferências, programas temáticos, entre outros. Uma outra forma de financiamento são as conferências temáticas em colaboração com outras entidades e *workshops* de formação de profissionais de rádio.

Assim sendo, ao longo deste capítulo, analisou-se a forma como a crise afetou os órgãos de comunicação portugueses e as respostas que estes deram a essa situação. O setor da rádio foi um dos mais afetados por esta realidade, chegando a fechar delegações e a acabar com editorias<sup>59</sup>. Para além disso, a tecnologia e a internet vieram a constituir-se desafios para o setor, já que um meio que se caracteriza pelo imediato e pelo direto, viu as suas notícias deixarem de desaparecer no tempo.

Em pleno 2019, os efeitos de todas estas mudanças ainda se fazem sentir no jornalismo praticado nas estações radiofónicas, sendo que ainda não é consensual o posicionamento mais assertivo deste meio perante os novos desafios. A estratégia destes órgãos tem-se caracterizado por hesitações tanto na internet, em geral, como nas redes sociais, em particular.

No capítulo seguinte serão analisadas três rádios portuguesas que sentiram os efeitos da crise e que, hoje em dia, têm as suas redações mais pequenas do que há dez anos: é o caso da TSF, da Antena 1 e da Rádio Renascença.

---

<sup>57</sup> Cofina, Global Media, Impresa, Media Capital, Público e Renascença.

<sup>58</sup> A plataforma “*Nónio*” é constituída por mais de 70 órgãos de comunicação social.

<sup>59</sup> O desaparecimento de editorias é mais um sinal da perda de especialização no meio.



## Capítulo IV – A contenção de custos nas estações de rádio e a sua influência na qualidade dos conteúdos: análise qualitativa

Ao longo deste relatório temos vindo a analisar a situação de crise e o impacto que esta teve nos meios de comunicação portugueses nos últimos anos. Numa “fase de transição de paradigmas em que o modelo de negócio tradicional dos *media* está em declínio acelerado e os novos modelos de negócio estão ainda longe de se consolidar, as empresas jornalísticas parecem não conseguir travar a espiral suicída dos cortes e despedimentos sucessivos como resposta sistemática à quebra de receitas publicitárias e de audiências” (Bastos, 2012, p.45).

Muitas empresas viram-se cada vez mais despidas de recursos humanos. Atualmente, as estações de rádio são um dos meios onde esta realidade é mais evidente. Com redações cada vez mais pequenas, o setor radiofónico vê-se numa luta, onde tenta manter o modelo de emissão tradicional enquanto procura novas formas de se consolidar no *online*.

Com o objetivo de compreender melhor a situação das estações de rádio portuguesas no presente, e de tentar perceber de que modo a redução de custos que tiveram de enfrentar influenciou (ou não) os seus conteúdos, o presente capítulo pretende analisar as três mais importantes redações de rádio em Portugal: TSF, Antena 1 e Rádio Renascença.

### 10. Análise dos casos da TSF, Antena 1 e Rádio Renascença

Conforme referido anteriormente, estas três rádios sentiram significativamente o impacto da crise. A escassez financeira e a consequente falta de recursos humanos originaram o fecho de várias delegações e o fim de muitas editorias. A TSF, a Antena 1 e a Rádio Renascença são claros exemplos dessa realidade. Estas redações, por terem particularidades no modo de lidar com as consequências da crise, faz todo o sentido que tenham sido as escolhidas para a análise que será feita nas próximas páginas.

Anteriormente, mencionou-se que a TSF mudou o jornalismo radiofónico, em Portugal. Mas não só. Esta estação também contribuiu para o jornalismo enquanto profissão. A sua redação está dividida entre o Porto e Lisboa, já que os dois pólos funcionam em conjunto. Assim, a TSF funciona por turnos, que passam pela Manhã 1, Manhã 2, Tarde, Noite e Madrugada. Referiu-se ainda que a crise dos *media* deu origem a um despedimento coletivo que atingiu esta estação. Por ter vivido esta realidade, a TSF é um caso interessante de ser analisado. Para além disso, o facto de ter realizado o meu estágio neste órgão de comunicação torna essencial o seu contributo para esta análise.

A Antena 1, por sua vez, e embora seja uma rádio que dá grande importância à informação, incide em conteúdos mais generalistas, programas de autor, desporto e música. Porto e Lisboa constituem

a redação da Antena 1, sendo que também ela está dividida por equipas: Manhã 1, Manhã 2, Tarde, Noite e Madrugada, onde os jornalistas das duas cidades trabalham em conjunto.

Perante a situação de crise que atingiu os *media* portugueses, este órgão de comunicação reagiu através de um plano de rescisões e, posteriormente, não substituindo os jornalistas que deixaram a rádio. Isto deu origem a uma redação mais pequena com consequências interessantes de serem abordadas nesta análise. Não é alheio a isto, o modo de financiamento desta estação ser diferente das outras duas, já que a Antena 1 não é financiada por publicidade mas, sim, pelo Estado e pelos contribuintes através da contribuição para o audiovisual.

Por último, a Rádio Renascença também consta nesta pesquisa não só pelo modo como reagiu perante um contexto de crise, como pelo seu posicionamento relativamente a todas as mudanças a nível tecnológico/digital de que falámos anteriormente. A verdade é que a Renascença é pioneira em *visual radio*<sup>60</sup>, em Portugal, e possui os primeiros estúdios digitais de rádio do país. Estes estúdios estão, assim, preparados para fazer vídeos automáticos, de modo a responder às exigências do digital<sup>61</sup>. Desta forma, o ambiente do estúdio de emissão pode ser transmitido em direto no *site* da estação e nas redes sociais.

Em termos de redação, a Renascença tem também equipas específicas para a rádio, *online* e vídeo. Para além destas, há ainda a equipa da Manhã 1, Manhã 2, Tarde e Noite. Tal como as duas rádios anteriores, Porto e Lisboa também constituem um todo no que diz respeito à redação da Rádio Renascença.

Para além destes pontos que assumem interesse para esta análise, a Renascença também tem uma particularidade no que concerne ao modo de agir perante constrangimentos: uma política de “não substituição”, ou seja, os jornalistas que saíram com base em mútuo acordo ou por reforma não foram substituídos, o que permitiu à estação reduzir custos sem despedir nenhum destes profissionais. Isto traduziu-se numa redação mais pequena e marcada por uma questão geracional que será focada ao longo desta investigação.

Com esta análise, pretende-se, assim, identificar o impacto da crise nestas três emissoras bem como as respetivas consequências, ao mesmo tempo que se tenta perceber se a redução dos custos nestas rádios influenciou/influencia a qualidade dos seus conteúdos.

Para tornar este estudo possível, e após identificar o objeto de análise, foi necessário definir as metodologias a ser utilizadas.

---

<sup>60</sup> “*Visual radio*” é o termo utilizado para definir o sistema que permite adicionar imagens a transmissões de rádio. Este sistema faz “realização multicâmara e utiliza um *software* apoiado em inteligência artificial para permitir uma realização totalmente automática, baseada na voz, escolhendo a melhor câmara e o melhor plano em cada momento, em função de quem está a falar, e ajustando-os de forma natural” (Renascença, 2019)

<sup>61</sup> Neste âmbito, “a ligação direta às redes sociais permitirá, a quem conduz a emissão, iniciar de forma imediata e automática e emissão vídeo «ao vivo», em qualquer momento” (Renascença, 2019).



## 10.1. Metodologias utilizadas

A reflexão que consta neste relatório usa a análise de conteúdo como técnica de análise de dados qualitativos. Para este estudo foram realizadas oito entrevistas a profissionais das redações da TSF, Antena 1 e Rádio Renascença, de modo a identificar fatores que ajudassem a perceber de que modo as consequências da crise se refletem no funcionamento destas redações e na qualidade dos conteúdos transmitidos ao público. Estas entrevistas foram gravadas presencialmente nas respetivas rádios e, posteriormente, transcritas na íntegra.

O objetivo desta técnica passa por comparar o funcionamento das três redações bem como o modo como estas se organizam tendo em conta os constrangimentos financeiros vividos pelo meio. Recorrendo ao parecer de profissionais que vivem diariamente esta realidade, o propósito foi trazer credibilidade e autenticidade a este estudo. Assim, procurei entrevistar jornalistas com cargos de coordenação/chefia bem como aqueles que apenas integram a redação, tendo testemunhos quer de jornalistas com mais anos de profissão quer de elementos mais recentes.

Assim, foram entrevistados/as:

- **Pedro Pinheiro** (diretor-adjunto na TSF): Apesar dos pólos do Porto e Lisboa constituírem uma só redação, o Porto tem a particularidade de ainda funcionar um pouco “à moda antiga” no que diz respeito à convergência de funções e à separação entre o trabalho do jornalista e do técnico de som. Antes de ser diretor-adjunto da TSF, Pedro Pinheiro fez parte da equipa do Porto e, por isso, o seu testemunho é fundamental para compreender as diferenças no modo de trabalho dos dois pólos e a forma como se relacionam;

- **Joaquim Ferreira** (Jornalista na TSF): Tendo em conta esta diferença no modo de trabalhar entre o Porto e Lisboa, e sendo o Joaquim Ferreira um dos jornalistas que assistiu a todas as mudanças que se foram vivendo na rádio, o seu contributo para esta análise é essencial. Esteve sempre na equipa do Porto e, por isso, dá uma visão da forma como funciona este pólo;

- **Joaquim Pedro Rocha** (Técnico de som na TSF): Tendo em conta a convergência de funções que se tem vivido no jornalismo e à qual a TSF não escapou, a visão de um técnico de som é fulcral para um melhor entendimento da convergência e, sobretudo, para analisar o modo como esta profissão foi afetada por todas estas mudanças. Sendo que um técnico de som é especializado no tratamento sonoro, será que, ao ser dispensado, a qualidade dos conteúdos é afetada?;

- **Fernando Alves** (Jornalista na TSF): Sendo Fernando Alves um dos jornalistas com mais anos de trabalho na TSF e uma figura incontornável do jornalismo radiofónico, o seu testemunho é fulcral para uma melhor compreensão das consequências da crise e da adaptação da rádio a todas as mudanças que se foram vivendo. Assim, este jornalista pode dar-nos o “antes” e o “depois”, ajudando a clarificar certas questões relativas ao desempenho da TSF ao longo dos últimos anos;

- **Miguel Soares** (Jornalista e Editor de Informação na Antena 1): Miguel Soares é um dos jornalistas com mais anos de trabalho na Antena 1 e, portanto, assistiu a todas as mudanças

originadas pela crise e acentuadas pelos avanços tecnológicos. Tendo-se adaptado às novas circunstâncias, deparou-se com o facto de ser a única pessoa a trabalhar a informação nas redes sociais da estação. Por estes motivos, o seu parecer sobre a situação da Antena 1 nos últimos anos é uma mais valia para esta análise;

- **Frederico Moreno** (Jornalista na Antena 1): Antes de ser jornalista da Antena 1, Frederico Moreno passou pela TSF e, nesse sentido, o seu contributo é muito importante para compreendermos melhor as diferenças entre as duas estações no modo de enfrentar todas as problemáticas mencionadas ao longo deste relatório. Para além disso, Frederico Moreno entrou na Antena 1 em 2007, ou seja, numa altura em que a situação de crise estava a instalar-se, tendo assistido de perto ao fecho de várias editorias e à não contratação de mais nenhum jornalista para a estação num período de oito a dez anos após a sua chegada;

- **Pedro Leal** (Diretor-Geral de Produção na Rádio Renascença): O cargo de Pedro Leal na Rádio Renascença, por si só, já o torna importante para este estudo. Os anos de trabalho nesta estação dão-lhe uma perspetiva da Renascença antes e após a crise. Para além disso, acompanhou a evolução tecnológica e as respostas rápidas e eficazes desta rádio a esses novos desafios. Viu os jornalistas que foram saindo não serem substituídos e a redação tornar-se cada vez mais pequena. Por estes motivos, a perspetiva de Pedro Leal é fundamental para entendermos o modo como menos recursos humanos influenciaram (ou não) os conteúdos desta estação.

- **Teresa Almeida** (Jornalista na Rádio Renascença): Teresa Almeida é mais um exemplo do modo como os jornalistas tiveram de se adaptar às novas mudanças trazidas pela crise e com a influência dos avanços tecnológicos. Os seus métodos de trabalho tiveram de mudar ao mesmo tempo que se foi adaptando a uma redação mais pequena à sua volta. No entanto, Teresa acredita que muitas destas mudanças foram positivas e que a essência da rádio está longe de se perder, motivos pelos quais a sua visão é extremamente relevante para esta análise.

Num total de oito entrevistas, quatro delas foram realizadas a profissionais da TSF. Isto porque, apesar de Porto e Lisboa constituírem uma só redação, uma parte da análise irá focar-se nas diferenças no modo de trabalho entre estes dois pólos e, por isso, ter uma perspetiva de jornalistas que trabalham no pólo do Porto e outra de jornalistas que se encontram em Lisboa, pareceu-me fundamental para identificar essas diferenças. Assim, nesta pesquisa, haverá uma parte dedicada à comparação entre Porto e Lisboa tendo em conta a cultura de trabalho, na TSF.

Em contrapartida, quer na Antena 1 quer na Rádio Renascença foram feitas apenas duas entrevistas, por acreditar que, tendo em conta que estamos perante um estudo qualitativo, os testemunhos dos profissionais escolhidos seriam suficientes.

É de referir ainda que o objetivo das entrevistas terem sido realizadas presencialmente e nas respetivas redações foi aliar ao trabalho de entrevista o método de observação. Ou seja, através da observação pude entender a forma como estão divididas as diferentes redações bem como o modo como funcionam e os seus métodos de trabalho. Pude ainda analisar o número de jornalistas dentro das redações bem como a presença ou falta de técnicos especializados no tratamento do som.

Recolhido todo este material, procedi à realização de uma grelha (anexo 14) com o fim de facilitar a análise de conteúdo desses dados. Assim, nesta grelha constam todas as problemáticas abordadas pelos entrevistados, bem como as citações destes relativamente a essas questões. O objetivo é tornar a análise mais prática e eficaz centrando-a apenas nos pontos chave das entrevistas, eliminando o que é superficial. São esses pontos que vão ser analisados nas próximas páginas e que poderão fornecer-nos uma melhor compreensão acerca destas redações.

## 10.2. Resultados obtidos

Os depoimentos dos diferentes profissionais parecem apontar a crise como um dos principais motivos para a origem de cortes profundos no número de profissionais nas redações de rádio, sendo que, por conta da convergência, a profissão de técnico de som vê-se ameaçada. De acordo com Frederico Moreno, jornalista na Antena 1, “eles próprios [técnicos] também editam com falta de recursos humanos e, se calhar, qualquer dia já não existem técnicos de som a trabalhar na rádio e os jornalistas passam a exercer mais uma função”.

Miguel Soares, jornalista na Antena 1, acredita também que a falta de recursos humanos aliada à rapidez que é exigida impede que, muitas vezes, se desenvolvam novas histórias, se aprofundem os temas e que o jornalista possa deslocar-se aos locais dos acontecimentos, já que “se tivermos mais pessoas especializadas temos mais possibilidades de “sacar” histórias. Se tivermos menos, é mais difícil (...) A rádio continua a trabalhar mas, talvez, não da forma que seria a ideal”.

Ora, se a observação é uma característica importante para o jornalismo, ao não haver jornalistas que se desloquem ao local onde está a notícia, os conteúdos podem ser afetados. Segundo Frederico Moreno, muitas vezes, os sons usados nem sequer são captados pela estação e “a rádio, infelizmente, tem tido menos pessoas, menos capacidade de estar na rua e nos locais onde as coisas acontecem. Diariamente, nós temos de ir buscar sons à televisão”, correndo o risco de não terem a qualidade desejada e, no pior dos casos, não serem credíveis por falta de contexto.

Para além disso, a falta de verbas impede o desenvolvimento de certos géneros jornalísticos (como, por exemplo, o jornalismo de investigação e grande reportagem), afetando os conteúdos das estações, que deixam de ser tão diversificados.

No entanto, apesar destas questões, todos os entrevistados defendem que é necessário reagir de acordo com as circunstâncias existentes. A este respeito, Pedro Leal, diretor da Renascença, defende que “se nós temos noticiários de cinco minutos, tem de haver as condições exatas para esses noticiários”. Por sua vez, Frederico Moreno acredita que “com o microfone desligado é que eu tenho de chamar à atenção da minha direção e empresa para a necessidade de reforçar os meios técnicos e humanos, não é no ar que as coisas têm de transparecer”. Ou seja, os conteúdos que vão para “o ar” devem ter toda a qualidade possível de acordo com os meios disponíveis, de forma a não transmitir ao ouvinte os problemas internos.

As conclusões à análise das entrevistas também evidenciam uma clara importância dada à especialização por parte destas redações. Assim, estes profissionais acreditam que a qualidade dos conteúdos é maior quando estes são trabalhados por pessoas especializadas<sup>62</sup>. Neste sentido, Fernando Alves, jornalista na TSF, destaca os profissionais do som, afirmando que “felizmente, nesta rádio temos poucos e muito bons sonoplastas. Temos melhores sonoplastas do que jornalistas”.

Porém, a convergência veio dificultar essa especialização, já que há cada vez menos jornalistas a exercer mais funções. Deste modo, esta convergência contribui para a diminuição de profissionais nas redações, pois veio permitir poupar dinheiro em recursos humanos dando mais funções a cada um dos jornalistas. A este propósito, os resultados desta pesquisa revelam que, apesar destes profissionais estarem cada vez mais preparados para desempenhar essas tarefas, a qualidade do resultado final não é tão evidente como quando é exercida por pessoas especializadas. Joaquim Ferreira, jornalista na TSF, acredita que “(...) por melhor que eu aprenda a tirar fotografias, ao ter alguém especializado a fazer isso, em 90% dos casos a pessoa especializada vai fazer melhor do que eu, portanto, é melhor”. O que vai no sentido de reforçar a hipótese colocada de que a redução de custos influencia os conteúdos.

Deste modo, estas três rádios ainda não abdicam do trabalho dos técnicos de som, porém, a sua presença nas redações é cada vez mais reduzida. No caso da Renascença e da Antena 1, o jornalista monta as suas peças/reportagens praticamente sozinho, “agora, a maioria pela própria redação, pelos próprios autores das reportagens”, assegura Miguel Soares. No entanto, na Renascença, uma reportagem, que é um trabalho mais elaborado a nível de som, não vai “para o ar” sem passar por um técnico de som. De acordo com Pedro Leal, “todas as peças que têm uma determinada exigência vão para o sonorizador porque ele sabe fazer aquele trabalho”. Já, na Antena 1, é possível que uma grande reportagem<sup>63</sup> seja completamente realizada pelo jornalista e não passe pelo técnico antes de ser transmitida ao ouvinte.

Por sua vez, a TSF é particular nesta questão. Como desenvolverei mais à frente, no pólo do Porto, o trabalho do técnico de som não é tão dispensável e são raras as peças que são emitidas sem a sua intervenção. No entanto, no pólo de Lisboa, o técnico de som é mais solicitado para trabalhos mais profundos como, por exemplo, a edição de programas ou de reportagens. Em contrapartida, as peças de noticiários são mais trabalhadas pelo próprio jornalista. Sendo assim, notar-se-à a diferença de um produto saído destes dois modos de funcionamento? No ponto seguinte são abordadas todas estas questões e discutidas as conclusões retiradas dos dados analisados.

---

<sup>62</sup> Por exemplo, o som terá mais qualidade se for trabalhado por profissionais especializados no seu tratamento: os técnicos de som.

<sup>63</sup> “Grande Reportagem” é um género jornalístico que exige um aprofundado trabalho de investigação. A particularidade deste trabalho faz com que existam jornalistas especializados neste género.

### 10.3. Discussão dos resultados

A discussão que se segue apoia-se na revisão bibliográfica exposta ao longo deste relatório e nas informações adquiridas nas entrevistas aos profissionais da TSF, Antena 1 e Rádio Renascença.

A crise no modelo de negócio acentuada pela crise económica afetou os *media* portugueses, originando consequências profundas para as estações de rádio. Na Antena 1, o fecho de delegações foi o mais evidente. Em alguns casos, essas delegações ficaram apenas com profissionais da televisão.

No entanto, é inegável o número de profissionais que abandonaram a estação fruto de todos estes cortes, bem como algumas funções da rádio terem passado a ser exercidas por profissionais da televisão com vista à contenção de despesas.

Quanto à Rádio Renascença, há poucas informações sobre o número de delegações encerradas sendo que, até hoje, ainda estão em funcionamento os pólos de Braga, Chaves, Évora, Leiria, Viseu, Porto e Lisboa. Esta realidade pode ser justificada pelo facto de algumas destas delegações, por um lado, terem autonomia local de gestão e, por outro, desta estação não despedir ninguém e reduzir os seus custos através da não contratação de novos jornalistas. Desse modo, é possível manter mais delegações com o número de profissionais existentes exercendo mais funções.

Em contrapartida, comparando estas três rádios, a TSF é a que mantém menos delegações abertas. Nos últimos anos, encerraram as delegações de Évora, Faro<sup>64</sup> e Braga, mantendo-se até aos dias atuais apenas os pólos de Lisboa, Porto, Madeira e Açores<sup>65</sup>. Na origem destes resultados está o facto da TSF ter sido afetada pelos despedimentos do grupo Controlinveste (detentor da empresa), o que resultou num número mais reduzido de jornalistas nesta estação e, conseqüentemente, na necessidade de fechar algumas delegações. Porém, como forma de apaziguar esta realidade, a TSF mantém vários correspondentes espalhados pelo país.

Mas as consequências da conjuntura vão ainda mais longe. Para além de delegações, a Antena 1 também assistiu ao desaparecimento de algumas editorias. Assim, no Porto, mantém-se apenas a editoria de redes sociais. Em Lisboa, existe ainda a equipa de economia, política e desporto, tendo sido extintas as editorias de sociedade, cultura e internacional.

Por sua vez, na TSF, existe a editoria do *online*, da política, da economia, da cultura e do desporto, sendo que esta estação, para além de nunca ter abdicado de nenhuma editoria, recentemente, criou a de sociedade.

Por sua vez, na Renascença, há uma aposta maior no digital. Assim, esta rádio tem uma equipa dedicada à emissão propriamente dita, a equipa do *online*, de desporto e uma equipa especializada em vídeo.

---

<sup>64</sup> Faro apenas mantém uma jornalista que pertence aos quadros da estação.

<sup>65</sup> Madeira e Açores têm emissão local própria em determinados horários.

Portanto, no fundo, a extinção (ou não) de editorias dependeu da estratégia que cada uma das direções destas três estações escolheu para enfrentar os problemas que surgiram fruto da crise.

O parágrafo anterior mostra que os desafios que estes meios têm de enfrentar não só dizem respeito à crise como à evolução tecnológica. Mesmo pondo fim a editorias por falta de recursos humanos, todas estas rádios não abdicam de ter uma editoria para o *online*. Este facto é comum a todas elas e prova que há uma conjugação de fatores, entre a crise e as mudanças tecnológicas, no que diz respeito às consequências no exercício do jornalismo.

Desta forma, para compreender de que modo esta redução de custos influencia a qualidade dos resultados, não se deve deixar de ter em consideração o papel da convergência e a influência dos avanços tecnológicos.

### **10.3.1. A convergência, aliada à crise que se vive no jornalismo, estará a influenciar os conteúdos destas três redações?**

Fernando Alves é um dos jornalistas que trabalha há mais anos na TSF e, portanto, tem assistido a todas as mudanças que se vivem no jornalismo. Fruto da convergência, a maior parte dos jornalistas da TSF já está capacitado para editar sons, trabalho que, anteriormente, era feito, na íntegra, pelos técnicos de som. Para Fernando Alves, o facto do jornalista já poder exercer as funções dos técnicos não significa que estes tenham perdido importância. “Felizmente, nesta rádio, temos poucos e muito bons sonoplastas<sup>66</sup>. Temos melhores sonoplastas do que jornalistas”.

No entanto, essa qualidade de sonoplastia vê-se reduzida pelo decrescente número destes profissionais nas redações. “Isso [convergência] roubou algum trabalho aos técnicos”. Pedro Pinheiro é diretor-adjunto na TSF e reconhece a origem da ameaça a estes profissionais. “(...) a ideia de que isto se faz com menos pessoas. E isso, conjugado com a crise que o negócio está a viver, veio complicar muito a nossa vida”.

Perante a crise, a TSF viu-se obrigada a diminuir o número de profissionais, dando aos que ficaram na redação mais funções para exercer. A edição, que antes pertencia a profissionais especializados, passa a ser uma tarefa do jornalista o que, na opinião de Joaquim Ferreira, jornalista na TSF, é mais uma forma de reduzir custos: “Entre teres uma pessoa que faz disso profissão e teres alguém que pode dar um jeito, acho que um gestor optaria pela segunda. Quando opta é porque decide cortar nos custos”.

Frederico Moreno, jornalista na Antena 1, concorda com Joaquim Ferreira relativamente à cada vez menos frequente passagem dos sons pelas mãos dos técnicos. “Eles próprios [técnicos] também editam com falta de recursos humanos e, se calhar, qualquer dia já não existem técnicos

---

<sup>66</sup> Sonoplastas são técnicos de som também especializados em sonoplastia e sonorização. Intervém em trabalhos mais elaborados, como grandes reportagens e/ou peças com ambientes sonoros/musicais.



de som a trabalhar na rádio e os jornalistas passam a exercer mais uma função. Não é isso que eu desejo, mas terá tudo a ver com a tecnologia”.

A verdade é que a tecnologia trouxe várias mudanças no modo de fazer rádio e, portanto, se esta inovação deu aos técnicos de som novas ferramentas para um trabalho com mais versatilidade, por outro lado, veio possibilitar que outros profissionais pudessem desempenhar as suas funções recorrendo às mesmas ferramentas.

Na Antena 1, isso já é uma realidade. “Há quem diga que estamos a executar tarefas que, se calhar, cinco ou seis pessoas podiam executar em separado... Se calhar, noutros tempos, foi assim. Mas, hoje em dia, a realidade é completamente diferente”. Para Frederico Moreno resta que o jornalista se saiba adaptar ao novo modo de exercer a profissão, já que “(...) um jornalista que só sabe fazer entrevistas, atualmente, está condenado à extinção”.

Tal como Frederico, Miguel Soares, editor de informação na Antena 1, reconhece a menor procura dos técnicos de som por parte da estação, o que não acontecia antes da crise. “Na altura, as peças eram todas montadas pelos técnicos e só depois é que iam para o ar e, agora, a maioria é tratada pela própria redação, pelos próprios autores das reportagens”. Assim, atualmente, existem cinco técnicos de som a trabalhar na Antena 1, no Porto. No entanto, para poupar custos, a estação recorre a sonorizações de técnicos que trabalham na televisão para programas da rádio que exijam uma maior experiência na área da edição. Tirando estas exceções, segundo Miguel Soares, “uma boa percentagem” das reportagens é completamente editada e montada pelos jornalistas sem sequer passar por um técnico antes de ir “para o ar”.

Em contrapartida, na TSF, “uma grande reportagem, regra geral, implica muito trabalho de estúdio, incluindo o recurso a sonoplastias e, assim, dificilmente será uma tarefa individual” (Meneses, 2003, p.190). Desta forma, nesta estação, nenhuma reportagem é levada ao ouvinte sem antes passar pelo técnico. O ideal será, então, que jornalista e técnico de som trabalhem em conjunto para um melhor produto final.

Contudo, Joaquim Pedro Rocha, técnico de som na TSF, vê a capacidade do jornalista trabalhar o som como uma vantagem, já que “há trabalhos de produção mais longos, que exigem mais tempo e, dessa forma, não precisamos de parar um estúdio para cortar um som que o jornalista tem a capacidade de fazer”. O mesmo acontece na Rádio Renascença onde, segundo Pedro Leal, diretor-geral da estação, “todas as peças que têm uma determinada exigência vão para o sonorizador porque ele sabe fazer aquele trabalho”, deixando para o jornalista apenas a edição e respetiva montagem de trabalhos menos profundos.

A este propósito, e após uma análise aos dois pólos da TSF, foi perceptível algumas diferenças no trabalho dos técnicos de som em Lisboa e no Porto. A verdade é que “um dos segredos do rápido sucesso da TSF foi o de valorizar o papel dos operadores/sonorizadores, contrariando, já então, a tal tendência economicista de poupar alguns postos de trabalho” (Meneses, 2003, p.149). A estação fazia-o por acreditar que a qualidade dos conteúdos seria maior se passasse por profissionais especializados.

No entanto, atualmente, e com todas as mudanças que foram surgindo, em Lisboa, o jornalista já vai dispensando o trabalho do técnico para editar sons e/ou peças mais pequenas, usando-o sobretudo para reportagens ou programas da estação. Nesse sentido, os estúdios do pólo de Lisboa já contam com pequenas cabines equipadas que possibilitam a edição para que, quando o jornalista tem de gravar uma entrevista, cortar um som ou montar uma peça, por exemplo, possa fazê-lo sozinho.

Em contrapartida, no Porto, a profissão do técnico continua a funcionar mais como antigamente, sendo o jornalista menos autónomo no que diz respeito à edição sonora. Este pólo é constituído por três estúdios onde trabalham três técnicos aos quais, a maior parte dos jornalistas, recorre mesmo que seja para cortar apenas um som. De acordo com Pedro Pinheiro, “aí o Porto tem uma circunstância muito particular. Aquela gente trabalha junta há muito tempo”. Particular ou não, a verdade é que, na antena da TSF, passam sons “ao estilo” de Lisboa e outros “à moda” do Porto. É de notar ainda que a própria conceção dos estúdios (mais antiga) também contribui para esta baixa autonomização do jornalista, sendo que se estima que, numa renovação futura, haja uma aproximação ao conceito da TSF Lisboa.

Tendo em conta todas estas questões, será que, ao ter modos de funcionamento diferentes dentro da mesma rádio, a qualidade dos conteúdos difere? Esta questão remete-nos para a importância da especialização. Trabalhos realizados por pessoas especializadas terão, de facto, mais qualidade?

A este propósito, Joaquim Ferreira admite que os conteúdos onde o técnico de som interfere apresentam uma melhor qualidade, afirmando que “na TSF, há pessoas especializadas no tratamento do som e é tão evidente quando elas ‘põem a mão na massa’ que seria uma pena se não existissem”. Esta ideia é corroborada por Fernando Alves quando diz que “o problema é que a rádio não pode dispensar-se desse luxo que é ter sonoplastas a embrulharem plasticamente com sabedoria, com exigência, com muita sensibilidade artística e apuro”, o que leva a concluir que um trabalho realizado na íntegra por um jornalista não terá a mesma qualidade que um trabalho onde jornalista e técnico de som se unem.

Desta forma, “um trabalho feito por um especialista será, por regra, melhor do que outro realizado em acumulação pelo jornalista” (Meneses, 2003, p.149). Ora, se ao reduzir custos estas empresas tiveram de abdicar de muitos profissionais especializados e deixar nas mãos dos jornalistas tarefas para as quais ele não estava preparado, terão sido os conteúdos influenciados por esta realidade?

### **10.3.2. Cortes nas redações e escassez de profissionais especializados: que impacto?**

“A limitação das possibilidades de cada meio de comunicação caiu por terra desde que, através da internet, é possível conjugar diversos formatos, podendo o utilizador selecionar aquele que mais lhe agrada ou combinar as diversas possibilidades, num contexto de comunicação interativa” (Cordeiro & Paulo, 2014, p.122). Cabe ao órgão de comunicação social fornecer ao utilizador várias possibilidades e, portanto, o jornalista tem de agir rapidamente e trabalhar em vários



formatos ao mesmo tempo. Se antes um profissional da rádio limitava a sua preocupação à escrita e ao som, agora também tem de ter conhecimentos de fotografia, vídeo e, sobretudo, de edição.

Esta realidade originou que todos estes formatos sejam, muitas vezes, utilizados por pessoas sem qualquer tipo de preparação. Na maior parte das vezes, a formação é diminuta ou inexistente. O corte no número de funcionários das redações abordadas neste capítulo, deu origem a que os jornalistas que restaram tivessem de desempenhar funções que antes não lhes pertenciam. No meio disto tudo, onde fica a especialização? Será que a falta dela se sente nos conteúdos das redações da TSF, Antena 1 e Renascença?

O *online* trouxe vários desafios. Um deles prende-se com a necessidade de estar em várias plataformas e responder às suas exigências com rapidez já que, de acordo com Joaquim Ferreira, “o objetivo do jornalista sempre foi dar as notícias primeiro do que os outros. (...) Só que agora os outros chegam muito depressa e tu também tens de chegar”. Fernando Alves acredita que, neste sentido, a tecnologia veio retirar qualidade ao jornalismo, pois “às vezes não percebemos bem ao que vamos, porque estamos todos a fazer a notícia a correr e depois vamos ali ao ecrã ver se está em primeiro ou segundo lugar nas audiências”. Para além disso, para este jornalista, o facto do público também se ter tornado, ao mesmo tempo, produtor e consumidor de conteúdos faz com que “todos cheguem tão depressa como eu às supostas fontes noticiosas, o que até põe em casa a necessidade de que nós [jornalistas] aqui estejamos”.

Assim, a especialização ficou de parte. Segundo Pedro Leal, “o digital também trouxe uma ilusão de que todos nós sabemos fazer coisas. Todos nós hoje somos fotógrafos, mas nunca houve tanta má fotografia como agora”. Joaquim Ferreira concorda com esta ideia, referindo que “(...) por melhor que eu aprenda a tirar fotografias, ao ter alguém especializado a fazer isso, em 90% dos casos a pessoa especializada vai fazer melhor do que eu, portanto, é melhor”.

Ora, se a especialização é assim tão importante porque é que estas redações, muitas vezes, abdicam de profissionais especializados? Para reduzir custos. De acordo com Pedro Pinheiro, “trabalhar numa rádio é cada vez mais complicado, os salários são curtíssimos, as pessoas e os meios são cada vez menos,...”. Na TSF, essa realidade é cada vez mais evidente, já que “quem está aqui a trabalhar não ganha muito mais que mil, mil e duzentos ou mil e trezentos euros. Os mais novos que entraram não ganham isso sequer”. O mesmo se passa na Antena 1 onde, de acordo com Miguel Soares, “(...) houve uma vaga de jornalistas que deixaram a rádio nos últimos anos e que não foram substituídos. Isso é uma prova do desgaste, da erosão da equipa”.

A falta de recursos humanos provoca, assim, a necessidade de fazer muito com o pouco que se tem. Deste modo, muitos jornalistas acabam por desempenhar várias tarefas num curto espaço de tempo, pondo em risco a qualidade do seu trabalho. Para Frederico Moreno, por muito que o jornalista se vá adaptando a estas novas funções, “(...) é óbvio que, eu diria, 80% dos dias chego ao fim da jornada e penso que se tivesse tido mais uma ou duas pessoas na equipa teria pegado noutros temas, teria desenvolvido outras histórias...”. Miguel Soares concorda com o colega, afirmando que “nós tentamos sempre manter o mesmo padrão de qualidade e também não perdermos conteúdos mas afeta sempre [a qualidade], quanto mais não seja, no desgaste do dia-a-dia das pessoas que são obrigadas a ponderar menos as coisas, a ter menos tempo e, sobretudo, a ter muito mais ginástica e flexibilidade”.

A escassez de histórias, principalmente de investigação, e de um aprofundar de temas é um fator apontado pelas três redações como resultado da falta de recursos humanos. A este propósito, Frederico Moreno acrescenta que “a rádio, infelizmente, tem tido menos pessoas, menos capacidade de estar na rua e nos locais onde as coisas acontecem. Diariamente, nós temos de ir buscar sons à televisão”. Neste sentido, o facto da Antena 1 integrar a RTP facilita este processo, já que a televisão disponibiliza-se para lhes fornecer todos os sons necessários.

No entanto, a qualidade dos conteúdos acaba por ser afetada quando os jornalistas da estação não têm qualquer intervenção no som que vão colocar “no ar”. Não tendo sido captado pelos jornalistas desta rádio no local, o som pode chegar-lhes mal tratado e, na pior das hipóteses, pode nem sequer ser credível, já que não passou pela sua edição. Frederico Moreno acredita que a missão consiste em não transmitir ao ouvinte todas estas falhas que se vivem na estação. “Com o microfone desligado é que eu tenho de chamar a atenção da minha direção e empresa para a necessidade de reforçar os meios técnicos e humanos, não é no ar que as coisas têm de transparecer”.

Por sua vez, Pedro Leal acredita que a escassez de recursos humanos não tem de ser um fator influenciador da qualidade dos conteúdos. “O que nós temos de saber é que reduzir pessoas nem sempre resulta em pior qualidade”. Assim, o que o diretor-geral da Rádio Renascença defende é “que a qualidade do que vai para o ar não pode ser afetada. Portanto, se nós temos noticiários de cinco minutos, tem de haver as condições exatas para esses noticiários”. Essas condições conseguem-se através de uma adaptação por parte da empresa à nova realidade que se vive no jornalismo. Joaquim Pedro Rocha também vive essa situação na TSF. Técnico de som há cerca de trinta anos, considera que “(...) com as novas tecnologias e com menos gente, houve a necessidade de nos adaptarmos às novas circunstâncias”, acrescentando que “o técnico da TSF, atualmente, faz mais do que um trabalho puramente técnico. (...) Tem de estar por dentro das notícias”.

Mas, de que forma se consegue manter a mesma qualidade se os meios e os recursos são cada vez menos? Para Pedro Leal, a solução que a Renascença encontrou passa por “uma melhoria nos procedimentos para nos ajudar a continuar com a mesma exigência do que vai para o ar”. Porém, na perspetiva de Miguel Soares, por muito que o ouvinte não se aperceba do que se passa internamente, os resultados na rádio nunca são os mesmos. Deste modo, o jornalista da Antena 1 acredita que “se tivermos mais pessoas especializadas, temos mais possibilidades de ‘sacar’ histórias. Se tivermos menos, é mais difícil. Para o ouvinte comum, se calhar, não se apercebe tanto porque a rádio continua a trabalhar mas, talvez, não da forma que seria a ideal”.

Assim, o facto de um profissional exercer determinada tarefa pode fazer com que este se distraia das restantes funções que também tem a seu cargo e para as quais não tem qualquer tipo de formação. “Na rádio, é o repórter que tem de acumular as duas tarefas [escrita e edição]. (...) Como não é possível dedicar igual atenção às duas funções, acaba por se perceber que seja prejudicada a menos jornalística” (Meneses, 2003, p.93). Joaquim Pedro Rocha defende a especialização para um resultado com qualidade e afirma que “(...) há colegas que podem ter a capacidade material<sup>67</sup>, ou seja, ter as condições todas, mas não têm a noção de estética, das diferenças e passagens de

---

<sup>67</sup> Ao dizer “capacidade material”, Joaquim Pedro Rocha refere-se a ferramentas de edição de áudio.

som, da respiração e dos silêncios”. Noções que um profissional especializado no tratamento do som terá mais apuradas.

“(…) não faz sentido pensar que o ouvinte não é muito exigente com o som. O ouvinte não faz distinção entre texto e som, é tudo igual quando toca a provocar ‘ruído’” (Meneses, 2016, p.89). Ora, se ao dar mais atenção à tarefa para a qual está preparado (escrita) o jornalista se distrai nas questões relativas ao tratamento do som, a qualidade do que é dado ao ouvinte poderá não ser a mesma.

Portanto, a TSF dá muita importância à questão da especialização para que os conteúdos não sejam afetados. Depois de passar pela Antena 1, onde já editava os seus próprios trabalhos, Frederico Moreno esteve na TSF e, agora que regressou à Antena 1, confessa que “na TSF sempre que ia preparar-me para editar o material, os técnicos diziam logo ‘oh meu menino, vens cá se faz favor’ e obrigavam-me a dar-lhes o material (...) Eu já ia escrevendo a peça e dizia ‘corta mais ou menos ali’, eles estavam a cortar e eu a acabar de escrever a peça. De repente, eles abriam o microfone e eu gravava a peça. E eles é que montavam o trabalho”.

De acordo com Pedro Pinheiro, manter a qualidade do que vai ser emitido é mais importante do que a contenção de custos. Como já foi referido, no pólo do Porto, o técnico de som tem um papel ativo nos conteúdos que passam em antena e, por isso, mantém-se a funcionar apesar de todas as dificuldades financeiras. O diretor-adjunto não nega que encerrar essa delegação reduziria significativamente os custos da empresa, afirmando que “(...) é uma tentação porque tu olhas para aquilo [pólo do Porto] e dizes ‘fogo, eu acabo com isto, resolvo o meu problema, ainda fico com dinheiro e não tenho de me cruzar com eles [jornalistas] no corredor’”. No entanto, a qualidade dos resultados tem prevalecido no que diz respeito à tomada de decisões desta estação. Qualidade essa que é confirmada por Frederico Moreno quando refere que “eles [técnicos], que são especialistas a tratar o som conseguem fazê-lo melhor que nós e esse trabalho de equipa também é interessante e acaba por tornar o processo de edição de uma peça mais rápido”.

O mesmo acontece na Rádio Renascença que, ao não despedir ninguém, vai tentando manter a qualidade com os profissionais que vão permanecendo na estação. Em termos de especialização, no que concerne ao tratamento do som, nenhuma reportagem passa em antena sem que, antes, seja submetida ao ouvido do técnico o que, em contrapartida, e como já foi referido, não acontece tanto na Antena 1, onde a autonomia na edição sonora por parte do jornalista se revela maior. Neste âmbito, Teresa Almeida, jornalista da Renascença, não tem dúvidas: “é muito importante termos alguém que saiba cativar com o som aquilo que as pessoas podem ouvir (...) Uma reportagem de quinze minutos sem o trabalho do sonoplasta é muito difícil de ser ouvida”, o que comprova, mais uma vez, a importância da especialização para um produto final com mais qualidade. Neste sentido, Pedro Leal considera que “(...) não podemos anular a especialização senão corremos o risco de não sabermos do que estamos a falar e isso não pode acontecer”.

Analisando todas estas variáveis, que consequências estes constrangimentos têm no exercício do jornalismo radiofónico?

Joaquim Ferreira acredita que todas as questões mencionadas anteriormente, afetam a qualidade dos conteúdos da rádio. Para o jornalista da TSF, “quanto menos pessoas tiveres na redação menos

massa crítica tens, menos opiniões ouves e, portanto, mais isoladamente tens de decidir”. Joaquim Ferreira teme, assim, que o jornalismo se possa vir a tornar num trabalho solitário. Por outro lado, Miguel Soares aponta a falta de jovens nas redações como uma das consequências mais preocupantes destes constrangimentos, temendo que “nos anos mais recentes, por força do congelamento de contratações, nos falte sangue novo para introduzir novas ideias, para que haja uma renovação”.

No entanto, apesar desta escassez de contratações, os jovens continuam a procurar o ensino de jornalismo. Em 2012, um estudo revelado pelo Ministério da Educação dava conta de que a área de informação e jornalismo estava em segundo lugar no índice de maior número de desempregados “com 9,1% de desempregados, para 20.337 diplomados” (Rodrigues, 2012 citado por Bastos, 2012, p.41). Nesse sentido, Pedro Pinheiro defende a importância do ensino para que os jovens consigam ingressar mais facilmente nesta área. Segundo o diretor-adjunto da TSF, “se calhar também ainda não vieram perguntar às redações ‘em que estado é que vocês querem os licenciados? Como é que vocês querem que eles cheguem aí?’ E, se calhar, valia a pena, um dia, pensarem um bocadinho a sério sobre isso”. De acordo com Pedro Pinheiro, o ensino do jornalismo pode, então, influenciar o caminho dos futuros jornalistas bem como a sua preparação para esta realidade sendo que “os cursos não são iguais e, se calhar, o que falta é isso: olhar para o que existe e perceber as necessidades”.

Tendo em conta este panorama, o diretor-adjunto da TSF acredita que o futuro do jornalismo radiofónico passa por uma renovação. Deste modo, “temos de aproximar o tempo da rádio do tempo digital”, sendo que “a TSF nasce porque, de meia em meia hora, há notícias. Isso já não pode ser de meia em meia hora. Tem de ser na hora. E se o que aconteceu foi aos dezassete minutos, é aos dezassete minutos que vai para o ar”. Nesta lógica, o futuro da rádio seria preservado já que, atualmente, há quem ponha em causa o futuro deste órgão enquanto meio tradicional.

Teresa Almeida confessa que “quando entrei para a Renascença, há quase trinta anos, tínhamos cerca de seis milhões de ouvintes e, agora, não passam o milhão”. Todavia, para a jornalista, o futuro da rádio não está dependente do digital, isto porque esta defende que “são poucas as rádios que possam evoluir e manter-se no terreno, mas acredito que ainda não é desta que a rádio vai embora. Ainda existe muita gente a gostar e a precisar de ouvir rádio”. Este pensamento é corroborado pela necessidade que a Rádio Observador sentiu de, após iniciar-se no digital, passar também a emitir em FM. Se o futuro da rádio tradicional está em causa, porque motivo uma rádio que já nasce no *online* iria também recorrer ao FM?

No fundo, toda esta discussão em volta destas três redações remete-nos para um fator comum a todas elas: a sustentabilidade da rádio. Há quem acredite que esta está por um fio. Há quem, em contrapartida, defenda que o setor está apenas a adaptar-se às novas circunstâncias. Teresa Almeida acredita que o fim da rádio está longe mas admite que algumas estações possam desaparecer, pois “ter uma rádio custa muito dinheiro e o mercado nem sempre é muito fácil de manter” e, nesse sentido, a permanência ou não dessas rádios no mercado pode estar dependente do *online* já que, segundo a jornalista, “se as rádios não conseguirem – e há algumas que não vão conseguir – manter-se nestas plataformas não vai ser fácil arrecadar o dinheiro que é essencial para que todos, os dias, possamos ter gente a trabalhar aqui dentro”.

### 10.3.3. Sobra pouco do que já foi muito

Analisando os testemunhos dos profissionais das redações da TSF, Antena 1 e Rádio Renascença, conclui-se que os últimos anos foram marcados pela perda de vários funcionários ao serviço destas estações. Na origem desta realidade está o facto da crise nos *media* ter obrigado estes órgãos de comunicação a conter despesas e, por consequência, a deixar de contratar pessoas e a recorrer cada vez menos a profissionais especializados.

A prova disso é o facto do jornalista cada vez desempenhar mais funções para mais plataformas sendo que, para grande parte dessas tarefas, nem sequer teve formação. Nesse sentido, as novas tecnologias vieram dar às empresas a possibilidade de poupar custos sem diminuir o ritmo de trabalho ao oferecer ferramentas ao jornalista para exercer várias tarefas com rapidez, o que permite aumentar o fluxo de notícias tendo menos profissionais. Isso é visível nestas três redações onde, com o passar dos anos, os jornalistas tiveram de se adaptar a uma nova realidade onde não só lhe compete o trabalho jornalístico como o da edição sonora.

Conclui-se ainda que, direta ou indiretamente, esta escassez de meios e de recursos humanos influencia os conteúdos destas empresas. Por muito que estes profissionais tentem manter o nível de exigência com os recursos que têm, faltam novas histórias, jornalistas para marcar presença no lugar onde está o acontecimento e a experiência no que diz respeito ao tratamento do som. Se ao texto, a televisão junta a imagem e o jornal a fotografia, a rádio só se faz valer pelo som e, por isso, a forma como ele chega ao ouvinte é fulcral para uma boa transmissão da mensagem.

A este propósito, constatou-se que a TSF tem um modo particular de lidar com esta questão. Em Lisboa, apesar de trabalhos mais exigentes (como a reportagem ou os programas) passarem sempre por um técnico de som antes de irem para a antena, os restantes conteúdos podem ser trabalhados pelo jornalista. No entanto, no Porto, só em situações de alguma urgência é que isso acontece. Caso contrário, todos os sons passam pelo técnico antes de irem “para o ar”, sejam eles reportagens, programas ou simples sons a ser usados no noticiário.

Daqui, é possível concluir que o pólo do Porto continua a trabalhar como trabalhava antes da crise tendo, cada um dos seus profissionais, as suas funções bem definidas. Em contrapartida, em Lisboa está a dar-se a fase de adaptação em que o jornalista já trabalha a edição mas, em casos de maior exigência, o técnico acaba sempre por intervir de modo a que a qualidade dos conteúdos não seja prejudicada. A TSF sempre primou pela importância dada à especialização, mantendo, inclusive, as diversas editorias, de modo a que a redução de custos afete o menos possível a qualidade dos resultados.

O mesmo acontece na Rádio Renascença. Apesar dos profissionais deste órgão de comunicação acreditarem que reduzir o número de pessoas ao serviço não implica, necessariamente, menos qualidade nos conteúdos, a Renascença não abdica de profissionais especializados no tratamento do som quando o que está em causa são reportagens ou trabalhos mais elaborados. Nesse sentido, funciona como a TSF no pólo de Lisboa. Deste modo, o que a Renascença faz é manter ao máximo a sua exigência dentro das circunstâncias que se vivem na redação. Ao contrário das restantes estações, acredita que a redução de custos na empresa não tem necessariamente de afetar a qualidade dos resultados, sendo que isso depende apenas do funcionamento interno da estação.



Por último, a Antena 1 é, das três rádios aqui analisadas, a estação onde o jornalista trabalha mais autonomamente, podendo mesmo transmitir em antena reportagens realizadas, na íntegra, por si. Os profissionais desta rádio admitem ainda temer que os técnicos de som deixem de existir nos seus quadros exatamente por o jornalista já ter essa autonomia. No entanto, não negam que esta realidade afete a qualidade dos conteúdos que, muitas vezes, são pouco aprofundados e minimamente diversificados por falta de recursos humanos. Assim, a redução de custos nesta empresa afeta a qualidade dos resultados porque a escassez de profissionais impede a busca por novas histórias bem como a captação sonora já que, em alguns casos, os sons emitidos pela Antena 1 são disponibilizados pela televisão, por falta de jornalistas disponíveis para ir ao local recolher depoimentos.

Um estudo da *Reuters* realizado em 2018, mostra que, das três rádios aqui abordadas, a TSF é a que, em termos informativos, é a mais ouvida com 17,9% de audiência no meio tradicional e 8,3% no *online* (*Reuters*, 2018, p. 92). Se destas três estações, a TSF é a que continua a apostar mais na especialização dos seus profissionais e, em antena, é a mais ouvida, não será esta uma possível confirmação de que a especialização influencia a qualidade dos conteúdos?

Por outro lado, ainda no meio tradicional – e também em termos informativos -, a Antena 1 é ouvida por 11% dos inquiridos e a Renascença por 9,5% (*Reuters*, 2018, p.92). Apesar de a Antena 1 ser a rádio onde o jornalista é mais autónomo e transmite em antena conteúdos completamente realizados por si, esta mantém um nível de audiência superior à Renascença no setor tradicional. No entanto, a Renascença está em segundo lugar, deixando a Antena 1 em último, a nível informativo, no *online*, com 4,3% (*Reuters*, 2018, p.92), o que é compreensível tendo em conta que esta estação aposta muito no *online*, tendo sido pioneira em algumas inovações trazidas para a rádio em Portugal.

Deste modo, analisando estas rádios, é possível perceber que a crise se refletiu no fecho de várias das suas delegações e que vários profissionais deixaram as respetivas estações. No entanto, não foi só a quebra na publicidade aliada à crise que deu origem a estas consequências. Para Pedro Pinheiro, os erros de gestão são fulcrais para a realidade que se vive, atualmente, nas rádios portuguesas. Assim, segundo o diretor-adjunto da TSF, parte da responsabilidade é de “(...) quem dirige os negócios de comunicação social que, muitas vezes, não conhecem o meio. São gestores de empresas de comunicação social como podiam ser gestores de uma indústria qualquer”. Assim sendo, “se os acionistas esfregam as mãos, o ouvinte tem razões para se preocupar: o resultado final terá, provavelmente, menor qualidade” (Meneses, 2016, p.89).

Se é verdade que “a rádio, tal como hoje a conhecemos, será completamente diferente daqui a vinte anos” (Meneses, 2003, p.314), o que irá mudar no pensamento dos profissionais destas três redações?

“Isto [tecnologias] teve efeitos colaterais tão perigosos que eu temo que, no fim da estrada, possa estar a morte do jornalismo” (Pedro Pinheiro, TSF);

“Estamos muito ocupados a pensar a tecnologia da profissão e, quando nos apercebemos, já é tarde” (Fernando Alves, TSF);

“Ninguém consegue fazer tudo na perfeição. Quando é pouca gente a fazer muita coisa, o trabalho não sai tão perfeito” (Joaquim Pedro Rocha, TSF);

“Não é ter muito, é ter com qualidade. É a única coisa que interessa” (Teresa Almeida, Rádio Renascença).

“Se tivesse, de facto, outras condições, podia executar algumas ideias que tenho e que, atualmente, não é possível” (Frederico Moreno, Antena 1);

“Temo que, nos anos mais recentes, por força do congelamento de contratações, nos falte sangue novo para introduzir novas ideias” (Miguel Soares, Antena 1);

“Não fazemos a rádio para nós próprios. Fazemos a rádio para uma audiência” (Pedro Leal, Rádio Renascença);

“Se calhar, nos tempos que correm, a minha visão é um bocado poética, mas eu continuo a achar que não é possível contar a realidade sem fazer jornalismo” (Joaquim Ferreira, TSF);

Com ou sem mudanças futuras, a realidade atual é comum a estas três redações portuguesas: sobra pouco do que já foi muito.

## Conclusões finais

A leitura do presente relatório põe-nos frente a frente com a realidade que se vive nas redações portuguesas: constrangimentos financeiros que se refletem numa diminuição de recursos humanos. Embora o foco destas páginas tenha estado no jornalismo radiofónico, o panorama de crise económica e financeira é paralelo a todos os órgãos de comunicação social. Quem estuda ou se interessa por jornalismo já se deve ter apercebido destas problemáticas. No entanto, só estando presente numa redação se vivencia de perto a realidade que lá se vive.

Ao longo de três meses, estagiei numa estação de rádio. A TSF deu-me uma bagagem prática que não seria possível obter sem passar por uma redação. Conviver com profissionais que lidam, todos os dias, com todos os constrangimentos abordados neste relatório, é o melhor método de análise e crítica possível. Foi nestas pessoas que me inspirei para chegar à temática que aqui é abordada.

Após desenvolver este tema e analisar os testemunhos de jornalistas, diretores e técnicos das diferentes redações, concluo que, direta ou indiretamente, as problemáticas que se vivem nas redações da Antena 1, TSF e Rádio Renascença influenciam a qualidade dos conteúdos transmitidos pelas estações.

Em primeiro lugar, porque o jornalista, não sendo especialista no tratamento dos sons, nem sempre consegue responder eficazmente às exigências da edição sonora. Há pormenores técnicos e estéticos que este não conhece e que, por isso, não consegue aplicar. Para além disso, ao ter que colocar o seu foco nestas novas tarefas, este profissional pode acabar por dispersar a sua atenção da sua real função – que é informar.

Em segundo lugar porque, na escassez de jornalistas nas redações, surgem, muitas vezes, eventos e notícias para os quais não há possibilidade de cobertura. Nestes casos, ou não se dá a notícia e perde-se a atualidade informativa daquele momento, ou dá-se a informação utilizando sons recolhidos por outras entidades, ou de outras rádios, ou da televisão, correndo o risco destes não terem a qualidade desejada e, na pior das situações, não serem credíveis.

Por último, estes constrangimentos também influenciam a qualidade dos resultados das estações ao condicionarem a procura por novas histórias e o aprofundar dos temas. Isto é, os temas não são desenvolvidos o suficiente porque, tendo o jornalista muitas tarefas a seu cargo, tem pouco tempo para as executar e, nesse sentido, aborda os temas superficialmente ao invés de os estudar a fundo. Para além disso, se o jornalismo é feito de histórias, a falta de verbas prejudica certos géneros jornalísticos (como o jornalismo de investigação e a grande reportagem), influenciando, assim, a qualidade jornalística.

É de notar ainda o modo diferente de lidar com as consequências destas problemáticas por parte das três redações, sendo que o caso da TSF se revelou interessante de ser analisado tendo em conta a cultura de trabalho. Neste aspeto, o método de observação a que recorri durante o meu estágio foi fundamental para comprovar a veracidade dos factos. Isto porque, conforme foi referido na análise realizada no capítulo anterior, em Lisboa, o jornalista desta estação já é mais autónomo quanto ao tratamento dos sons enquanto que, no Porto, isso ainda não acontece. Esta realidade levantou a questão sobre se os conteúdos realizados em ambos os pólos teriam qualidades



diferentes para, assim, ser possível chegar a uma conclusão quanto à importância da especialização.

Os testemunhos dos profissionais desta rádio levam a concluir que a qualidade dos conteúdos onde jornalista e técnico de som trabalham em conjunto é maior do que nos conteúdos em que o jornalista exerce todas as tarefas sozinho. Ora, nos três meses em que estive na TSF, apercebi-me que, muitas vezes, os sons recolhidos pela estação eram enviados para o Porto para que o técnico deste pólo os pudesse “corrigir”. Isto demonstra a importância da especialização para uma melhor qualidade dos conteúdos.

Em jeito de balanço, e tendo como base o estágio que realizei e a análise feita neste relatório, fiquei com a noção da realidade que se vive, atualmente, nas redações de rádio portuguesas. Realidade essa visível na Rádio Renascença, Antena 1 e TSF Lisboa, sendo a TSF Porto ainda uma exceção.

Assim, dada essa exceção, o estágio que realizei na TSF Porto, não me preparou totalmente para o que, possivelmente, irei encontrar no futuro nas redações de rádio. Contudo, acredito que com o trabalho de equipa que me foi inculcado desde o primeiro dia, consegui obter resultados com mais qualidade do que obteria num trabalho mais autónomo. Um exemplo significativo disso é a montagem e produção da reportagem que realizei no final do estágio. Foi, sem dúvida, uma mais valia para o produto final tê-la feito em conjunto com um sonoplasta.

Por fim, e para concluir, com esta reflexão, fiquei com a percepção daquilo que me espera profissionalmente no futuro bem como os desafios aos quais terei de responder. Foi também este o objetivo deste estudo: dar a conhecer a realidade e constrangimentos que se vivem nas redações de rádio perante a conjuntura económica e as evoluções tecnológicas.

No final deste percurso e destas setenta e três páginas fica uma certeza: é este o caminho que quero seguir. Um caminho onde a rádio e eu andamos de mãos dadas, partilhando o futuro e esperando que as palavras de Fernando Alves sejam eternas.

«JÁ CORREMOS DE MÃOS DADAS  
A MAIS SECRETA NOITE DO MUNDO  
JÁ SUBIMOS AO ALTO DA MONTANHA  
SABEMOS TODOS OS NOMES DO MEDO E  
DA ALEGRIA  
EM TI ME TRANSCENDO  
PODIA MORRER NOS TEUS OLHOS  
SE NESTES DIAS DE CIGARRAS DOIDAS  
PERDERES DE VISTA O MEU CORAÇÃO  
VAGABUNDO

DÁ-ME UM SINAL  
ABRAÇAR-NOS-EMOS DE NOVO ANTES  
DOS RIGOROSOS FRIOS  
DE NOVO O GRANDE SOBRESSALTO  
O FORMIDÁVEL ESTREMECIMENTO DOS  
INSTANTES FELIZES  
PODIA MORRER NOS TEUS OLHOS  
AMADA RÁDIO»  
(Amada Rádio, Fernando Alves)

## Bibliografia/Fontes consultadas

- Azevedo, Cardoso, & Crespo. (2017). Jornalismo em Portugal: O contributo de Paquete de Oliveira para a caracterização da profissão e o retrato dos jornalistas hoje. *Revista Comunicando*, 6(1), 35-53. Consultado em: [http://www.revistacomunicando.sopcom.pt/ficheiros/20170727-page\\_35\\_53\\_miguelcrespo.pdf](http://www.revistacomunicando.sopcom.pt/ficheiros/20170727-page_35_53_miguelcrespo.pdf)
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Edições 70, LDA.
- Barriga, A. d. (2014). Mutações no campo dos media: repercussões da crise financeira na "opinião publicada". *VII Congresso Português de Sociologia "40 anos de democracias: progressos, contradições e prospetivas"*, (1-11). Consultado em: [https://historico.aps.pt/viii\\_congresso/VIII\\_ACTAS/VIII\\_COM0047.pdf](https://historico.aps.pt/viii_congresso/VIII_ACTAS/VIII_COM0047.pdf)
- Bastos, H. (2014). Da crise dos media ao desemprego no jornalismo em Portugal. *Parágrafo*, 2, 38-46. Consultado em: <http://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/232/262>
- Bergés, Garnatxe, & Mateo. (2010). Crisis, what crisis? The media: business and journalism in times of crisis. *TripleC*, 8(2), 251-274. Consultado em: <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.691.2337&rep=rep1&type=pdf>
- Bonixe, L. (2016). Percursos da formação superior do jornalismo radiofónico em Portugal. *Media & Jornalismo*, 16. Consultado em: [http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2183-54622016000100004](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2183-54622016000100004)
- Brecht, B. (1932). *Teoria da Rádio*. Meditsch.
- Briefing. (12 de Outubro de 2012). Os despedimentos no “Público” e o futuro do jornalismo. Consultado em: <https://www.briefing.pt/opiniao/18408-os-despedimentos-no-publico-e-o-futuro-do-jornalismo.html>
- Camponez, C. (2012). A crise do jornalismo face aos novos desafios da comunicação pública. *Actas dos ateliers do Vº Congresso Português de Sociologia*, (9-18). Consultado em: [https://aps.pt/wp-content/uploads/2017/08/DPR46151be427116\\_1.pdf](https://aps.pt/wp-content/uploads/2017/08/DPR46151be427116_1.pdf)
- Canavilhas, J. (2003). Webjornalismo. Considerações gerais sobre jornalismo na web. *Informação e Comunicação Online*, 1, 63-73. Consultado em: [https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/4358/1/CAP%c3%8dTULO\\_Webjornalismo\\_Considera%c3%a7%c3%b5esgerais.pdf](https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/4358/1/CAP%c3%8dTULO_Webjornalismo_Considera%c3%a7%c3%b5esgerais.pdf)
- Canavilhas, J. (2009). Ensino do jornalismo: o digital como oportunidade. *Seminário "JORNALISMO: Mudanças na profissão, Mudança na Formação"*, (48-56). Universidade do Minho (Braga): Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS). Consultado em: <http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/jornalismo08/article/view/404/378>
- Cardoso, G., Paisana, M., & Pinto-Martinho, A. (2018). *Digital News Report 2018: Portugal*. Fonte: [https://obercom.pt/wp-content/uploads/2018/09/DNR\\_PT\\_2018.pdf](https://obercom.pt/wp-content/uploads/2018/09/DNR_PT_2018.pdf)

- Cardoso, G. (2006). *Os media na sociedade em rede*. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Coelho, P. (2016). O lugar da proximidade nos planos de formação em Jornalismo. *Media & Jornalismo*, 16, 89-107. Consultado em: <file:///C:/Users/ASUS/Downloads/201975135131519outfile.pdf>
- Cordeiro, P., & Paulo, N. (2014). A Rádio numa App: Tendências de convergência multimédia e os conteúdos da rádio. *Media & Jornalismo*, 117-133. Consultado em: [http://fabricadesites.fcsh.unl.pt/polocicdigital/wp-content/uploads/sites/8/2017/03/media\\_jornalismo\\_final\\_n-24\\_paula-cordeiro-e-nadia-paulo.pdf](http://fabricadesites.fcsh.unl.pt/polocicdigital/wp-content/uploads/sites/8/2017/03/media_jornalismo_final_n-24_paula-cordeiro-e-nadia-paulo.pdf)
- Correia, F. (2012). Jornalistas sob pressão. *Jornalismo & Jornalistas*, 52, 6-7. Consultado em: <http://www.clubedejornalistas.pt/uploads/JJ52.pdf>
- Crisell, A. (2006). *Understanding Radio*. London: Routledge.
- Diário de Notícias. (8 de Outubro de 2013). Grupo da Renascença e RFM propõe corte de salários. Consultado em: <https://www.dn.pt/economia/dinheiro-vivo/interior/grupo-da-renascenca-e-rfm-propoe-corte-de-salarios-3464626.html>
- Diário de Notícias. (30 de Novembro de 2015). Dois terços dos trabalhadores dos jornais ‘Sol’ e ‘I’ vão ser despedidos. Consultado em: <https://www.dn.pt/media/interior/jornais-i-e-sol-vao-fechar-4908784.html>
- Dinheiro Vivo. (18 de Julho de 2011). Jornal i propõe cortes salariais até 40%. Consultado em: <https://www.dinheirovivo.pt/empresas/jornal-i-propoe-cortes-salariais-ate-40/>
- Dinheiro Vivo. (5 de Agosto de 2011). Cortes no salário recusados por 11 quadros do jornal “i”. Consultado em: <https://www.dinheirovivo.pt/buzz/cortes-no-salario-recusados-por-11-quadros-do-jornal-i/>
- Dinheiro Vivo. (26 de Outubro de 2017). Em três anos saíram 100 pessoas da RTP ao abrigo das rescisões voluntárias. Consultado em: <https://www.dinheirovivo.pt/empresas/em-tres-anos-sairam-100-pessoas-da-rtp-ao-abrigo-das-rescisoes-voluntarias-presidente/>
- Dinheiro Vivo. (26 de Abril de 2018). Qual crise? Facebook imparável com receitas de publicidade. Consultado em: <https://www.dinheirovivo.pt/empresas/qual-crise-facebook-imparavel-com-receitas-de-publicidade/>
- Expresso. (16 de Abril de 2010). Martim Avillez Figueiredo deixa direcção do Jornal I. Consultado em: <https://expresso.pt/actualidade/martim-avillez-figueiredo-deixa-direccao-do-jornal-i=f577072>
- Expresso. (7 de Novembro de 2012). Crise traz sérios riscos à prática do jornalismo. Consultado em: <https://expresso.pt/economia/crise-traz-serios-riscos-a-pratica-do-jornalismo=f765293>

- Expresso. (11 de Junho de 2014). "DN" é o mais afetado pelos despedimentos na Controlinveste, "O Jogo" é o menos. Consultado em: <https://expresso.pt/economia/dn-e-o-mais-afetado-pelos-despedimentos-na-controlinveste-o-jogo-e-o-menos=f875147>
- Expresso. (27 de Maio de 2015 ). Felisbela Lopes. "Os jornalistas parecem estar resignados às versões dos instalados no poder". Consultado em: <https://expresso.pt/sociedade/2015-05-27-Felisbela-Lopes.-Os-jornalistas-parecem-estar-resignados-as-versoes-dos-instalados-no-poder->
- Expresso. (17 de Março de 2016). "Diário Económico" fecha edição em papel esta sexta-feira. Consultado em: <https://expresso.pt/economia/2016-03-17-Diario-Economico-fecha-edicao-em-papel-esta-sexta-feira>
- Expresso. (19 de Janeiro de 2017). A crise do jornalismo e a crise da democracia. Consultado em: [https://expresso.pt/blogues/opiniao\\_daniel\\_oliveira\\_antes\\_pelo\\_contrario/2017-01-19-A-crise-do-jornalismo-e-a-crise-da-democracia](https://expresso.pt/blogues/opiniao_daniel_oliveira_antes_pelo_contrario/2017-01-19-A-crise-do-jornalismo-e-a-crise-da-democracia)
- Expresso. (23 de Julho de 2018). SJ diz que foram dispensadas 20 pessoas e fechadas quatro delegações do Porto Canal. Consultado em: <https://expresso.pt/sociedade/2018-07-23-SJ-diz-que-foram-dispensadas-20-pessoas-e-fechadas-quatro-delegacoes-do-Porto-Canal>
- Expresso. (22 de Fevereiro de 2019). Global Media à espera da banca para voltar a despedir. Consultado em: <https://expresso.pt/economia/2019-02-22-Global-Media-a-espera-da-banca-para-voltar-a-despedir#gs.OAXYuMBz>
- Ferreira, V. (2011). Conteúdos Jornalísticos Auto-referenciais: Entre o Jornalismo e a Publicidade. *Caleidoscópio: Revista de Comunicação e Cultura* , 4/5, 129-142. Consultado em: <file:///C:/Users/ASUS/Downloads/2269-1-7836-1-10-20110714.pdf>
- Fidalgo, J. (2012). O meio jornalístico no Portugal de hoje: evoluções recentes e dilemas persistentes. *I Congresso Luso-Galego de Estudos Jornalísticos*, Universidade do Minho: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, (1-16). Consultado em: [https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/7318/1/Fidalgo,%20J.\(2002\)-Jornalistas-Luso-galego.pdf](https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/7318/1/Fidalgo,%20J.(2002)-Jornalistas-Luso-galego.pdf)
- Fuller, J. (2010). *What Is Happening to News: The Information Explosion and the Crisis in Journalism*. University of Chicago Press.
- Gama, & Miranda. (2015). Os jornalistas portugueses sob o efeito das transformações dos media. Traços de uma profissão estratificada. *Scielo Portugal*. Consultado em: [http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0003-25732019000100007](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0003-25732019000100007)
- Jenkins, H. (2001). Convergence? I diverge. *MIT Technology Review*. Consultado em: <https://www.technologyreview.com/s/401042/convergence-i-diverge/>
- Jenkins, H. (2006). *Convergence culture where old and new media collide*. Nova Iorque: New York University Press.

- Jornal de Negócios. (23 de Fevereiro de 2010). Renascença reduz em 12% o número de quadros. Consultado em: <https://www.jornaldenegocios.pt/empresas/detalhe/renascencedila-reduz-em-12-o-nuacutemero-de-quadros>
- Jornal de Negócios. (28 de Fevereiro de 2012). Rescisões na RTP custaram 12 milhões em 2011. Consultado em: [https://www.jornaldenegocios.pt/empresas/detalhe/rescisotildees\\_na\\_rtp\\_custaram\\_12\\_milhotildees\\_em\\_2011](https://www.jornaldenegocios.pt/empresas/detalhe/rescisotildees_na_rtp_custaram_12_milhotildees_em_2011)
- Jornal de Negócios. (4 de Fevereiro de 2013). Governo diz a sindicatos que “sairão da RTP tantas pessoas quanto as que queiram sair”. Consultado em: [https://www.jornaldenegocios.pt/empresas/media/detalhe/governo\\_diz\\_a\\_sindicatos\\_que\\_sairao\\_da\\_rtp\\_tantas\\_pessoas\\_quanto\\_as\\_que\\_queiram\\_sair](https://www.jornaldenegocios.pt/empresas/media/detalhe/governo_diz_a_sindicatos_que_sairao_da_rtp_tantas_pessoas_quanto_as_que_queiram_sair)
- Jornal de Negócios. (23 de Janeiro de 2019). Chegou o registo Nónio. Saiba o que precisa de fazer. Consultado em: <https://www.jornaldenegocios.pt/empresas/media/o-negocios/detalhe/chegou-o-registo-nonio-saiba-o-que-precisa-de-fazer>
- Jornal de Notícias. (10 de Outubro de 2012). Jornal "Público" despede 48 pessoas e desinveste na informação local. Consultado em: <https://www.jn.pt/sociedade/media/interior/jornal-publico-despede-48-pessoas-e-desinveste-na-informacao-local-2820838.html>
- Jornal de Notícias. (20 de Fevereiro de 2018). Reorganização na TSF poderá passar pela extinção de postos de trabalho. Consultado em: <https://www.jn.pt/sociedade/media/interior/reorganizacao-na-tsf-podera-passar-pela-extincao-de-postos-de-trabalho-2316760.html>
- Jornal de Notícias. (16 de Julho de 2018). Porto Canal fecha delegações para reduzir custos. Consultado em: <https://www.jn.pt/artes/media/interior/porto-canal-fecha-delegacoes-para-reduzir-custos-9600354.html>
- Jornal de Notícias. (30 de Novembro de 2018). Média em crise, democracia em risco. Consultado em: <https://www.jn.pt/opiniao/felisbela-lopes/interior/media-em-crise-democracia-em-risco-10256885.html>
- Jornal I. (24 de Março de 2014). Emídio Rangel. “A TSF e a SIC acabaram com a informação hierarquizada pelo respeitinho”. Consultado em: <https://ionline.sapo.pt/artigo/341304/emidio-rangel-a-tsf-e-a-sic-acabaram-com-a-informacao-hierarquizada-pelo-respeitinho?seccao=Portugal>
- Jornal I. (11 de Junho de 2014). Sindicato dos Jornalistas repudia despedimento de mais de 100 trabalhadores na Controlinveste. Consultado em: <https://ionline.sapo.pt/artigo/308561/sindicato-dos-jornalistas-repudia-despedimento-de-mais-de-100-trabalhadores-na-controlinveste?seccao=Portugal>
- Jornal Tornado. (30 de Novembro de 2015). Mais de mil despedimentos na comunicação social. Consultado em: <https://www.jornaltornado.pt/mais-de-mil-despedimentos-na-comunicacao-social/>

- Le Monde. (10 de Dezembro de 2012). La presse occidentale s'enfonce dans la crise. Consultado em: [https://www.lemonde.fr/actualite-medias/article/2012/12/10/la-presse-occidentale-s-enfonce-dans-la-crise\\_1801986\\_3236.html](https://www.lemonde.fr/actualite-medias/article/2012/12/10/la-presse-occidentale-s-enfonce-dans-la-crise_1801986_3236.html)
- Meios & Publicidade. (24 de Fevereiro de 2013). RTP: 30 milhões para rescisões amigáveis. Consultado em: <http://www.meiosepublicidade.pt/2013/02/rtp-30-milhoes-para-rescisoes-amigaveis/>
- Meneses, J. P. (2003). *Tudo o que se passa na TSF... Para um "Livro de Estilo"*. Porto: Jornal de Notícias.
- Meneses, J. P. (2016). *Jornalismo Radiofónico*. Braga, Portugal: CECS- Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade.
- Observador. (23 de Fevereiro de 2016). Diário Económico em risco de insolvência. Jornalistas do Económico apelam aos portugueses. Consultado em: <https://observador.pt/2016/02/23/diario-economico-pode-entrar-insolvencia/>
- Observador. (18 de Março de 2016). Económico, muito mais do que a morte de um jornal. Consultado em: <https://observador.pt/opiniao/economico-do-morte-um-jornal/>
- País ao Minuto. (20 de Junho de 2014). Despedimentos no DN são o fim da cobertura nacional do jornal. Consultado em: <https://www.noticiasaminuto.com/pais/237650/despedimentos-no-dn-sao-o-fim-da-cobertura-nacional-do-jornal>
- País ao Minuto. (14 de Abril de 2015). RTP gastou 13 milhões de euros no ano passado em rescisões. Consultado em: <https://www.noticiasaminuto.com/pais/375214/rtp-gastou-13-milhoes-de-euros-no-ano-passado-em-rescisoes>
- Público. (2 de Março de 2003). Quinze anos em direto para "ler o mundo". Consultado em: <https://www.publico.pt/2003/03/02/jornal/quinze-anos-em-directo-para-ler-o-mundo-198760>
- Público. (3 de Maio de 2014). Troika deixa Portugal com uma taxa de emprego ao nível dos anos 80. Consultado em: <https://www.publico.pt/2014/05/03/economia/noticia/troika-deixa-portugal-uma-taxa-de-emprego-ao-nivel-dos-anos-80-1634447#/2>
- Público. (11 de Junho de 2014). Dona do DN, JN, O Jogo e TSF vai despedir 160 trabalhadores. Consultado em: <https://www.publico.pt/2014/06/11/sociedade/noticia/dona-do-dn-jn-e-tsf-vai-despedir-160-trabalhadores-1639475>
- Público. (23 de Novembro de 2016). Retrato do jornalista português: 40 anos, licenciado e trabalha em Lisboa. Consultado em: <https://www.publico.pt/2016/11/23/sociedade/noticia/retrato-dos-jornalistas-portugueses-40-anos-licenciado-e-trabalha-em-lisboa-1752329>
- Público. (23 de Julho de 2018). Porto Canal dispensa 20 pessoas e fecha quatro delegações. Consultado em: <https://www.publico.pt/2018/07/23/desporto/noticia/porto-canal-dispensa-20-pessoas-e-fecha-quatro-delegacoes-1838901>



- Renascença. (24 de Agosto de 2017). A crise dos “media”.. Consultado em: <https://rr.sapo.pt/artigo/91749/a-crise-dos-media>
- Renascença. (10 de Abril de 2019). Grupo Renascença Multimédia com novo sistema de "Visual Radio". Consultado em: <https://rr.sapo.pt/noticia/147601/grupo-renascenca-multimedia-com-novo-sistema-de-visual-radio>
- Reuters Institute. (2018). Digital News Report 2018. Consultado em: <http://media.digitalnewsreport.org/wp-content/uploads/2018/06/digital-news-report-2018.pdf?x89475>
- RTP Notícias. (15 de Março de 2013). Plano de rescisões amigáveis da RTP começa hoje a vai prolongar-se até 15 de maio. Consultado em: [https://www.rtp.pt/noticias/economia/plano-de-rescisoes-amigaveis-da-rtp-comeca-hoje-a-vai-prolongar-se-ate-15-de-maio\\_n635832](https://www.rtp.pt/noticias/economia/plano-de-rescisoes-amigaveis-da-rtp-comeca-hoje-a-vai-prolongar-se-ate-15-de-maio_n635832)
- Santos, R. (2005). Rádio em Portugal: tendências e grupos de comunicação na actualidade. *Comunicação e Sociedade*, 7, 137-152. Consultado em: <http://revistacomsoc.pt/index.php/comsoc/article/viewFile/1214/1157>
- SIC Notícias. (11 de Julho de 2014). Adesão à greve dos trabalhadores da TSF e Global Imagens ronda os 90%, diz sindicato. Consultado em: <https://sicnoticias.pt/economia/2014-07-11-adesao-a-greve-dos-trabalhadores-da-tsf-e-global-imagens-ronda-os-90-diz-sindicato>
- Sindicato dos Jornalistas. (17 de Abril de 2012). Desemprego de jornalistas agrava-se. Consultado em: <https://jornalistas.eu/desemprego-de-jornalistas-agrava-se/>
- Sobreira, R. M. (2003). O Ensino do Jornalismo e a Profissionalização dos Jornalistas em Portugal (1933-1974). *Media & Jornalismo*, 3, 67-87. Consultado em: <http://fabricadesites.fcsh.unl.pt/polocicdigital/wp-content/uploads/sites/8/2017/02/n3-05-Rosa-Sobreira.pdf>
- Sol. (7 de Dezembro de 2012). Público: Jornalistas despedidos renunciam ao Conselho de Redacção, novo órgão eleito hoje. Consultado em: <https://tvi24.iol.pt/despedimentos/jornalismo/conselho-de-redacao-publico-elege-5-jornalistas-despedidos>
- Sol. (22 de Maio de 2013). RTP recebe 240 candidaturas para rescisões amigáveis. Consultado em: <https://sol.sapo.pt/artigo/76563/rtp-recebe-240-candidaturas-para-rescisoes-amigaveis>
- Spradley, J. P. (1980). *Participant Observation*. Waveland Press.
- Teixeira, P. O. (2012). O ensino do jornalismo em Portugal: breve história e panorama curricular, ao virar da primeira década do século XXI. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, 9, 407-424. Consultado em: <file:///C:/Users/ASUS/Downloads/25231-89258-1-PB.pdf>
- TVI24. (16 de Novembro de 2012). Conselho de Redacção: «Público» elege 5 jornalistas despedidos. Consultado em: <https://tvi24.iol.pt/despedimentos/jornalismo/conselho-de-redacao-publico-elege-5-jornalistas-despedidos>



- TVI24. (16 de Maio de 2014). Jornalistas da Antena 1 denunciam «ataque ao Serviço Público». Consultado em: <https://tvi24.iol.pt/sociedade/radio/jornalistas-da-antena-1-denunciam-ataque-ao-servico-publico>
- TVI24. (15 de Janeiro de 2019). Controlinveste despede 122 colaboradores. Consultado em: <https://tvi24.iol.pt/dn/jn/controlinveste-despede-122-colaboradores>

## ANEXOS

### Anexo 1- Certificado de estágio curricular

TSF  
Lisboa: R. 3 da Matinha, Ed. Altejo, piso 3 – SI 301  
1900-323 Lisboa  
  
Porto: R. Gonçalo Cristóvão, 195, Ap 5000,  
4017-001 Porto



### CERTIFICADO

Para os efeitos julgados por convenientes, declara-se que Cátia Sofia da Silva Fonseca Vasconcelos Barbosa, portadora do cartão de cidadão com o número 14603721, realizou um estágio curricular na TSF Rádio Notícias, entre 3 de Setembro e 30 de Novembro de 2018, que concluiu com a classificação de 18 valores.

A orientadora de estágio,

*Handwritten signature: Catarina Vasconcelos*

O coordenador da TSF Porto,

*Handwritten signature: [illegible]*

## **Anexo 2- Reportagem final realizada no estágio curricular, na TSF**

**Lançamento:** A Rua de Santa Catarina é uma das grandes atrações da cidade do Porto. Um dos seus pontos fortes são os artistas de rua que levam música e cor aos que por lá passam. A Repórter Cátia Barbosa foi conhecer alguns deles.

O dia-a-dia é sempre frenético. Apesar do frio, são muitos os que saem de casa e percorrem um caminho onde o som é uma constante. Os artistas de rua fazem-se ver e ouvir ao longo da Rua de Santa Catarina, no Porto.

RM – Som 1 – Maria Flor

Maria Flor tem 26 anos. Tornou-se artista de rua para poder pagar o curso de Produção, na Escola de Teatro e Cinema, em Lisboa. Desde 2016, dá vida a várias personagens com o objetivo de levar a Arte às pessoas.

RM – Som 2 – Maria Flor

Quando não chove, vai para a rua. Quem por ali passa habitualmente, já lhe conhece a cara. Coloca-se em cima de uma caixa de madeira, completamente pintada de verde e rodeada de flores que fazem adivinhar o seu nome. Para Maria Flor trabalhar na rua tornou-se uma forma de partilha de sentimentos.

RM- Som 4 – Maria Flor

Flor já está a algumas horas a trabalhar quando chega Carlos Cepinha. Vem sempre acompanhado pela guitarra e coloca-se a alguns metros de distância para que os sons não coincidam. É apaixonado por jazz e juntou-se a uma banda que já tocava a rua. Desde então, nunca mais parou.

RM – Som 11 – Carlos Cepinha

Carlos toca nas ruas do Porto há 3 anos. Apesar de também o podermos encontrar na Ribeira, a Rua de Santa Catarina é o lugar que privilegia por ser mais próximo de casa e facilitar o transporte do material. Para além disso, o ambiente desta rua também agrada ao músico.

RM- Som 10 – Carlos Cepinha

O som da guitarra de Carlos cruza-se com a melodia de um piano. A alguns metros, João Seabra toca consecutivamente diferentes melodias. Numa das músicas, um jovem pára para observar a técnica que João transporta nos dedos. Decidiu levar o piano para a rua há 2 anos com o objetivo de mostrar o seu trabalho ao maior número de pessoas possível. Foi nessa altura que percebeu que podia ganhar dinheiro com o seu talento.

RM – Som 18 – João Seabra

João desistiu da escola antes de completar o 12º ano e terminou o curso de música no Conservatório do Porto. Aos 21 anos, define-se como músico de rua. É a sua profissão a tempo inteiro que lhe permite pagar as contas ao mesmo tempo que faz o que mais gosta.

RM – Som 21 – João Seabra

Maria Flor também faz o que mais gosta. Depois de terminar o curso, decidiu continuar na rua a divulgar a sua Arte. Já deu vida a 5 personagens diferentes e, em todas elas, o contacto com o público foi fundamental. Uma deusa que distribui cartas de tarô é a sua ideia mais recente. No entanto, esta personagem acabou por tornar-se idêntica a uma fada. Uma fada verde junto a uma fonte mágica que vai dançando ao som da música ao mesmo tempo que envia beijinhos a quem passa. Uns param para a fotografar, outros enviam sorrisos e outros já são caras conhecidas.

RM – Som 3 – Maria Flor

Quem se atreve a deixar uma moeda na caixa verde posicionada à sua frente, tem direito a uma carta de tarô com uma mensagem. Assim que a têm nas mãos, não resistem a ler o que lá está escrito e a soltar um sorriso. Ana Maria Soares foi um desses casos.

RM – Som 9 – Ana Maria Soares

Para Maria Flor levar alegria às pessoas é também uma forma de fazer bem a si própria.

RM – Som 7 – Maria Flor

Ao seu lado, Carlos Cepinha também não contém a boa disposição que se intensifica quando vê aproximar-se um grupo de crianças. São mais de dez e param alguns minutos para ouvir o som da guitarra. Para Carlos, uma das vantagens de tocar na rua é o contacto com o público.

RM – Som 13 – Carlos Cepinha

Já João Seabra admite que, apesar de gostar de tocar na rua, não se imagina a fazê-lo a longo prazo.

RM – Som 22 – João Seabra

São seis e meia da tarde e o frio aperta. As pessoas começam a desaparecer e torna-se mais difícil conseguir audiência. Maria Flor é a primeira a deixar a rua, mas está pronta para voltar no dia seguinte. Para ela, não há melhor palco do que a Santa Catarina.

RM- Som 5 – Maria Flor

Minutos depois, o som do piano deixa de se ouvir. João Seabra prepara-se para ir embora. Começa por guardar o dinheiro que ganhou durante o dia e, depois, o piano. Antes de seguir caminho não deixa de refletir sobre as oportunidades que a rua lhe tem dado.

RM – Som 23 – João Seabra

Carlos Cepinha é o último a partir. Resiste ao frio e agradece com um sorriso às poucas pessoas que, àquela hora, vão passando por ele. Aos poucos, a Rua de Santa Catarina vai ficando mais vazia. Mas fica a certeza de que, no dia seguinte, vai encher-se, de novo, de cor, música e alegria.

### **Anexo 3- Exemplo de “breves” escritas durante o estágio, na TSF**

09/11/2018

Pelo menos 17 pessoas morreram num ataque suicida, na Somália. O número é adiantado pela polícia de Mogadiscio, que afirma que dois carros armadilhados explodiram junto de um hotel e de um quartel general da cidade. A polícia adianta ainda que o número de mortes confirmadas pode aumentar.

A deputada do PSD, Emília Cerqueira, assume que teve acesso à palavra-passe de José Silvano. A deputada referiu, em conferência de imprensa, que o fez inadvertidamente e que não é a única a ter acesso à palavra-passe de Silvano e de outros deputados. O secretário-geral dos socialistas fez a primeira declaração pública sobre as falsas presenças em reuniões plenárias, na passada quinta-feira. José Silvano garantiu, nessa altura, não ter autorizado ninguém a utilizar a sua palavra-passe para registo de deputados no parlamento.

...

10/11/2018

Na Nigéria, 175 pessoas morreram e mais de 10 mil foram afetadas pela cólera. Os números são adiantados pelo Conselho Norueguês de Refugiados, que aponta como causa a falta de condições nas instalações sanitárias nos campos de refugiados. O organismo diz estar, sobretudo, preocupado com a alta concentração de população nos acampamentos de deslocados, onde a doença se está a espalhar mais rapidamente. Na semana passada, o presidente da Nigéria referiu que um quarto dos habitantes não tem casas de banho e que o acesso a água canalizada diminuiu de 32% para 7%, em 2015. A colera é uma infeção que provoca diarreia aguda e é causada pela ingestão de água ou alimentos contaminados.

O tribunal de Birmingham considera uma portuguesa culpada de pertencer a um grupo neonazi britânico. O juiz considera que ficou provado que Cláudia Patatas pertencia ao grupo de extrema-direita, National Action. Deste grupo faziam também parte o companheiro de Cláudia e um amigo. Entre as provas de acusação estão várias referências a Hitler e ao símbolo do partido nazi. A sentença está marcada para 14 de dezembro e a pena pode ir até 10 anos de prisão.

#### **Anexo 4- Exemplos de peças com lançamento de sons**

24/09/2018

A rádio foi sempre o único emprego de Joaquim Pedro Rocha. O técnico trabalha com o som há vinte e nove anos e não se imagina a ter outra profissão. À TSF, Pedro Rocha explicou quais são as suas principais funções.

RM- som 1

Atualmente, um jornalista não só está preparado para escrever como para trabalhar com o áudio. Para o técnico da TSF, estar informado sobre o que se passa no mundo também é importante para a qualidade do seu trabalho.

RM- som 2

Do pequeno rádio, o transístor, até ao rádio do carro e do telemóvel, Joaquim Pedro Rocha refere que este é dos meios que mais faz companhia.

RM- som 3

Joaquim Pedro Rocha trabalha, atualmente, na TSF. Antes disso esteve na Rádio Press, no Porto.

11/10/2018

Jorge Sousa é jornalista há mais de 30 anos. Diz que aprendeu tudo o que sabe no jornal “A Capital” e a experiência que traz na bagagem permite-lhe chegar mais rapidamente à notícia. Na TSF, Jorge assume a função de coordenador de agenda. É o rosto que faz a triagem e organiza a informação para que, esta, possa ser dividida pelos restantes jornalistas. À TSF, Jorge Sousa explicou como desempenha esta função.

RM – som 1

O jornalista assume as mesmas funções no Jornal de Notícias. No entanto, admite que o que interessa ao jornal, nem sempre interessa à rádio. O coordenador de agenda afirma ainda utilizar o imediatismo da TSF no trabalho que desenvolve no Jornal de Notícias.

RM – som 2

Apesar de se dividir entre estes dois meios, Jorge não tem dificuldade em escolher aquele que mais apela à sua imaginação.

RM – som 3

Antes de pertencer à TSF, Jorge Sousa trabalhou em cerca de dez órgãos de comunicação, entre eles, os jornais “A Capital” e “O Comércio do Porto”.

A direção do DocLisboa denuncia que foi alvo de pressões diplomáticas por causa da programação deste ano. Cíntia Gil diz que o festival foi contactado pelas embaixadas turca e ucrâniana para fazer alterações na programação. Em declarações à TSF, a diretora do festival explicou as razões dadas pela embaixadora da Ucrânia para a retirada do filme “Their own Republic”.

RM – som 18

Cíntia Gil disse ainda que a representante turca ficou descontente com os textos exibidos no início dos filmes.

RM- som 19

Para Cíntia, a pressão exercida pelas embaixadas vai contra a liberdade de expressão artística e cultural.

RM- som 20

A décima sexta edição do DocLisboa decorre de 18 a 28 de outubro.



## **Anexo 5- Exemplo de tradução para uma dobragem**

08/11/2018

Tradução Alexandria Cortez 1:

Quando comecei esta campanha, há um ano, trabalhava num restaurante na baixa de Manhattan. Não lançámos esta campanha por achar que era especial, única ou melhor do que ninguém. Lançámos esta campanha porque, na ausência de alguém que tenha uma posição clara sobre as questões morais do nosso tempo, então cabe-nos a nós expressá-las.

Tradução Alexandria Cortez 2:

Não é uma campanha ou um dia de eleições, mas um movimento. Um movimento maior pela justiça social, económica e racial nos Estados Unidos da América.

## **Anexo 6- Entrevista a Pedro Pinheiro (diretor-adjunto TSF)**

### **A TSF de hoje não é igual à TSF de 1989 e, em parte, isso deve-se à evolução tecnológica. Na sua opinião, a tecnologia trouxe mais vantagens ou desvantagens para o exercício do jornalismo?**

Eu podia falar-te um bocadinho da TSF de 1989, mas eu não estava cá. Prefiro falar-te da TSF que eu conheci em 2000 quando entrei. Já passaram quase 20 anos e, sim, não havia ainda nessa altura a tecnologia de que estás a falar. Eu diria que trouxe coisas boas e outras não tão boas. Vamos dividir isto pelo jornalismo e pelo apoio técnico à prática do jornalismo na rádio. Aí eu só vejo vantagens. Não sou a pessoa mais indicada para te falar, mas é óbvio que os operadores ganharam ferramentas extraordinárias. Eu comecei a fazer rádio em 1991 e, nessa altura, ainda se usavam aquelas bobines enormes com fita que se colavam com uma tesoura e se punha fita-cola. É verdade que, entretanto, tenho 50 anos, mas não passou um século. Isto galopou a uma velocidade louca. Já nessa altura começaram a aparecer máquinas, por exemplo, as máquinas que distribuem a publicidade. A esse nível da operação propriamente dita, eu acho que só trouxe vantagens. As desvantagens são as pessoas que ficam para trás, que não se conseguem adaptar... Mas isso é um bocadinho a lei da vida.

No que diz respeito ao jornalismo propriamente dito, trouxe coisas muito boas. Tens hoje muita informação à tua disposição absolutamente brutal. Só trabalhas mal se quiseres. Isso multiplicou o teu público. Tu emites para o mundo. A esse nível é completamente desafiante. Vou falar-te do efeito perverso que foi a normalização que isso veio trazer. Fazemos quase todos um bocadinho o mesmo. Andamos quase todos a imitar-nos uns aos outros. Pior: tornámo-nos até um bocadinho canibais, porque mesmo quando fazemos a mesma coisa que a outra pessoa fez antes, a maior parte das vezes nem citamos. Há notícias da TSF todos os dias nas televisões. Foi tão perverso esse ponto de nos termos deixado de respeitar enquanto membros da mesma profissão. E, talvez, outro efeito perverso dessa normalização foi passar a quem dirige os negócios de comunicação social que, muitas das vezes, não conhecem o meio. São gestores de empresas de comunicação social como podiam ser gestores de uma indústria qualquer. A ideia de que isto se faz cada vez com menos pessoas. E isso, conjugado com a crise que o negócio está a viver, veio complicar muito a nossa vida. Portanto, se eu fizer um “deve haver” e for um bocadinho racional, se calhar, nesta altura, a equação tem sinal negativo porque veio dar-nos muitas armas e abrir-nos horizontes, mas, de repente, perdemos o chão.

As redações estão a perder o chão. Não são os canais informativos que têm audiências. Não são as rádios informativas que têm audiências. Todos se tornaram um bocadinho jornalistas. As pessoas não conseguem distinguir o que é uma opinião e o que é uma notícia. O meu pai, muitas das vezes, diz-me “eu só acredito que és independente, porque és tu que me estás a dizer e és meu filho. Porque eu abro o *facebook* e aquilo parece-me que tem uma linha que não é exatamente independente”. Nós não soubemos rentabilizar a chegada do digital. As marcas não têm grandes receitas no digital. E toda a audiência – ou cada vez uma maior fatia da audiência- está no digital, onde não há dinheiro e os gigantes comem tudo antes. Portanto, para ser muito concreto: sim, eu acho que as novas tecnologias vieram abrir horizontes imensos e inimagináveis quando aqui cheguei. Chegados a março de 2019, isto teve efeitos colaterais tão perigosos que eu temo que, no

fim da estrada, possa estar a morte do jornalismo. E nessa medida, não, não foi bom terem chegado as novas tecnologias.

**Referiu que, agora, toda a gente pode ser jornalista porque tem ferramentas para isso. Acredita que, por esse motivo, o ouvinte se tornou mais exigente?**

Não tenho essa percepção. Para já, na TSF, falar agora em ouvinte já é uma coisa um bocadinho ultrapassada porque também temos leitores. A opinião é um bocadinho empírica, mas eu diria que, naturalmente, há uma fatia que se tornou mais exigente. Eu acredito que essa fatia será cada vez maior. Acho que as pessoas vão sentir a necessidade de voltar a ter mediadores no fluxo de informação. Se me perguntas se a minha sensação, nesta altura, é de que precisam, acho que não têm muito essa consciência. Eu acho que nós, jornalistas, tivemos muitas culpas próprias nisso. Tenho a percepção que, nesta altura, as pessoas não precisam muito de mediadores. Têm a sensação de que “isto deve ter um objetivo no fim do caminho”. Isso é um bocadinho cruel para quem leva a profissão com o respeito que ela merece. Trabalhar numa redação é cada vez mais complicado, os salários são curtíssimos, as pessoas e os meios são cada vez menos... E é um bocadinho cruel chegar lá fora e levar com “o gajo que está ao serviço de alguém”. É óbvio que eu não posso falar disso porque sou um privilegiado. Mas a generalidade dos jornalistas das redações, a linha que seguem, é poder alimentar os filhos. É um bocadinho disso que estamos a falar. Quem está aqui a trabalhar não ganha muito mais que mil, mil e duzentos ou mil e trezentos euros. Os mais novos que entraram não entram a ganhar isso sequer. Ganham mil. O que não é um salário digno para um jornalista. As pessoas lá fora acham que nós andamos aqui a “encher o papo”. Mas não tem nada a ver com isso. Sim, nós temos que viajar, temos que andar, temos de gastar dinheiro a comprar coisas para ler, a ver teatro, ir ao cinema e conversar com pessoas. Não é exatamente ir “para os copos” e para essas coisas que passam logo pela cabeça de quem nos ouve dizer isso. Mas tudo isso faz-nos crescer e ser melhores naquilo que fazemos.

Centrando-me na tua pergunta, não sinto que estejam mais exigentes nesta altura. E eu estou a fazer uma abordagem completamente genérica à comunicação social, porque a TSF é um bocadinho privilegiada no meio disto tudo. Há muita gente no país que acha que somos líderes de audiências e que somos a rádio mais ouvida. Não somos a rádio mais ouvida. Longe disso. Temos um sexto da rádio mais ouvida, mas temos um auditório qualificado. Não sentimos tanto a voragem destes tempos, porque quem nos ouve vem ouvir uma rádio de informação que é uma coisa menos atrativa. Não são piadas do Markl de quarto em quarto de hora, são coisas mais sérias, eventualmente mais “*boring*” para o tempo em que vivemos. Por isso, quem nos procura, sabe o que é que vem encontrar e já está à espera de alguém que lhe vai dar as coisas bem e que vai ser rigoroso e por aí fora. Portanto, nesse aspeto, não sinto diferença mas pela positiva: porque sempre foi rigoroso. Em termos genéricos, não me parece que isso esteja a acontecer. Aquele “todos, hoje, se sentem jornalistas” leva aspas, naturalmente. Mas, sim, toda a gente se sente capaz de ser tão rigoroso e fiel, mesmo não sabendo que regras deve seguir um jornalista quando escreve uma notícia ou faz uma reportagem.

**Acredita que isso está relacionado com a formação que é dada aos estudantes de jornalismo?**

É uma realidade que eu não conheço muito bem. Mas, pelo que me dizem, há uma enorme diversidade dos cursos de jornalismo consoante a faculdade onde estás. Cursos mais práticos, outros mais teóricos... Os cursos não são iguais e, se calhar, o que falta é isso: olhar para o que existe e perceber as necessidades. Se calhar também ainda não vieram perguntar às redações “em que estado é que vocês precisam dos licenciados? Como é que vocês querem que eles cheguem aí?”. E, se calhar, valia a pena, um dia, pensarem um bocadinho a sério sobre isso. Do que nós recebemos aqui, nós temos aqui gente muito boa. Da tua geração, acabadinhos de licenciar... Eles vêm bem preparados tecnicamente, com mais competências do que àquelas com que nós chegávamos no meu tempo. Vocês trazem outras competências, trazem o digital, vêm com essa coisa um bocadinho perversa que é o jornalismo multimédia. É uma coisa um bocadinho estranha para mim. Acho que é possível, mas não é possível em todas as circunstâncias. Portanto, eu não os sinto impreparados. É mais fácil comparar comigo, eu estava muito mais impreparado quando cheguei. Tinha era um *power* enorme. Eu queria era fazer aquilo. E quando cheguei quis mesmo agarrar e dediquei-me ao estágio. E eu às vezes não sinto isso. Não sinto isso, mas também as pessoas não são iguais.

Eu recordo-me que quando caí na redação da Rádio Nova a estagiar, eu pensei “onde é que eu me vou meter?”. Aconteceu ter uma pessoa que olhou para mim e disse “anda cá, eu vou-te ajudar” e, a partir daí, só se não quiseses é que não voas. Eu acho que, quem chega cá, chega muito mais preparado. O que eu sinto é que, nessa altura, havia mais referências, mais memória... Eu sinto-me um velhinho aqui. Quando não sabem alguma coisa vêm-me perguntar a mim e eu tenho 50 anos, não tenho 70 e tal. E na Rádio Nova eles eram mais velhos quando eu entrei. Isto do jornalismo acho que não se explica. Acho que tens mesmo de vir para a redação, respirar e perceber as necessidades. É completamente diferente. Quando eu cheguei à redação tinha um bocadinho a noção do que era a realidade política, económica e social do país. Essas coisas de enquadramento que te permitem chegares a uma redação e te afirmares. E isso é importante. Quando chegas mostrares “eu não cheguei aqui de paraquedas, eu quero mesmo isto”. E eu não sei se isso é possível ser feito na universidade ou se isso é um sinal dos tempos e vocês [jovens] são pessoas completamente diferentes que não querem saber do que foi a história do país e o jornalismo será uma coisa mais à frente.

**Como já falámos, o facto da tecnologia dar mais ferramentas ao jornalista faz com que ele esteja apto para exercer funções que antes não exercia. Como é que se dá esse processo aqui na TSF?**

Contigo e com os teus. Com a malta mais recente, dos últimos dez anos, talvez. São licenciados que saem com essas capacitações já. Muitos deles sabem editar vídeo, sabem editar áudio... Sabem, pelo menos, dar os primeiros passos nisso. Eu acho que foi uma questão geracional. Quando eu entrei em 2000 para a TSF, eu não tinha que me preocupar com nada disso. Dizia ao Joaquim Dias ou ao Joaquim Pedro [sonoplastas] “olha, é este som e este” e eles iam buscar e limpar. Aliás, eu vim em 2010 para Lisboa e já toda a gente aqui lançava os sons do computador e eu continuava a lançar do *Mini disk*. Há alguns de nós, da geração que não teve essa formação universitária, que se adaptaram e que sabem editar tão bem ou melhor que técnicos. E há outros que nunca editaram

nada, que é o meu caso. Se eu quiser cortar um som, tenho de ir lá ao técnico que me vai ajudar, porque nunca o fiz. O que faz é com que, hoje, tenhamos aqui cabines pequenas e individuais para quando o jornalista tem de gravar uma entrevista e cortar um som para o noticiário o faça autonomamente sozinho. Isso roubou algum trabalho aos técnicos. Havia muitos mais do que os que temos hoje. E depois houve os técnicos que evoluíram para serem sonoplastas e aí estamos a falar de uma área de criação tão importante como ser jornalista. Há outros que são completamente *prós* em exteriores. E há malta que foi ultrapassada.

### **Quando vão fazer alguns desses trabalhos no exterior, já abdicam do trabalho do técnico?**

Nos relatos fazemos isso. Na maior parte dos jogos, o relato já é feito pelo relator que tem ao lado o repórter e, do outro lado, o comentador. Nós fazemos os relatos por linhas digitais e, basicamente, eles ligam a linha lá ao aparelho que levam, fazem *on* e aquilo sintoniza-se. Mas o que é que acontece? Se um microfone está com ruído não está lá um técnico para ajudar a mudar o microfone. Vai ter de ficar com o barulho. Se os microfones estão todos desalinhados e um está mais alto que o outro, não está lá um técnico atrás de *phones* a pôr tudo apuradíssimo. E isso nós perdemos. “Mas, então, porque é que fazem isso se isso é assim mau?”. Para poupar dinheiro, claro. Porque isso representava mais um técnico, que representava mais uma folga... Num corpo de técnicos, as incumbências que têm são muito superiores ao tempo disponível, portanto, eles precisavam de ter quarenta horas por dia para poderem cumprir tudo o que fazem. Mas foi isso que estes anos fizeram: contrair as redações, os técnicos, tudo... Hoje temos quatro animadores nos quadros, os outros são colaboradores que vêm cá fazer umas horas e depois vão embora.

### **E os animadores estão todos aqui em Lisboa?**

Os animadores estão todos em Lisboa. Acho que não tivemos animador nenhum no Porto. Em altura nenhuma da rádio. Nem mesmo quando começámos lá no Porto. Mas temos uma coisa que é tão ou mais importante. Não abdicamos de ter a partir do Porto um dos turnos de edição da rádio a nível nacional. Isso já acontece há muitos anos. Já acontecia antes de eu chegar. Depois aconteceu durante os dez anos em que eu estive a editar a partir do Porto. E continua a acontecer. Dos três turnos principais que a rádio tem um continua a ser emitido a partir do Porto. Não é por nenhuma bizarraria nem por sermos do Norte. É mesmo importante trazer outras realidades em tudo. É na linguagem, é no modo como se aborda a notícia... O país é muito pequeno, mas tem cabeças muito diferentes. Não sei se é o país, se calhar, Lisboa tem uma cabeça e o resto do país tem outra.

### **Referiu há pouco que, quando começou, o jornalista pedia ao técnico para cortar/lançar um som. Isso ainda acontece no Porto. Tendo o Pedro a perspetiva dos dois pólos (Lisboa e Porto), acha que ambos podem trabalhar de modos diferentes para um objetivo comum?**

Eu acho que se deve complementar quer no Porto quer em Lisboa. Nem se deve ser como se é, atualmente, em Lisboa nem, eventualmente, como se é agora no Porto. Ou seja, nem ser absolutamente dependente dos técnicos para fazer qualquer coisa nem ter a arrogância de pensar “eu faço isto tão bem como ele”. Sendo prático, há sons que tu ouves no noticiário que estão mal cortados porque o jornalista quis cortar e não sabe que ali tinha de ir buscar uma respiração para pôr lá senão aquilo vai ficar uma coisa anormal. Onde é que está o erro? No jornalista que tem ali o técnico e que, normalmente, aqui em Lisboa, estes [técnicos] de apoio à redação pouco fazem.

Muito pouco mesmo. Mas aplica-se noutras coisas: às vezes tu percebes que o som precisava de passar naqueles “sintetizadores” para ficar mais limpo porque a chamada estava má e porque tem muito barulho de fundo. E também abdicamos disso.

Portanto, sendo concreto, nem esta arrogância toda de “que se lixem lá os técnicos porque eles já não conseguem fazer isto melhor do que eu”, nem aquela hiper dependência que existe no Porto de não conseguirem fazer nada. Muitas das vezes é preguiça. É um amor de muitos anos. Aquela gente [turno do Porto] trabalha junta há muito tempo. E eu sei porque fiz parte deles. E o amor concede este tipo de coisas. É eu ter a arrogância de dizer “corta-me aí um som” e o outro gostar tanto de mim que não me vai dizer “corta-o tu”. Aí o Porto tem uma circunstância muito particular. Ainda assim, nós vamos mudar de instalações no Porto, e a TSF, nas novas instalações, já terá cabines como as que temos aqui para tentar fazer esse caminho. E a verdade está no meio. Nem eles [técnicos] são completamente dispensáveis, nem nós [jornalistas] temos de ser totalmente dependentes. Até porque os técnicos são criadores. Eles têm é de criar.

### **Essa dependência de que fala pode ter a ver com uma questão geracional?**

Acho mesmo que é amor. Esta equipa [do Porto] está junta, pelo menos, desde 2000. São vinte anos de trabalho. É um núcleo que está junto há muito tempo. É casado há muito tempo. São vinte anos de muitas cumplicidades, de muitos desatinos... Acho mesmo que é isso que está na génese. Os meus melhores amigos continuam lá. E se bem os conheço –e não devem ter mudado muito– acho que é um bocado isso. Não é uma coisa geracional. Depois, ter um turno de edição no Porto sempre foi muito importante. E fazer aquilo e mostrar aos mouros “nós aqui fazemos tão bem ou melhor do que vocês” era um orgulho para toda a gente. E há um momento, nesse período, em que a manhã 1 é colocada no Porto pela primeira vez. O turno principal, o telejornal da rádio, estava no Porto. Isso encheu-nos, na altura, “o papo” de uma maneira desmedida. Isso não se sente tanto em Lisboa. Em Lisboa eles até fogem disso. Na altura não. Fazer a manhã era dizerem-te “és um dos melhores para tomar conta do melhor que temos”.

O Porto vive sempre com o machado em cima do pescoço. Sempre com o receio de que venha mais uma crise e se acabe com aquilo. Não sei se também não é uma questão de sobrevivência. Um bocadinho de espírito animal, de “temos mesmo de ser melhores”. Hoje, para mim, é muito fácil olhar para isso, porque lidei com crise, entretanto, tivemos de fazer planos de cortes e é uma tentação porque tu olhas para aquilo e dizes “fogo, eu acabo com isto, resolvo o meu problema, ainda fico com dinheiro e não tenho de me cruzar com eles [jornalistas] no corredor”. Eu senti isso quando lá estava, acho que sentíamos todos e se continua a sentir. Acho que, hoje, não corresponde bem à realidade mas como vives sempre com esse estigma de que “se calhar amanhã vão-me chutar para canto” tens sempre tendência de ser mesmo bom e mostrar que és tão bom, no mínimo, quanto os outros para isso nunca entrar na equação. Já basta o facto de estar longe e ser mais simples despedir.



**Apesar de todas as mudanças que fomos referindo ao longo desta conversa, a TSF continua a apostar em profissionais especializados. Há muitas empresas onde são contratados menos jornalistas para desempenhar mais funções e as redações tornam-se mais pequenas. Já acontece aqui?**

Ainda não vai acontecendo. Nós falávamos há pouco do jornalismo multimédia e de todas essas questões. Nós temos malta aqui da tua geração que já faz isso. E isso pode ou não ser possível. Por exemplo, no outro dia, uma das jornalistas mais jovens que estão aí fez uma coisa sobre *coaching*. É uma coisa que é feita com tempo, que ela começou a trabalhar, que pôde escrever, deixar uma peça de minuto e meio para a rádio e, se for, preciso, ainda consegue deixar um vídeo com uma entrevista que fez com um dos psicólogos. Isso é uma coisa. Outra coisa é: “manifestação da CGTP logo à tarde, vais ter de entrar de meia em meia hora nos noticiários, vê se gravas lá uns vídeos e manda e tenta escrever alguma coisa para pôr no *online*”. Não dá. Não é possível. A rádio é muito particular nisso e, por isso, a chegada do digital na rádio é muito complicada. Foi muito complicada porque nós somos muito específicos.

Aqui, são dois tempos: é o tempo de escreveres uma peça para rádio, é o tempo de a seguir te dedicares ao texto... Nem sempre é viável. Vivemos aqui dentro um bocadinho de tudo. Temos pessoas na produção trabalhando antecipadamente que deixam a versão *online* para a antena adaptar, temos malta que sai para a rua com trabalhos específicos que vai calmamente procurar três versões, temos malta que recusa escrever para o *online*... Os nossos contratos dizem que somos jornalistas de rádio! Estamos a ser contratados para fazer rádio. Portanto, para além de uma questão geracional e de, muitas vezes, se calhar nos sentirmos um bocadinho impotentes e ultrapassados, há essa questão laboral que é “não, eu não faço. E também vídeo? Têm de pagar”.

Na rádio, vivemos muito esse tempo de transição enorme em que tens malta que veio lá de trás e se adaptou, outros que pararam. Malta nova hiper capacitada para tudo, outra nem tanto. Não há exatamente um paradigma, ou seja, sim, temos gente que faz isso, mas a maior parte não faz. Eu acho que o tempo vai resolver essas questões.

**Em redações mais pequenas, o trabalho do jornalista torna-se mais solitário?**

Acho que as pessoas se tornaram um bocadinho mais solitárias. Aí acho que é uma das coisas que a geração mais jovem trouxe. São mais auto-suficientes e mais centrados. Não sei se isso é um problema único do jornalismo. Acho que é mesmo da sociedade. Vou voltar ao tempo em que editava no Porto: a nossa equipa estava sempre a falar. E mesmo quando estava a escrever, por exemplo, “a Cátia afirma” e eu “fogo, não é afirma, é o quê, Artur?” e ele “disse que...”. Estávamos sempre, sempre a falar. Era um verdadeiro *work in progress*. A rádio também ajuda a isso. Ajuda ao exercício mais coletivo do que individual. Não sinto muito isso, mesmo na malta que está aí. Até a própria condição física da rádio. Há malta que trabalha mais sozinha, porque gosta de trabalhar. Muitas vezes é de personalidade. Agora, se eu noto essa tendência, não. De todo.



### **Sente, enquanto diretor-adjunto, que faz a rádio que gostava de fazer?**

Não, de todo. Longe, muito longe! Fiz muito mais a rádio que quis fazer quando era editor do que agora que sou diretor. Ao chegares a diretor vives com constrangimentos vários e, então, em quase dez anos que levo de direção, de ano para ano, são cada vez maiores. Também não sei se a rádio que gostaria de fazer seria a mais apropriada a estes tempos, mas tenho uma ideia do que gostava de fazer. Isso tenho.

### **E qual é essa ideia?**

Eu acho que nós temos de aproximar o tempo da rádio do tempo digital. Quando nós chegávamos às redações, havia um lema que era “a rádio conta, a televisão mostra, o jornal explica”. Isso mudou tudo, como é óbvio. E como eu acho que as pessoas estão muito agarradas à velocidade que o tempo tem atualmente, eu vejo que a rádio tem necessidade, para assegurar o seu futuro, de se aproximar desse tempo. Acho que a equipa de edição devia estar dentro do estúdio e estar sempre “a bombar”. E tudo acontece em direto. Isto não é propriamente uma ideia genial. Os brasileiros, por exemplo, fazem isto. Têm é outro tipo de público. Há coisas que eles fazem que tu não podes fazer aqui. Ainda não podes fazer aqui. Mas se tu ouvires as rádios informativas espanholas, eles andam muito próximos disso. Uma rádio em que está sempre tudo a acontecer como está *online* e no *facebook*. Aconteceu e eu estou a dar.

A TSF nasce porque, de meia em meia hora, há notícias. Isso já não pode ser de meia em meia hora. Tem de ser na hora. E se o que aconteceu foi aos dezassete minutos, é aos dezassete minutos que vai para o ar. A equipa depois também tem de mudar. O modelo de equipa não pode ser o mesmo. Há logo uma coisa óbvia: debaixo do editor, têm de estar dois braços direitos para o digital e para a antena. Essa pessoa tem de ser mesmo o editor das duas coisas. Não sei se o país precisa de tanta velocidade, mas era a rádio que eu gostava de fazer e que não precisa necessariamente de mais pessoas. E que permitia cumprir uma outra coisa em tempos de crise. O nosso lema é “a rádio em direto”, porque o que a TSF trouxe de novo foi o facto de a conferência ser transmitida em direto. Já não é essa a rádio em direto, mas é a rádio que acontece sempre em direto, que está ao segundo a contar tudo não perdendo a sua matriz informativa. Estamos a pensar sobre isso, neste momento. Que caminho é que a antena tem de ter até porque divergimos um bocado na direção. Alguns de nós defendem o digital primeiro. Eu acho que isso é outro erro. Nem pode ser a antena primeiro, nem podes mudar outro lado. Vai ter de ser tudo primeiro e tudo ao mesmo tempo. É um bocadinho isso que eu vejo.

## **Anexo 7- Entrevista a Fernando Alves (Jornalista TSF)**

**O jornalismo tem sofrido várias mudanças nos últimos anos e, uma delas, tem a ver com as tecnologias. Sendo o Fernando um dos jornalistas com mais anos de TSF, como é que vê esta rádio a responder a estas mudanças?**

Eu sou a pior pessoa do mundo para te responder sem hipocrisia a essa questão, porque sou a pessoa menos atenta e interessada na tecnologia. Não me estimula, não me fascina... Faço os serviços mínimos em relação a isso. Aquilo que sinto é que é obrigação minha para não “perder o pé”, por um lado, e também para não parecer um “bicho raro”. Mas sou mesmo um conservador em relação a isso, porque tenho muito receio de que as tecnologias “nos comam a cabeça”. A minha posição não deve prejudicar o funcionamento da redação onde eu estou inserido, portanto, uma coisa é a minha atitude enquanto cidadão face a esta loucura instalada que nos condiciona e domina. Que faz com que os novos materiais sejam desatualizados a curto prazo; que as novidades sejam tão efémeras que estamos sempre a “perder o pé”. Mas o facto de eu pensar isto não pode levar-me a ter uma atitude profissional que possa obstruir o andamento do trabalho coletivo. Tenho a obrigação de fazer os mínimos e isso tenho feito. Sempre que há um salto tecnológico, eu tento perceber como fazer o quê para responder com o mínimo de dignidade profissional. Penso que essa questão tecnológica, para mim, é o prato que pesa menos na balança. O que continua a valer, para mim, é o modo como enfrentas o mundo com a tua grande curiosidade, como te preparas para as coisas, como tentas saber um pouco mais do que na véspera em relação a tudo à tua volta, como respeitas os ouvintes... Essa é que é a minha obrigação. É isso que me interessa: continuar a perceber que não sou um parasita na redação onde trabalho e que tenho coisas a acrescentar, independentemente da minha debilidade enquanto “criatura mais antiga” e que se está um pouco “nas tintas” para a tecnologia.

**Acredita que o facto de, atualmente, a rádio ter de se adaptar a todas estas mudanças trazidas pela tecnologia torna os ouvintes mais exigentes?**

Não. O que há é mais facilidade de nos tocarmos uns aos outros. O ouvinte também está munido de tecnologia que faz com que ele ande na rua a falar sozinho. Andamos todos a “macaquiar” qualquer coisa que me é estranha. Não percebo muito bem porque é que as pessoas estão sempre tão conectadas a não sei bem o quê. Todos têm ferramentas que acendem e apagam luzinhas com muita rapidez, todos chegam tão depressa como eu às supostas fontes noticiosas, o que até põe em causa a necessidade de que nós [jornalistas] aqui estejamos. Um dia destes, a necessidade de mediação começa a ser posta em causa porque toda a gente tem acesso aos mesmos “*push*” e às mesmas luzinhas a acender e a apagar. E alguma coisa aí é suficientemente perversa para que eu me sinta confortável.

Hoje tudo é mais fácil, mais rápido e nos coloca olhos nos olhos com o destinatário do nosso trabalho. No que me interessa dessa realidade sobre a qual não tenho dúvidas é a verdade dessa comunicação. O fascínio tecnológico que ela estabelece não me diz nada. Se é no ecrã de não sei quantas polegadas, se é numa coisa mais pequenina, se é em papel ou em suporte digital... Isso não me diz nada. Eu continuo a preferir que seja em papel, que seja devagar... Eu prefiro um mundo onde tudo seja mais lento e mais consistente, onde tudo me desafie para a festa dos sentidos, para uma capacidade de olhar poeticamente o mundo sem abdicar do rigor. As conjugações que me

interessam são as do rigor e do trabalho sério, do ponto de vista editorial e, depois, as do delírio criativo. Essa conjugação é que me interessa. Penso que hoje há um olhar supérfluo sobre as coisas. Um olhar que pousa só devagar, não toca nas coisas, não se demora, porque já vai apressado. Às vezes não percebemos bem ao que vamos, porque estamos todos a fazer a notícia a correr e depois vamos ali ao ecrã ver se está em primeiro ou segundo lugar nas audiências. Isso interessa-me pouco, com franqueza. E o ouvinte foi feito para ouvir e não para “meter o bedelho”.

**Hoje em dia, o jornalista também já está capacitado para editar e/ou montar uma peça. Por esta facilidade que a tecnologia oferece ao jornalista de trabalhar o som vai-se perdendo a noção da importância do trabalho do sonoplasta?**

Era o que faltava! Não, porque esse trabalho é vital. Os sonoplastas estão na primeira linha do que é verdadeiramente importante na rádio tal como eu a defendo, conheço e amo. Estamos a falar de sonoplastia ou do modo como um técnico garante o suporte de uma emissão em direto instalada num sítio qualquer. Estamos a falar da arte que os técnicos transportam. Editar um som qualquer um pode fazer, isso não tem problema nenhum. Isso até liberta os técnicos para os trabalhos de maior exigência. O problema é que a rádio não pode dispensar-se desse luxo que é ter sonoplastas a embrulharem plasticamente com sabedoria, com exigência, com muita sensibilidade artística e apuro. Há sonoplastas que têm um saber multidisciplinado tremendo, sabem de som, têm um olhar quase cinematográfico sobre as coisas. Entregas-lhes um texto com sons e eles constroem sozinhos uma realidade complexa a partir daquilo. O ideal é que trabalhem juntos. Mas um bom sonoplasta resolve o problema sozinho, porque ele pensa sozinho. O ideal é o jornalista trabalhar com o sonoplasta e fazerem juntos um produto acabado de grande qualidade. Felizmente, nesta rádio, temos poucos e muito bons sonoplastas. Temos melhores sonoplastas do que jornalistas.

**O bom jornalismo faz-se em equipa...**

Faz, sim. Mas a qualidade média dos sonoplastas é francamente superior à qualidade média dos jornalistas da redação da TSF. Não tenho nenhuma dúvida sobre isso.

**E porque é que isso acontece?**

Porque nos abastardamos. Porque estamos todos muito atentos a algumas das coisas que já falámos anteriormente e desatentos daquilo que é essencial. Estamos muito ocupados a pensar a tecnologia da profissão e quando nos apercebemos já é tarde.

**As empresas preocupam-se mais com os custos do que com a qualidade dos resultados?**

Sim, claro, é óbvio. Basta estar na redação uma semana para perceber isso.

**E o facto de existirem menos jornalistas influencia muito esses resultados...**

Menos, mal pagos, em condições precárias... Claro! Está a matar a profissão.

**Acredita que, por isso, o jornalismo se esteja a tornar um trabalho solitário?**

Há um lado da profissão que sempre foi solitário. Quando se trata de compor uma coisa que implica a tua assinatura mais íntima precisas de algum resguardo. O grande gozo no trabalho em equipa

tem a ver, por exemplo, com uma equipa que está a fazer noticiários. Aí, ou trabalhas em grupo ou não vale a pena estar cá. É como no futebol: o virtuoso que está sozinho finta-se a ele próprio e, de repente, não percebe para que lado é a baliza do adversário. Isto, como no futebol, é um ofício de conjunto onde cada talento é potenciado pela articulação com o talento do parceiro ao lado. Não há outra maneira de o fazer. Mas é um trabalho muito solitário também. Quando queres polir a palavra e dar-lhe um brilho especial não podes estar no meio da confusão e do turbilhão. Se consegues fazer isso no meio do Rossio, à hora de ponta, alguma coisa fez de ti um *robô*. Numa redação onde as pessoas se interpelam, se queres fazer uma coisa mais tua e mais íntima, não podes estar no meio da confusão. Tens de te isolar. Nesse sentido, estes “*open space*” são uma faca de dois gumes porque, por um lado, não há aqui segredos, todos vemos o que estamos a fazer, mas há uma quase devassa. Não é possível teres aqui o melhor dos dois mundos.

### **Um conceito de rádio como a TSF pode estar a perder-se por causa dos constrangimentos atuais?**

Não, não temo. Numa rádio entra um maluco ou dois como eu. Nós não podemos ficar sem ferramentas ultrapassadas. Eu defendo que a rádio se arme de unhas e dentes do ponto de vista tecnológico. Mas também defendo que pessoas como eu possam estar resguardadas. Eu também uso computadores como eles [jornalistas], mas eles usam coisas que eu não tenho nem quero ter. Não posso é ficar desarmado. Tento ter outros trunfos que não passem pela tecnologia. Mas, também, daqui a mais um ano estou na reforma. A malta mais nova está a chegar e não pode dar-se ao luxo. Não pode abdicar dessa equipagem. Tem de ter um domínio absoluto das tecnologias. Disso não tenho dúvidas. Eu sou um beneficiado num sistema em que ainda posso ser o “tipo” que fica fora da lógica. “Este conta para outras coisas”. Uma feliz exceção. Não me vejo de outra maneira. Mas sou o primeiro a perceber que não podemos distrair-nos, enquanto projeto coletivo, dessa atualização tecnológica. É um mundo altamente competitivo e a rádio deve ser competitiva também. Há aqui um problema nesta rádio: tens coisas incríveis, tens ecrãs fantásticos com a imagem muito nítida... Mas depois não há boa qualidade de som nos estúdios, não tens uns auscultadores decentes... Não pode ser.

## **Anexo 8- Entrevista a Joaquim Ferreira (Jornalista TSF)**

**“Uma rádio sem sons seria feia mas admissível; uma rádio sem jornalistas seria impossível”. Na rádio, a palavra é o mais importante?**

Numa rádio onde a informação é o mais importante, sim, a palavra é decisiva. Uma rádio sem som, como diz o João Paulo Meneses, seria possível mas quase inaudível, na minha opinião. Claro que o jornalista é crucial. Se calhar, nos tempos que correm, a minha visão é um bocado poética, mas eu continuo a achar que não é possível contar a realidade sem fazer jornalismo.

**Tendo em conta essa importância dada às palavras, acha que pessoas especializadas no tratamento do som fazem falta nas redações?**

Eu acho que nas rádios fazem falta pessoas especializadas no tratamento do som, sim. E acho que nas rádios onde essas pessoas existem é bem visível o resultado do trabalho delas. Eu não quero fazer elogios ao local onde trabalho mas, na TSF, há pessoas especializadas no tratamento do som e é tão evidente quando elas põem “a mão na massa” que seria uma pena se não existissem.

**E o facto de elas não existirem noutras rádios acontece porque “não é o som que determina se há ou não notícia”?**

Eu subscrevo essa frase. Não é o som que determina se há ou não notícia. Eu acho que nas rádios onde não trabalham essas pessoas especializadas no tratamento do som a explicação é muito prosaica. É porque querem poupar esse dinheiro. Se calhar estou a pecar por excesso de simplificação, mas é essa a minha opinião. Entre teres uma pessoa que faz disso uma profissão e teres alguém que “pode dar um jeito”, acho que um gestor optaria pela segunda. Quando opta é porque decide cortar nos custos.

**Desse ponto de vista, o facto de, hoje em dia, as redações contratarem menos jornalistas para desempenhar mais funções é uma vantagem ou desvantagem para as empresas?**

Eu não vejo problema nenhum no facto dos jornalistas criarem novas ferramentas. Eu sou jornalista e se souber gravar um vídeo e publicar uma fotografia na página *online* da TSF, não tem problema nenhum. Antes pelo contrário. É bom para mim e para a rádio também. Mas por melhor que eu aprenda a publicar fotografias, ao ter alguém especializado a fazer isso, em 90% dos casos a pessoa especializada vai fazer melhor do que eu, portanto, é melhor.

**Isso nota-se nos resultados?**

Claro. Porque senão estaríamos a falar de maus profissionais. Uma pessoa especializada no tratamento do som ou da imagem faz melhor isso, em princípio, do que uma pessoa cuja especialização não é essa.

**Como dizia há pouco, na TSF há pessoas especializadas no tratamento do som. De que forma é que se dá a divisão de trabalho entre o jornalista e o sonoplasta?**

Essa divisão podia ser, na minha opinião, menos visível. Isto é, podiam trabalhar mais próximos. Habitualmente o sonoplasta não é consultado sobre as decisões editoriais e acho que ganharíamos

se ele participasse mais nesse processo também. O sonoplasta não está fisicamente na redação e também por isso (porque está a trabalhar no estúdio) não participa nessas decisões de que eu falava. Há, no entanto, sonoplastas que, quando a matéria-prima lhes chega às mãos, não se coíbem – e bem- de dar a sua opinião. Já trabalharam tanto, já têm tanta experiência acumulada que quando vêem alguma coisa com a qual não concordam ou que justifica dar uma sugestão fazem-no. E muito bem. Mas continuo a achar que esse trabalho podia ser mais próximo. As duas funções podiam ser mais complementares.

### **No fundo, vocês assumem tarefas distintas. Isso contribui para um trabalho mais rigoroso?**

Eu acho que, num mundo ideal, deviam trabalhar no mesmo espaço físico. Obviamente com exceções. Há alturas em que o sonoplasta tem de estar isolado por exigências do seu trabalho. Mas deviam estar, sempre que possível, a trabalhar no mesmo espaço físico, porque o sonoplasta tem uma opinião muito importante sobre a forma como as peças de rádio podem ser montadas, sobre como o som pode ser cortado... E se estivesse mais perto, mesmo ali ao ouvido do jornalista, ganhariam os dois. E ganharia o resultado final também, não tenho dúvidas.

### **Uma peça tem de passar sempre pelo sonoplasta para ir para o ar?**

Não. Há algumas peças que já vêm montadas do exterior. Se for uma peça cuja montagem é mais complicada, com sonorização musical ou ambiente, aí sim. Mas a peça de voz/som nem sempre tem de passar.

### **As tecnologias vieram mudar o panorama do jornalismo...**

Então no jornalismo radiofónico... Muito! Eu trabalhei com *Revox*, que eram editadas com fita-cola. Comparado com a edição digital, o que se ganha em tempo e em eficácia não tem comparação nenhuma. A qualidade do som não tem comparação, na minha opinião. Ainda que o som analógico tivesse também muita qualidade

### **De que forma é que a TSF responde às exigências destas tecnologias?**

Exige rapidez. O objetivo do jornalista sempre foi dar as notícias primeiro do que os outros. Até aí, nada de novo. Só que agora os outros chegam muito depressa e tu também tens de chegar. Há uma pressão muito maior sobre a velocidade e o rigor, porque é muito fácil tu seres confundido com um emissor de notícias que não tem credibilidade se não te esforçares por marcar bem essa diferença. Mas não posso deixar de dizer também que a internet é um instrumento de trabalho fantástico que passamos a ter.

### **E acredita que os novos *media* vieram distrair os jornalistas da atenção que tarefas como a edição exigem?**

Sim, em alguns casos fazer bem e depressa não é possível. Nem todos conseguem. Às vezes cedem à tentação de privilegiar a velocidade em vez de privilegiar o fazer bem. Sim, pode acontecer. Acho que, por regra, seria abusivo concluir que na maior parte dos casos acontece. Isso acho que não. Mas passou a acontecer mais, sim.

**Tendo em conta que a TSF dinamizou um tipo de lançamento muito particular nas suas peças que deve ter a ver com o som, é importante que o jornalista e o sonoplasta trabalhem em conjunto?**

No sentido da limpeza do som, do som não ter lá coisas que não fazem falta... Mais no sentido de ser facilmente captável pelo ouvinte, sim. Acho que o trabalho do sonoplasta é um contributo muito importante.

**Mais na parte estética do que propriamente no conteúdo. O conteúdo cabe mais ao jornalista...**

Sim, sem dúvida. O jornalista terá de decidir o que é que quer daquele som, qual é a parte da entrevista que quer editar... Se o sonoplasta contribuir com a sua opinião também não se perde nada, muito pelo contrário. Esta relação depende um bocadinho dos dois protagonistas. Da pessoa em concreto. Se o sonoplasta achar que não tem de opinar sobre questões editoriais, não há nada a fazer. Ninguém o pode obrigar. Eu acredito que o sonoplasta que sinta essa obrigação é mais competente.

**Portanto, não considera que o trabalho jornalístico seja um trabalho solitário?**

Não, de todo! Aliás, sempre que é solitário perde-se alguma coisa. Aí já nem é só a relação com o sonoplasta. É a relação com a restante redação. É muito importante tu ouvires os teus colegas. O teu trabalho é tão subjetivo no jornalismo e suscetível de criar tantas dúvidas que seria uma estupidez tu não convocares quem está ao teu lado para contribuir com a sua opinião. No fim decides tu se o trabalho for teu, como é evidente. Mas se tiveres vinte opiniões, em princípio, a tua decisão será melhor.

**Teme que esse trabalho venha a ser solitário?**

Por acaso, temo. As redações estão a ficar cada vez mais pequenas. A tendência, nesta altura, é para cortar no número de funcionários. E quanto menos pessoas tiveres numa redação menos massa crítica tens, menos opiniões ouves e, portanto, mais isoladamente tens de decidir.



## **Anexo 9- Entrevista a Joaquim Pedro Rocha (Operador/Sonorizador TSF)**

### **O que é o trabalho de um técnico de som na TSF?**

O técnico da TSF, atualmente, faz mais do que um trabalho puramente técnico. Tem de ter também a noção do que está a acontecer na informação. Tem de estar por dentro das notícias. Tem de saber nomes de ministros... Portanto, tem de estar a fazer um pouco também a função de jornalista. Não é só editar sons ou montar peças.

### **Mas, no fundo, a vossa função acaba por ser um bocadinho diferente da do jornalista. Vocês dividem trabalho na redação?**

Sim, aqui, os nossos colegas gravam uma entrevista e depois dizem-nos, por exemplo, “corta aquela parte em que ele diz que a economia está a melhorar, tira 20/30 segundos desse som”. Os nossos colegas têm essa confiança connosco. Mas isto fomos nós que nos adaptámos porque, no início, nós éramos o puro “corta e cola”. Depois, com as novas tecnologias e com menos gente, houve a necessidade de nos adaptarmos às novas circunstâncias.

### **Considera importante essa distribuição de trabalho nas redações para um trabalho mais rigoroso?**

Sim, sem dúvida que sim.

### **No entanto, o jornalista também pode trabalhar os sons...**

Hoje em dia, sim. Nós somos tão poucos que o jornalista já entra no estúdio, faz uma chamada telefónica, grava a entrevista... Se tiver capacidades técnicas, já pode editar o som, porque assim liberta-nos para fazer outros trabalhos. Há trabalhos de produção mais longos, que exigem mais tempo e, dessa forma, não precisamos de estar a parar um estúdio para cortar um som que o jornalista tem a capacidade de fazer.

### **Mas é possível, por exemplo, uma peça ir para o ar sem passar pelos técnicos primeiro?**

É arriscado. Porque o jornalista, por muito boa vontade que tenha, não tem aquela noção de estética que nós temos. Só se for numa situação de emergência mas, mesmo assim, nós tentamos sempre ver se a peça está minimamente decente. Portanto, só mesmo em último recurso.

### **Por muito que, hoje em dia, o jornalista saiba fazer de tudo um pouco é sempre importante essa distância entre quem trabalha o som e o trabalho jornalístico?**

Sim. Há colegas que têm essa capacidade de montar um trabalho, editar e pô-lo no ar sem que seja preciso mexer-lhe. Mas a maior parte não tem essa noção. Nem tem essa preocupação porque sabe que nós estamos aqui.

**Como falávamos há pouco, o jornalista já está preparado para desempenhar qualquer tipo de funções, nomeadamente, trabalhar o som completamente sozinho. Acha que se está a perder a noção da importância que o som tem na rádio?**

Sim. Há até rádios locais que fazem rádio só com um jornalista e depois colocam um computador a debitar música. Portanto, não privilegiam o som. E, na rádio, o som é tudo.

**E o facto de ser um jornalista a fazer a sua própria peça na totalidade, sem recorrer à ajuda de um técnico, pode prejudicar a forma como o som vai para o ar por não ter as bases estéticas que referia há pouco?**

A noção estética é tudo. Porque há colegas que podem ter a capacidade material, ou seja, ter as condições todas, mas não têm a noção estética, das diferenças e passagens de som, da respiração e dos silêncios. Tudo isto é importante numa reportagem. A maior parte dos colegas não está preparado para isso.

**No caso de existirem dúvidas sobre um determinado som ir ou não para o ar. De quem é a última decisão?**

A decisão é do jornalista. Nós temos autonomia para editar um som, mas tomar a decisão de um som não ir para o ar cabe ao jornalista que está a fazer aquela peça.

**E isso acontece porque dão mais importância ao conteúdo do som do que ao som propriamente dito?**

Sim. A nível de som jornalístico nós tratamos e editamos de forma a ficar dinâmico para quem está a ouvir. Mas a questão editorial e o conteúdo é responsabilidade do jornalista. Nós podemos dar uma sugestão a nível de produção ou ambiente mas, mesmo assim, em último recurso, é sempre o jornalista quem decide.

**O facto de, hoje em dia, serem contratados menos jornalistas para desempenhar mais funções é uma vantagem ou desvantagem para as empresas?**

Para as empresas é uma vantagem. Mas para o trabalho em si é uma desvantagem. Ninguém consegue fazer tudo perfeitamente. Nós temos a capacidade de fazer exteriores, apoio em estúdio e produção. Somos polivalentes. O jornalista também tem de ser. Mas ninguém consegue fazer tudo na perfeição. Quando é pouca gente a fazer muita coisa, o trabalho não sai tão perfeito.

**E isso nota-se nos resultados?**

Sim, sem dúvida. A especialização também é importante.

**E, ao longo destes anos, a TSF nunca deixou de apostar nisso...**

Não. A TSF tem equipas específicas para a política, para a economia... E isso é importante. Porque estando a fazer sempre a mesma coisa tu vais-te especializando. Mas quando saltas de uma área para a outra nunca te vais especializar numa área nem ganhar contactos. Portanto, a especialização é muito importante.

**Teme que, um dia, a sua profissão deixe de existir nas redações?**

Cada vez menos é preciso um técnico de som porque o jornalista ou animador já faz tudo. Mas eu acho que haverá sempre a parte da produção, da publicidade e a componente exterior que é muito importante na rádio. Portanto, nesse aspeto, o técnico será sempre necessário.

## **Anexo 10- Entrevista Miguel Soares (Jornalista e Editor de Informação Antena 1)**

### **O que é o dia-a-dia de um jornalista da Antena 1?**

Depende das funções em que está inserido mas, geralmente, a maioria dos jornalistas aqui faz parte de uma equipa: ou da Manhã 2 –que são os noticiários que vão desde as onze horas da manhã até às três horas da tarde-, ou no Portugal em Direto – que é um programa feito a partir do Porto, de âmbito nacional, mas cujo cérebro da equipa está aqui [Porto]. Temos também, normalmente, um ou dois jornalistas a fazer o turno da tarde e um que estende para a noite.

### **E como é que está dividida a redação?**

Por turnos. Em termos de editorias só temos uma específica: redes sociais. Tirando isso, aqui no Porto, não há. Em Lisboa, temos também a equipa de política e economia. Tínhamos sociedade mas, neste momento, não temos. Temos uma unidade de grande reportagem... Tivemos cultura, mas também já não temos em termos de unidade específica. E, depois, temos os turnos –manhã 1, manhã 2, tarde e noite. E temos a equipa de desporto.

### **Porque é que em Lisboa há jornalistas especializados em determinadas áreas e, aqui, no Porto, isso já não acontece?**

Porque é uma redação mais pequena. A redação funciona como um todo. Não funcionamos na lógica de Lisboa-Porto. A prova disso é que temos cá um turno também a funcionar e, portanto, o pivô está cá e as pessoas que estão a dar apoio estão em Lisboa. Acaba por haver sempre fronteiras, mas com as tecnologias que temos, hoje, à disposição não há necessidade de haver muitas fronteiras entre Porto e Lisboa. Mas isso verifica-se porque, de facto, se pensarmos nos grandes acontecimentos políticos são em Lisboa. As próprias decisões económicas também estão lá. E, portanto, faz sentido existir lá uma editoria de especialidade. O desporto também tem cá [Porto] uma editoria própria e aí é transversal, aliás, se quiséssemos ser corretos e justos, se calhar, faria mais sentido ter mais pessoas no desporto no Porto do que em Lisboa, porque a maioria dos clubes está no Norte do país.

### **Referia há pouco que algumas das editorias terminaram. Isso aconteceu por causa dos cortes que o jornalismo tem sofrido ao longo dos anos?**

Não tenho dúvidas. Por causa de dificuldades orçamentais. E, apesar de todas as nossas reclamações, a Antena 1 poderá ser das menos afetadas. Mas, mesmo assim, tem sofrido cortes muito significativos e que se verificam sobretudo ao nível de contratações, ou seja, houve uma vaga de jornalistas que deixaram a rádio nos últimos anos e que não foram substituídos. Isso é uma prova do desgaste, da erusão da equipa...

### **E isso influencia os resultados?**

Nós tentamos manter sempre o mesmo padrão de qualidade e também não perdermos conteúdos, mas afeta sempre, quanto mais não seja no desgaste do dia-a-dia das pessoas que são obrigadas a ponderar menos as coisas, a ter menos tempo e, sobretudo, a ter muito mais ginástica e flexibilidade. E também é verdade que, se calhar, podíamos ter espaços mais especializados que,

neste momento, não temos por força dessas circunstâncias. Também há outro aspeto muito importante: os chamados “furos jornalísticos”. Se tivermos mais pessoas especializadas, temos mais possibilidades de “sacar” histórias. Se tivermos menos, é mais difícil. Para o ouvinte comum, se calhar, não se apercebe tanto porque a rádio continua a trabalhar, mas, talvez, não da forma que seria a ideal.

**Ao longo dos últimos anos o jornalismo sofreu muitas mudanças. Acredita que o ouvinte da Antena 1 se foi apercebendo disso?**

Acho que não. Para um ouvinte mais atento, sim. Mas também não estou a querer dizer que a massa anónima de ouvintes que temos que não tenha exigência e, muitas vezes, até somos surpreendidos pela atenção com que as pessoas nos seguem. Se falarmos estatisticamente, eu acredito que não. Mas falo de forma empírica porque não tenho dados científicos para comprová-lo. Quando eu digo que são cada vez menos anónimos é porque, hoje em dia, com as redes sociais e a interatividade das novas tecnologias, o jornalismo também sofre algum anacronismo, especialmente, alguns meios. E, de facto, são cada vez menos anónimas [as massas] porque cada vez temos uma interação mais direta com as pessoas. Antes só ligavam para o telefone fixo a dar uma sugestão ou a fazer uma reclamação e, hoje em dia, através das redes sociais há muito mais interação.

**No que diz respeito ao tratamento do som, como é que isso se processa aqui na Antena 1?**

Existem cinco técnicos de som a trabalhar na rádio, porque depois temos apoio para alguns trabalhos mais especializados: sonorização de programas de técnicos que trabalham na parte da televisão, mas que também produzem alguns dos programas da rádio. Os outros são todos tratados pelos próprios técnicos da rádio. Temos pessoas para tratar do som mas, no dia-a-dia, as peças são quase todas montadas pelo próprio jornalista.

**Do início ao fim?**

Sim. Eu diria que uma boa percentagem delas. Mais do que quando eu entrei aqui. Na altura, as peças eram todas montadas pelos técnicos e só depois é que iam para o ar e, agora, a maioria é tratada pela própria redação, pelos próprios autores das reportagens.

**E vão para o ar sem passar pelo técnico?**

Sim. Passam pelo editor que ouve e valida para perceber se há ali algum problema.

**E o editor tem a capacidade de validar um som?**

Se estamos a falar de um noticiário, tem. Eu acho que, de uma forma geral, tem. Pode não ter um ouvido tão apurado, mas se o editor não tiver esse ouvido tão apurado, o ouvinte também não o vai ter. Porque, quando estamos a falar do editor, estamos a falar de uma das pessoas com mais responsabilidade na rádio. No fundo, é o chefe de redação em exercício, naquele momento, na rádio. A questão é: muitas vezes, pode não ter tempo. Competência para isso, tem. Mas eu acho que, para trabalhos mais específicos, que exigem mais sonorização e mais cuidado técnico (grandes reportagens, trabalhos de fundo,...) claro que o sonorizador, não sendo imprescindível,

tem o ouvido mais apurado e está mais bem preparado para corresponder ao produto final que se pretende. Digo que não é imprescindível porque, mesmo grandes reportagens, algumas delas já são montadas na Antena 1 pelo próprio repórter. Algumas delas muito bem sonorizadas. Não estou a dizer que os técnicos são dispensáveis. Mas, na Antena 1, a visão que existe é que eles são mais operadores de rádio. São as pessoas que cuidam mais do direto, de garantir que nada falhe, que a emissão está no ar, que a via está aberta, que o telefonema está a entrar no ar,... Os sonoplastas é uma categoria um bocadinho diferente e que não entra tanto na lógica dos técnicos que temos aqui na rádio.

**Refere a questão de alguns jornalistas já montarem sozinhos uma grande reportagem. Isso tem a ver com o facto de, nos últimos anos, terem sido obrigados a responder a certas exigências impostas pela tecnologia?**

Sim, mas também tem a ver com a diminuição dos recursos. Ou seja, a diminuição do número de pessoas especializadas fez com que essa flexibilidade fosse obrigatoriamente aumentando. Perguntar-me-às “com perdas de qualidade?”, sim, houve perdas de qualidade. Se tu tens uma pessoa especializada a trabalhar só naquilo é óbvio que, à partida, vai fazer um trabalho mais cuidado, com mais tempo, mais atenção e mais detalhe do que uma pessoa que faz as entrevistas, a reportagem, escreve o texto, grava a voz e depois ainda vai montar. Até porque o tempo é muito mais diminuto e não tem tantas competências técnicas. Aí, sem dúvida, há perdas. Para o noticiário, de uma forma geral, não é tão significativo, mas há. Por exemplo, uma das questões em que nós, jornalistas, falhamos mais é na questão do lançamento dos sons. Há sons a entrar muito altos, outros muito baixos e, se deres o trabalho a um técnico, ele vai ter o cuidado de nivelá-los e vai ficar, obviamente, com outra qualidade.

**Teme que, por todas essas razões que mencionou, a profissão do técnico deixe de existir?**

Se for um operador de rádio a garantir que o direto vá para o ar, que vais fazer um relato de futebol e precisas do técnico para garantir que fique nas melhores condições, esse eu acho que não vai desaparecer. E um ou dois sonoplastas que consigam fazer trabalhos mais profundos também acho que não desaparecerão. Mas é ou para operação de rádio ou para trabalho muito cuidado. Para o dia-a-dia temo que, sim, que desapareça ou que, pelo menos, se torne residual.

**Já trabalha na Antena 1 há cerca de catorze anos e tem a perspetiva do antes e do agora. Que fatores foram determinantes para definir a Antena 1 que existe hoje?**

Se falarmos em termos editoriais, eu não acho que haja grande mudança, porque é uma rádio de serviço público e, portanto, a matriz mantém-se. Ou seja, a nossa função essencial é prestar um serviço de qualidade, credível, rigoroso, ouvindo todas as partes, dando voz à pluralidade e, tudo isso, sendo uma informação séria. Pode haver algumas alterações em termos de linguagem que, por um lado, acho que houve uma fase em que houve uma progressão muito grande e se tornou mais fresca e dinâmica. Houve, claramente, uma mudança desse ponto de vista. Mas também temo que, nos anos mais recentes, por força do congelamento de contratações, nos falte sangue novo para introduzir novas ideias, para que haja uma renovação, porque a média etária da redação da Antena 1 –e sem comparar com outras rádios- é um bocadinho alta demais para aquilo que

gostaríamos. Isto sem querer dizer que a experiência e a maturidade não sejam importantes, obviamente.

### **Seria, então, importante os jovens existirem em maior quantidade na Antena 1?**

É importante para ter ideias novas, para ter novas formas de olhar para os assuntos e, sim, por causa da internet. Posso dizer que, neste momento, sou a única pessoa a trabalhar a informação nas redes sociais da Antena 1. E, modéstia à parte, sempre tive uma grande capacidade de adaptação e de flexibilidade às novas tecnologias, mas sei perfeitamente que há questões até em termos de linguagem que me fazem ter um esforço da minha parte que, se tivesse vinte anos, não teria de o fazer. Ampliando ao resto da redação, há muitas pessoas que dominam muito mal a internet por força ou da idade ou das características da própria pessoa que não tem tanta apetência para isso. Falando genericamente da classe jornalística em particular, há muitas pessoas que têm uma flexibilidade extraordinária independentemente da idade, até porque há jovens que também não têm o domínio dessas ferramentas. E isso é mais assustador em jovens. Numa classe mais envelhecida, é mais normal que isso aconteça, mas eu acho que não devia, porque nesta profissão, só estás nela se realmente gostares muito. E se gostas dela, tens de te atualizar. Não podes parar no tempo. Não te podes acomodar. Podes ter mais dificuldade e demorar mais a chegar lá, mas chegas se te esforçares. E eu não entendo como se olha para novas ferramentas e não se percebe que aquilo faz parte do teu trabalho. Não faz sentido eu ir com um gravador de bobines fazer uma reportagem na rua, hoje em dia. Nem eu pegar num telemóvel daqueles antigos como quando comecei a profissão e ir para a rua com aquilo. Se eu posso fazer tudo até com um simples *smartphone*, porque é que o vou fazer dessa forma?

### **O facto de haver todos estes cortes no número de jornalistas nas redações está a tornar o jornalismo um trabalho solitário?**

Por um lado, sim. Mas, por outro lado, por causa dessa flexibilidade acaba por haver mais interação na própria redação. Tem de haver mais união de esforços, no fundo.

### **Faz a rádio que gostava de fazer?**

Acho que não. É óbvio que é uma profissão que eu amo e há muitas coisas do meu trabalho e na Antena 1 de que eu gosto. E acho, sinceramente, -e desculpa “puxar a brasa à minha sardinha”-, mas eu acho que a Antena 1 é a melhor rádio em Portugal. Estou mesmo convencido, neste momento. No passado mais distante, não foi. Mas, agora, acho mesmo que é. Pondo-me no papel do ouvinte, estou mesmo convencido que, pelo menos, em termos de informação é, claramente, a melhor rádio. Mas há sempre a ambição de mais, de diferente e de melhor. E se nós acharmos que aquilo que fazemos é exatamente aquilo que desejávamos que fosse, eu acho que nos falta ambição. E se eu, aos quarenta e sete anos, dissesse isso já não estava aqui a fazer nada. De todo.



## **Anexo 11- Entrevista Frederico Moreno (Jornalista Antena 1)**

### **É jornalista da Antena 1 desde 2007. Ao longo destes doze anos, que mudanças se têm feito sentir nesta rádio?**

Eu diria que é uma rádio completamente diferente daquela que eu encontrei quando comecei a trabalhar. Não só devido a transformações internas, mas também à própria transformação externa no jornalismo porque, hoje em dia, faz-se jornalismo de uma maneira completamente diferente. O tempo de resposta é totalmente diferente com os alertas, as mensagens e os *sites* atualizados ao segundo... Isso obriga-nos a estar permanentemente alerta enquanto que, antigamente, a informação era preparada com outra tranquilidade.

Neste momento, estamos muito mais pressionados pela atualidade muito graças à evolução tecnológica. Isso também cria uma pressão adicional porque temos que confirmar sempre todas as informações que nos chegam, não podemos dar a correr uma determinada notícia sem ter a certeza de que aquilo corresponde à verdade. Já aconteceu algumas vezes haver precipitações e alguns órgãos [de comunicação] noticiarem um assunto e depois a notícia não ser bem assim. Existe, de facto, uma corrida contra o tempo onde ninguém quer ficar para trás, mas temos de nos lembrar que existem regras e que a confiança dos ouvintes é diretamente proporcional à qualidade e credibilidade da informação que nós apresentamos.

A nível interno, noto uma redação muito mais despida de gente. Eu entrei em 2007, depois assinei contratos de seis meses, entrei para o quadro e fui o último a entrar durante oito, nove ou dez anos. Muitas editorias terminaram e temos muito menos recursos no trabalho do dia-a-dia para acompanhar iniciativas de agenda política. De investigação de histórias nem se fala... O retrato a esse nível é muito mau. Houve um período em que tínhamos pessoas que tinham fontes, contactos e eram especializadas em determinada área e conseguiam escavar e dar-nos notícias em primeira mão e, atualmente, é muito raro nós termos uma notícia. Para dar a notícia é preciso tempo, investimento e, hoje em dia, nós fazemos uma informação mais *fast-food* do que propriamente *gourmet*. Mas, apesar de tudo, fazemos o possível e o impossível para garantir que o nosso trabalho é de qualidade. Pode ser um trabalho um bocadinho diferente daquilo que era, mas também diria que, em muitos sentidos, é melhor porque, agora, como há mais coisas a acontecer, nós conseguimos gerir bem o tempo, dar muitos temas do planeta inteiro e, portanto, eu diria que estamos a fazer uma informação de grande qualidade tendo em conta os meios disponíveis.

### **Reduzir custos nas redações de rádio influencia a qualidade dos resultados?**

Sim, influencia sempre. A título pessoal, posso dizer que eu, às vezes, invejo um bocadinho as pessoas que editavam noticiários há dez anos, porque tinham ao seu dispor equipas bem mais vastas e informação a chegar com um fluxo mais reduzido, o que lhes permitia fazer uma gestão completamente diferente dos espaços informativos. Hoje em dia, tenho muito menos gente do que aquilo que gostaria. Eu, pessoalmente, edito os noticiários das onze da manhã às três da tarde e é óbvio que, eu diria, 80% dos dias chego ao fim da jornada e penso que se tivesse tido mais uma ou duas pessoas na equipa teria pegado noutros temas, teria desenvolvido outras histórias... Às vezes quando há uma pessoa mais solta consegue tentar aquelas histórias fora da caixa que podem não dar nada, mas também podem ser a história do dia. E é importante nós apostarmos noutras

coisas que não sejam o óbvio da reação do governo. Às vezes é bom termos ali um trabalho criativo e uma história diferente. Falta nós trabalharmos a informação de uma forma completamente única para que o ouvinte pense “só ouvi aquilo na Antena 1” e é assim que fazemos a diferença.

### **As novas tecnologias vieram estimular essa criatividade de que fala?**

Eu acho que temos de nos adaptar às novas tecnologias. Acho que a criatividade está nas pessoas e elas seriam criativas com ou sem tecnologia porque, só na própria escrita, nós podemos ser ultra-criativos. Aliás, a rádio é a plataforma por excelência para a criatividade porque nós temos de criar imagens com os sons, comunicar com a nossa voz, por isso, temos mesmo de ser criativos senão não estamos a fazer rádio. As novas tecnologias vieram complicar um bocadinho a nossa vida, no sentido em que, nos dão menos tempo para fazer aquilo que queremos. Por um lado, hoje em dia, é muito mais rápido fazer uma entrevista, chegar à redação e colocar a entrevista no ar. Quando entrei para a rádio estávamos na fase dos *mini disk* e, ainda assim, como era um formato físico implicava ter de fazer entrevista, chegar à redação e passar para o computador em tempo real. Hoje em dia, chegamos com o gravador, ligamos o cabo ao computador, arrastamos e já está. Por outro, como também temos mais pressão porque a informação circula a uma velocidade alucinante, isso também nos retira aquela calma de que precisamos. Às vezes falta-nos um bocadinho dessa tranquilidade para conseguirmos colocar o nosso cunho pessoal nos trabalhos. Eu também não posso ser muito criativo se estiver a dez minutos do meu noticiário, porque o meu objetivo é colocar no ar aquilo que é essencial e ser eficaz.

### **Falava, há pouco, do facto de não terem havido muitas mais contratações desde que trabalha na Antena 1. Essa falta de jornalistas passa para o ouvinte?**

Não. Acho que ouvinte não se apercebe, porque esse também é o nosso trabalho. Podemos até estar numa rádio pobre mas temos que disfarçar isso porque o ouvinte, quando ouve os noticiários, tem de ficar informado, não tem de ficar a saber que a nossa rádio está com menos jornalistas e, por isso, não conseguimos dar aquela notícia que ele precisa de ouvir. A rádio, infelizmente, tem tido menos pessoas, menos capacidade de estar na rua e nos locais onde as coisas acontecem. Diariamente, nós temos de ir buscar sons à televisão. O facto de estarmos numa empresa que tem uma televisão também nos favorece nesse sentido porque podemos ir buscar material sem ter de pedir autorização. Às vezes penso “será que faz sentido tendo em conta que a rádio não esteve lá passar aquela declaração?” e depois chego à conclusão que sim, porque o mais importante é o ouvinte estar informado. Não é se a rádio tem muito ou pouco dinheiro. O objetivo é dar notícias e eu não vou abdicar disso porque aí não estaria a pensar no interesse do público. O interesse do público é saber que o ministro “x” anunciou “y”. Se eu não der isso porque nós não estivemos lá, acho que não estou a fazer um bom trabalho. Com o microfone desligado é que eu tenho de chamar à atenção da minha direção e empresa para a necessidade de reforçar os meios técnicos e humanos, não é no ar que as coisas têm de transparecer. Mas eu sei que podíamos fazer um trabalho muito melhor se tivéssemos recursos.

**O facto do jornalista ter de fazer tanta coisa, hoje em dia, (entrevista, edita, monta), faz com que se distraia de outras tarefas?**

Eu sempre editei as minhas próprias peças. Mesmo grandes reportagens, fiz questão de ser eu a montá-las, porque acho que é um trabalho estimulante e faz parte do próprio trabalho jornalístico nós colocarmos aquele som ali e não outro, colocar aquela pausa... Tudo isso é fazer rádio e eu adoro isso. Portanto, eu não gostaria de abdicar de editar os meus próprios trabalhos porque quando estou a escrever a peça já estou a imaginar como é que está a soar e acho que os jornalistas, hoje em dia, são, na esmagadora maioria, muito multifacetados e capazes de fazer qualquer coisa. Eu acho que isso é um imperativo, porque um jornalista que só sabe fazer entrevistas, atualmente, está condenado à extinção. Deve saber fazer tudo para conseguir sobreviver. Por outro lado, uma das coisas que eu acho mais apaixonante nesta profissão é a variedade. E se eu estivesse sempre a fazer a mesma coisa provavelmente já me tinha aborrecido. Portanto, eu gosto. O jornalista não é só jornalista. O jornalista é produtor de informação. Somos nós que fazemos os nossos próprios contactos ao contrário, por exemplo, da televisão que tem produtores que agendam os contactos e depois o jornalista é contratado para executar aquela tarefa. Nós não. Nós fazemos tudo. Há quem diga que estamos a executar tarefas que, se calhar, cinco ou seis pessoas podiam executar em separado... Se calhar, noutros tempos, foi assim. Mas, hoje em dia, a realidade é completamente diferente e eu acho que o mais importante é reconhecer essa capacidade que muitos de nós temos para nos transcendermos e para fazer um trabalho de qualidade, apesar de tudo.

**Teme que, por isso, a profissão do técnico de som deixe de existir?**

Eu espero que não, porque eu acho que eles são uma mais valia para a rádio e acho que essa preocupação deve existir, antes de mais, neles próprios. Portanto, eles próprios têm de se tornar indispensáveis. Eu estive na Antena 1, onde eu editava os meus próprios trabalhos, depois passei pela TSF antes de regressar à Antena 1. E, na TSF, sempre que ia preparar-me para editar o material, os técnicos diziam logo “oh meu menino, vens cá se faz favor” e obrigavam-me a dar-lhes o material e eles é que iam passar para o computador o som que eu trazia. Eu já ia escrevendo a peça e eu é que dizia “corta mais ou menos ali”, eles estavam a cortar e eu a acabar de escrever a peça. De repente, eles abriam o microfone e eu gravava a peça. E eles próprios é que montavam o trabalho. E, verdade seja dita, eles que são especialistas a tratar o som conseguem fazê-lo melhor que nós e esse trabalho de equipa também é interessante e acaba por tornar o processo de edição de uma peça mais rápido. Mas, para isso, é preciso que os técnicos se assumam como uma parte indispensável da rádio e, infelizmente, por vários motivos, nem sempre isso acontece. Eles próprios também editam com falta de recursos humanos e, se calhar, qualquer dia já não existem técnicos de som a trabalhar na rádio e os jornalistas passam a exercer mais uma função. Não é isso que eu desejo, mas terá tudo a ver com a tecnologia. Não sabemos como é que a rádio vai ser daqui a uns dez anos e talvez chegue uma altura em que não vai ser tão essencial como hoje a existência de apoio técnico durante as emissões.

**Faz a rádio que gostava de fazer?**

Não, não faço a rádio que gostava de fazer, porque eu não me satisfaço facilmente. Eu estou sempre à procura de fazer melhor. Sou perfeccionista e estou sempre à procura de fazer diferente. E, por isso, eu sei que podia fazer sempre melhor do que aquilo que faço. E se tivesse, de facto, outras

condições podia executar algumas ideias que tenho e que, atualmente, não é possível. Uma pessoa tem de se adaptar também à realidade e eu sinto que falta aquela genica e aquela energia que é a de aprender e fazer melhor. O meu nível de exigência é sempre máximo, a começar por mim e, por isso, dificilmente, alguma vez farei a rádio que ambiciono fazer porque também é essa procura que faz com que eu continue a evoluir profissionalmente.

## **Anexo 12- Entrevista a Pedro Leal (Diretor-Geral de Produção Rádio Renascença)**

### **A Rádio Renascença emite não só em FM como na internet. O ouvinte é cada vez mais um leitor?**

Não. O ouvinte está em vários sítios e nós temos de estar com ele. Hoje, o ouvinte não tem uma atitude passiva. Antigamente, havia “x” rádios. Poucas. Três ou quatro. E nós esperávamos que as pessoas viessem ter connosco. Hoje não. Hoje temos de ir ter com as pessoas. Então temos de estar onde elas estão. Se eles estão nas redes sociais é nas redes sociais que temos de estar. Se elas estão na rádio é na rádio que temos de estar. E, hoje, a rádio também é o vídeo. Ou seja, hoje em dia, as estações de rádio não podem ser olhadas pela sua função tradicional. Têm de ser olhadas como órgãos de comunicação social diferentes daqueles que existiam há vinte ou trinta anos. Portanto, não é ler a rádio, é estar com as pessoas nos sítios onde elas estão. E estar nesses sítios é adaptar-nos à sua linguagem. Não posso fazer rádio em televisão. Não posso fazer televisão em rádio. Tenho que adaptar a linguagem e técnica de comunicação ao meio onde estou.

### **A Renascença foi fundada em 1936 e, como refere, muita coisa mudou. De que modo esta rádio responde a essas exigências?**

Isso é comum a todas as rádios. Nós sempre resolvemos isto com uma grande exigência e qualidade. E quando nós pautamos o que fazemos pela qualidade e pelo profissionalismo, nós respondemos sempre àquilo que é “o grito da moda”, no bom sentido. Nós fomos os primeiros estúdios digitais da rádio, fomos o primeiro estúdio da rádio em Portugal preparado para *visual news*. Não é só fazer vídeos, é ter estúdios preparados para fazer vídeo automático. Isto para responder às necessidades das pessoas. Por exemplo, não faz sentido estar a entrevistar os líderes partidários e não ter vídeo, porque as pessoas procuram os vídeos. Isto é verdade hoje como foi verdade em 1936. Se nós olharmos para a história da Renascença, em 1936, Lopes da Cruz disse que a Renascença tinha de ser uma rádio igual às outras na qualidade e na diversidade. E é isso que nós somos: uma rádio igual às outras mas, creio eu, fazemos um bocadinho mais, porque temos uma grande exigência de qualidade, portanto, nós temos sempre de acompanhar. E acompanhar é perceber os movimentos. Por exemplo, agora, toda a gente está no *whatsApp*, mas amanhã já não é o *whatsApp* e é outra coisa qualquer. Nós temos de perceber os caminhos, onde é que as pessoas estão e se faz sentido para nós. O facto de termos oitenta e dois anos não nos deixa mais velhos. Dá-nos uma maturidade muito grande para perceber que temos de estar sempre à frente das exigências. No *visual radio* nós somos os pioneiros em Portugal, porque temos oitenta e dois anos sempre a olhar para o melhor que se faz em cada hora.

### **Relativamente a essa qualidade de que fala, hoje em dia as redações são mais pequenas. Isso já acontece na Renascença?**

Já, mas ainda não com a dimensão de algumas outras. Mas há constrangimentos.

### **É possível manter essa qualidade com menos jornalistas a exercer mais funções?**

É. Porque nós temos de estabelecer um patamar, ou seja, o que é que fazemos, como e quando. Estabelecido esse patamar, alucamos pessoas para essas situações. O que nós temos de saber é que reduzir pessoas nem sempre resulta em pior qualidade. Às vezes —e penso que todos nós sabemos

isso- quando vivemos de uma forma folgada, há situações a mais. Há gorduras. Não estou a dizer que os nossos jornalistas são gorduras. O que eu estou a dizer é que, se num primeiro momento, nós apurarmos procedimentos e formas de fazer, ganhamos tempo para estar a fazer aquilo que é importante: comunicar. O que nós aqui na Renascença temos sempre como princípio orientador é que a qualidade do que vai para o ar não pode ser afetada. Portanto, se nós temos noticiários de cinco minutos, tem de haver as condições exatas para esses noticiários. Não vou fazer um noticiário de cinco minutos como se fosse fazer um de um minuto. Portanto, o que nós temos de fazer aqui é sempre um equilíbrio entre as necessidades e as disponibilidades que temos nunca pondo em risco o resultado final. Na Renascença, nos últimos anos, os processos de diminuição de funcionários têm sido de mútuo acordo, ou seja, quem quer ir embora, vai. A Renascença não despede ninguém. Às vezes, o que fazemos é não substituir pessoas que se reformam. Não há despedimentos na Renascença. O que tentamos fazer é uma melhoria nos procedimentos para nos ajudar a continuar com a mesma exigência do que vai para o ar.

### **Na Renascença, o jornalista já monta as peças sozinho?**

Já há muitos anos. Isso não foi agora com a crise. Já o faz há muitos anos. Há situações que são simples. Uma peça com três RM's, se for gravada, qualquer pessoa, hoje em dia, tem essas competências. Se for uma sonorização de uma reportagem é uma coisa diferente. Aí trabalha o sonorizador. Quem sabe fazer. O digital também trouxe uma ilusão de que todos nós sabemos fazer coisas. Todos nós hoje somos fotógrafos, mas nunca houve tanta má fotografia como agora. Vemos que a fotografia nos jornais, muitas vezes, é maltratada. É aqui que falo na exigência. Temos de pensar no produto final. Se for gravar uma peça com texto-som-texto-som, qualquer pessoa sabe fazer. Se todos nós sabemos fazer isto, porque não havemos de fazer? Outra coisa é sonorizar uma reportagem. Aí, nem todos o sabemos fazer. Todas as peças que têm uma determinada exigência vão para um sonorizador porque ele sabe fazer aquele trabalho. Sonorizar uma peça não é só pôr uma música por baixo. Um sonorizador consciente sabe o que está a fazer. E é esta fronteira que não se pode ultrapassar, ou seja, não se pode acabar com as funções de um sonorizador porque sei montar uma peça. São coisas diferentes.

### **Portanto, na Renascença, uma reportagem não vai para o ar sem passar pelo sonorizador?**

Certo.

### **Mas há rádios em que isso já acontece. Na sua opinião, a especialização está a deixar de ser o mais importante no jornalismo radiofónico?**

Não. Eu sempre fiz várias coisas porque, na rádio, muitas vezes não trabalhamos por áreas, mas por turnos. E temos de fazer várias coisas. Mas é evidente que cada um de nós tem uma área em que é mais especialista. Se houver um terramoto em Itália, eu sei quem é que mando porque eu sei quem é que está habituado a fazer jornalismo de guerra. Ou seja, apesar de, em rádio, sabermos fazer várias coisas é evidente que cada um de nós sabe mais de uma determinada área. E aí temos de pôr os melhores a fazer aquelas áreas. Tradicionalmente, a rádio é o meio onde o jornalista é mais polivalente por causa dos turnos. Uma coisa é o jornal que sai no dia seguinte. Outra coisa é a rádio que tem de estar vinte e quatro horas no ar e tem, no mínimo, três ou quatro turnos. No caso da Renascença, temos um conjunto de pessoas que só fazem as suas áreas e, depois, temos

um grande conjunto de pessoas que faz os turnos e também tem algumas pequenas áreas que cobre. Mas não podemos anular a especialização senão corremos o risco de não sabermos do que estamos a falar e isso não pode acontecer.

### **Faz a rádio que gostava de fazer?**

Ninguém faz. Não fazemos a rádio para nós próprios. Fazemos a rádio para uma audiência. Por exemplo, no caso da música que passamos, todas as rádios têm um tipo de música. Aquele tipo de música é estudada para a audiência. No caso da música da Renascença é escolhida com base em grupos específicos e percebemos qual é a música que o ouvinte-tipo gosta. Essa pode não ser a música que eu gosto. Mas eu não faço rádio para mim e para os meus amigos. Eu faço-o para uma audiência. Se a audiência acha que aquele tipo de música é a que mais gosta de ouvir, à partida, é essa que eu vou passar. É a lei do mercado aqui.



## **Anexo 13- Entrevista a Teresa Almeida (Jornalista Rádio Renascença)**

### **Em que moldes trabalha um jornalista da Renascença?**

Depende das funções de cada jornalista mas, geralmente, é sempre um dia muito agitado. Cheio de emoção e, sobretudo, muito *stress* e agitação.

### **Como é que a redação está dividida?**

Funcionamos por editorias e por horários. Nós temos a equipa rádio, a equipa internet, a equipa *online*, a equipa desporto e a equipa vídeo. Depois disso, temos também a equipa da manhã 1, da manhã 2, da tarde e da noite. Portanto, temos várias formas de trabalhar. Temos uma pessoa na redação do Porto a trabalhar com a manhã 1 que é feita de Lisboa. Depois temos a manhã 2 que é feita por mim até às quatro da tarde, onde tenho duas pessoas a apoiar-me em Lisboa. Depois vem a equipa da tarde que fica até às oito da noite. A equipa da noite é feita por um jornalista aqui do Porto que tem o apoio dos colegas que estão, sobretudo, na RFM e na internet, em Lisboa.

### **Essas equipas de internet e vídeo existem há muito tempo?**

Há mais de dez anos que temos a equipa da internet. Depois, começou a evoluir até que, agora, temos várias equipas. Eu às vezes nem as percebo muito bem. São equipas, inclusive, para estar nas redes sociais, sempre a lançar aquelas informações mais nervosas. Isto evoluiu imenso desde há dez anos.

### **O facto de existirem essas equipas é importante para responder às exigências das novas tecnologias...**

Sobretudo, penso que é importante para responder à falta de interesse que as pessoas têm para ler ou ouvir as coisas com algum tempo. Todos nós temos um telemóvel e muito do que nós sabemos da nossa vida passa por ele. Eu, sendo jornalista, tenho um bocadinho mais exigência nas coisas que leio. Eu tenho lá em casa filhos que eu tenho a certeza que só sabem aquilo que nós, jornalistas, queremos dar. Eles não se importam muito com a informação que está em antena, importam-se com o que está nas redes sociais. Eles só querem informação que passa por lá. Por isso, é importante para nós, órgãos de comunicação social, termos esse peso nas redes sociais. É através delas que vamos conseguir passar alguma da informação que temos estado a dar. Naturalmente, um miúdo de doze anos não vai ouvir a antena de hora a hora para saber as notícias.

### **No fundo, é importante chegar a diversos públicos...**

É muito importante sabermos estar em diversos públicos. Sabermos estar em diversas plataformas que podem chegar a vários públicos. Se estivéssemos só à espera do público da Renascença seria difícil termos a evolução que tivemos no nosso mercado. Quando entrei para a Renascença, há quase trinta anos, tínhamos cerca de seis milhões de ouvintes e agora não passam o milhão. Depois temos outros que se vão espalhando pelas redes sociais e pelos *sites*. Mesmo no carro há outras formas de ouvir a rádio. Tudo isso, nós temos aqui dentro. E todos nós temos equipas diferenciadas para o fazer. Eu não saberia como estar numa rede social porque, se calhar, já não tenho a capacidade evolutiva que a juventude tem.

### **A especialização é, então, algo muito importante aqui na Renascença?**

Como se diz na cozinha, temos de ser *gourmet*. Não precisamos de chegar a todo o lado e a tudo mas precisamos de perceber muito de alguma coisa. Precisamos de conseguir estar no mercado e estar no mercado é conseguir fazer algo de diferente. E não precisa de ser uma coisa muito estonteante nem um especialista em quase tudo. Tem é de ser um especialista num foco, numa matéria que saiba fazer bem. Saiba editar bem, estar bem em antena, saiba como é que se fala nas redes sociais, qual é a notícia que tem de ser puxada... Há muitas matérias para podermos, todos nós, sermos importantes no meio de comunicação social que tem várias plataformas.

### **Nesse sentido, o trabalho do sonoplasta ainda existe aqui?**

Ainda existe, sobretudo, nas grandes reportagens ao nível da informação e em tudo o que é *spot* promocional da Renascença ou da RFM. É muito importante termos alguém que saiba cativar com o som aquilo que as pessoas podem ouvir, porque o sonoplasta trabalha muito nessa área e é uma área essencial poder manter. Uma reportagem de quinze minutos sem o trabalho do sonoplasta é muito difícil de ser ouvida. Para além de um bom texto, é preciso ter um ótimo trabalho na área da sonoplastia para poder cativar cada vez mais o ouvinte, fazendo-o estar atento e focado ali com o ouvido na peça.

### **No entanto, há peças que podem ir para o ar sem passar pelo sonoplasta?**

A maior parte delas. Quando falamos em peças podemos falar em sons de trinta segundos. Eu trabalho, há cerca de dois meses, com uma nova forma de estar em antena em que os sons não podem ter mais de vinte segundos. Portanto, eu aí não preciso do sonoplasta. Preciso de um trabalho muito focado do jornalista que está a trabalhar. Não há tempo de antena para mais. E é um trabalho tão ou mais difícil como fazer uma peça de vinte minutos. Fazer um noticiário de cinco minutos é tão ou mais difícil do que fazer um de vinte minutos, porque aí o trabalho exige muito mais.

### **Fala-se muito no facto das redações estarem a ficar mais pequenas...**

Sobretudo as redações de rádio....

### **O seu trabalho teria mais qualidade se houvessem mais jornalistas a trabalhar na redação?**

Eu sou um bocado *workaholic*, portanto, eu tento fazer sempre o meu trabalho da melhor maneira possível. Mas reconheço que, se eu tivesse mais séniores na minha equipa, o trabalho poderia ser mais fácil para mim. Não quer dizer que seria melhor em antena. Mas mais fácil para mim, seria concerteza. Mas, sim, não é a mesma coisa estarmos a trabalhar uma ou duas pessoas quando podemos trabalhar quatro ou cinco. Não é ter muito, é ter com qualidade. É a única coisa que interessa. O pouco que se tenha, que se tenha com qualidade. Naturalmente, era importante que houvesse mais séniores nas equipas.

### **Acredita que deixou de existir preocupação com a qualidade dos resultados?**

O que eu acho é que os séniores que ficaram resolvem a qualidade dos noticiários e da informação e vamos tentando que os jovens que, entretanto, entraram consigam alcançar isso mais depressa

do que nós alcançamos na nossa carreira. Sim, existem cada vez menos funcionários e jornalistas na área de rádio. Os que estão, eventualmente, poderão ser aqueles que são considerados os melhores e são esses que estão a trabalhar os do futuro.

### **Já não se pode falar de jornalismo sem se falar em internet?**

Não. Eu já não trabalho sem internet. Não consigo.

### **E isso é uma vantagem ou desvantagem para o jornalismo?**

Eu ainda a vejo como uma vantagem. Naturalmente, há muita coisa ali sobre a qual temos de ter uma atitude crítica, tentar ver se a notícia nos parece demasiado uma coisa ou outra... Temos de ter uma atitude muito crítica em relação à notícia que nos vem através da internet mas é importante que ela exista. Para mim, há *sites* em que confio e outros em que tenho algumas reservas e quando as tenho não avanço sem o ter confirmado.

### **O importante não é tanto a internet mas a forma como se lida com ela...**

Talvez seja a forma crítica como se lida com ela, sim.

### **Referiu há pouco que trabalha na rádio há cerca de trinta anos, portanto, acompanhou toda a mudança no jornalismo...**

É completamente diferente. Quando eu entrei, não tinha nada disto, mas também agora olho para trás e acho que isto é muito mais interessante. Na altura, éramos uns seres assim muito especiais, porque éramos poucos. Quando ia a conferências de imprensa, era das poucas raparigas que aparecia. Na altura, as mulheres eram poucas e isto foi evoluindo de tal maneira que agora são mais mulheres do que homens. Depois, a forma de trabalhar de hoje em dia é muito mais rápida, célere, muito menos opinativa do que antigamente, mas também é muito mais direta. Nós focamos no problema e conseguimos desenvolvê-lo de outra maneira até porque temos outro tipo de mecanismos para lá chegar. Eu lembro-me de fazer reportagens sem telemóvel. Agora é impensável sair para reportagem sem telemóvel porque ele faz tudo. É tudo muito diferente.

### **Teme que, por todas essas mudanças, a essência da rádio se esteja a perder?**

Não, não acredito. Eu acredito que possa desenvolver um mercado mais pequeno, que são poucas as rádios que vão conseguir evoluir e manter-se no terreno, mas acredito que ainda não é desta que a rádio vai embora. Ainda existe muita gente a gostar e a precisar de ouvir rádio.

### **O que é que é preciso para essas rádios que refere se manterem?**

Sobretudo, estar atentas ao mercado. Ter uma rádio custa muito dinheiro e o mercado nem sempre é muito fácil de manter, sobretudo, manter a parte comercial da rádio significa que existe se a rádio for boa e tiver todos os condimentos necessários para que um investidor invista nela. Portanto, a cada passo que damos vamos perdendo capacidade ou algumas das rádios vão perdendo capacidade de se manter nesse terreno. Nós não trabalhamos só com rádio e se, algum dia, perdermos a capacidade de enfrentar uma nova plataforma perdemos também a capacidade de poder ter um novo mercado comercial, que é o importante para nós. Se as rádios não conseguirem

–e há algumas que não vão conseguir- manter-se nestas plataformas não vai ser fácil arrecadar o dinheiro que é essencial para que, todos os dias, possamos ter gente a trabalhar aqui dentro.

**É uma profissão que tem de estar em constante atualização...**

Completamente. Tanto a profissão como a própria rádio em si e todos os mecanismos que ela comporta. Não é só ter bons jornalistas, é também ter uma boa equipa comercial. É tudo uma equipa enorme que tem de trabalhar como se fosse uma roldana sem perder um bocadinho do que está para trás.

## Anexo 14- Grelha de análise de conteúdo das entrevistas

<b>Problemática abordada</b>	<b>Entrevistado</b>	<b>Estação radiofónica</b>	<b>Citação/Reflexão do entrevistado</b>
Impacto da tecnologia no exercício do jornalismo radiofónico	Fernando Alves	TSF	<p>“Todos têm ferramentas que acendem e apagam luzinhas com muita rapidez, todos chegam tão depressa como eu às supostas fontes noticiosas, o que até põe em causa a necessidade de que nós [jornalistas] aqui estejamos.”</p> <p>“Às vezes não percebemos bem ao que vamos, porque estamos todos a fazer a notícia a correr e depois vamos ali ao ecrã ver se está em primeiro ou segundo lugar nas audiências.”</p> <p>“A malta mais nova está a chegar e não pode dar-se ao luxo. Não pode abdicar dessa equipagem. Tem de ter um domínio absoluto das tecnologias.”</p>
	Joaquim Ferreira	TSF	<p>“O objetivo do jornalista sempre foi dar as notícias primeiro do que os outros. Até aí, nada de novo. Só que agora os outros chegam muito depressa e tu também tens de chegar.”</p>
	Joaquim Pedro Rocha	TSF	<p>“(…) com as novas tecnologias e com menos gente, houve a necessidade de nos adaptarmos às novas circunstâncias.”</p>

	Pedro Pinheiro	TSF	<p>“Isso [tecnologia] multiplicou o teu público. Tu emites para o mundo. A esse nível é completamente desafiante.”</p> <p>“(…) a ideia de que isto se faz cada vez com menos pessoas. E isso, conjugado com a crise que o negócio está a viver, veio complicar muito a nossa vida.”</p>
	Frederico Moreno	Antena 1	<p>“Acho que a criatividade está nas pessoas e elas seriam criativas com ou sem tecnologia porque, só na própria escrita, nós podemos ser ultra-criativos.”</p> <p>“Eles próprios [técnicos] também editam com falta de recursos humanos e, se calhar, qualquer dia já não existem técnicos de som a trabalhar na rádio e os jornalistas passam a exercer mais uma função. Não é isso que eu desejo, mas terá tudo a ver com a tecnologia.”</p>
	Pedro Leal	Renascença	<p>“O digital também trouxe uma ilusão de que todos nós sabemos fazer coisas. Todos nós hoje somos fotógrafos, mas nunca houve tanta má fotografia como agora.”</p>
	Teresa Almeida	Renascença	<p>“Quando entrei para a Renascença, há quase trinta anos, tínhamos cerca de seis milhões de ouvintes e agora não passam o milhão.”</p> <p>“(…) a forma de trabalhar de hoje em dia, é muito mais rápida, célebre, muito menos opinativa do que antigamente, mas</p>

			também é muito mais direta.”
Convergência de funções	Fernando Alves	TSF	“Felizmente, nesta rádio, temos poucos e muito bons sonoplastas. Temos melhores sonoplastas do que jornalistas.”
	Joaquim Pedro Rocha	TSF	“Há trabalhos de produção mais longos, que exigem mais tempo e, dessa forma, não precisamos de estar a parar um estúdio para cortar um som que o jornalista tem a capacidade de fazer.”
	Pedro Pinheiro	TSF	“Isso roubou algum trabalho aos técnicos.”
	Frederico Moreno	Antena 1	“(…) um jornalista que só sabe fazer entrevistas, atualmente, está condenado à extinção.”  “Há quem diga que estamos a executar tarefas que, se calhar, cinco ou seis pessoas podiam executar em separado... Se calhar, noutros tempos, foi assim. Mas, hoje em dia, a realidade é completamente diferente.”
	Miguel Soares	Antena 1	“Na altura, as peças eram todas montadas pelos técnicos e só depois é que iam para o ar e, agora, a maioria é tratada pela própria redação, pelos próprios autores das reportagens.”
	Pedro Leal	Renascença	“Todas as peças que têm uma determinada exigência vão para um sonorizador porque ele sabe fazer aquele trabalho.”
	Joaquim Ferreira	TSF	“Entre teres uma pessoa que faz disso uma profissão e teres alguém



			que “pode dar um jeito”, acho que um gestor optaria pela segunda. Quando opta é porque decide cortar nos custos.”
Cortes no número de jornalistas vs qualidade dos resultados	Pedro Pinheiro	TSF	<p>“Trabalhar numa redação é cada vez mais complicado, os salários são curtíssimos, as pessoas e os meios são cada vez menos...”</p> <p>“Quem está aqui a trabalhar não ganha muito mais que mil, mil e duzentos ou mil e trezentos euros. Os mais novos que entraram não entram a ganhar isso sequer.”</p> <p>“(…) é uma tentação porque tu olhas para aquilo [pólo do Porto] e dizes “fogo, eu acabo com isto, resolvo o meu problema, ainda fico com dinheiro e não tenho de me cruzar com eles [jornalistas] no corredor”.”</p>
	Frederico Moreno	Antena 1	<p>“(…) é óbvio que, eu diria, 80% dos dias chego ao fim da jornada e penso que se tivesse tido mais uma ou duas pessoas na equipa teria pegado noutros temas, teria desenvolvido outras histórias...”</p> <p>“A rádio, infelizmente, tem tido menos pessoas, menos capacidade de estar na rua e nos locais onde as coisas acontecem. Diariamente, nós temos de ir buscar sons à televisão.”</p> <p>“Com o microfone desligado é que eu tenho de chamar à atenção da minha direção e empresa para</p>

	Miguel Soares	Antena 1	<p>a necessidade de reforçar os meios técnicos e humanos, não é no ar que as coisas têm de transparecer.”</p> <p>“(…) houve uma vaga de jornalistas que deixaram a rádio nos últimos anos e que não foram substituídos. Isso é uma prova do desgaste, da erusão da equipa...”</p>
	Pedro Leal	Renascença	<p>“O que nós temos de saber é que reduzir pessoas nem sempre resulta em pior qualidade.”</p> <p>“O que nós aqui na Renascença temos sempre como princípio orientador é que a qualidade do que vai para o ar não pode ser afetada. Portanto, se nós temos noticiários de cinco minutos, tem de haver as condições exatas para esses noticiários.”</p> <p>“A Renascença não despede ninguém (...) O que tentamos fazer é uma melhoria nos procedimentos para nos ajudar a continuar com a mesma exigência do que vai para o ar.”</p>
Importância da especialização no exercício do jornalismo radiofónico	Fernando Alves	TSF	<p>“O problema é que a rádio não pode dispensar-se desse luxo que é ter sonoplastas a embulharem plasticamente com sabedoria, com exigência, com muita sensibilidade artística e apuro.”</p>
	Joaquim Ferreira	TSF	<p>“Eu não quero fazer elogios ao local onde trabalho mas, na TSF, há pessoas</p>

	Joaquim Rocha	Pedro TSF	<p>especializadas no tratamento do som e é tão evidente quando elas põem “a mão na massa” que seria uma pena se não existissem.”</p> <p>“(…) por melhor que eu aprenda a publicar fotografias, ao ter alguém especializado a fazer isso, em 90% dos casos a pessoa especializada vai fazer melhor do que eu, portanto, é melhor.”</p> <p>“(…) há colegas que podem ter a capacidade material, ou seja, ter as condições todas, mas não têm a noção estética, das diferenças e passagens de som, da respiração e dos silêncios.”</p>
	Miguel Soares	Antena 1	<p>“Se tivermos mais pessoas especializadas, temos mais possibilidades de “sacar” histórias. Se tivermos menos, é mais difícil. Para o ouvinte comum, se calhar, não se apercebe tanto porque a rádio continua a trabalhar, mas, talvez, não da forma que seria a ideal.”</p>
	Teresa Almeida	Renascença	<p>“Como se diz na cozinha, temos de ser <i>gourmet</i>. Não precisamos de chegar a todo o lado e a tudo mas precisamos de perceber muito de alguma coisa.”</p>
Consequências dos constrangimentos para a rádio	Joaquim Ferreira	TSF	<p>“Quanto menos pessoas tiveres numa redação menos massa crítica tens, menos opiniões ouves e, portanto, mais isoladamente tens de decidir.”</p>
	Pedro Pinheiro	TSF	<p>“Eu acho que nós temos de aproximar o tempo</p>

			<p>da rádio do tempo digital.”</p> <p>“A TSF nasce porque, de meia em meia hora, há notícias. Isso já não pode ser de meia em meia hora. Tem de ser na hora. E se o que aconteceu foi aos dezassete minutos, é aos dezassete minutos que vai para o ar.”</p> <p>“(…) temo que, nos anos mais recentes, por força do congelamento de contratações, nos falte sangue novo para introduzir novas ideias, para que haja uma renovação.”</p> <p>“Eu acredito que possa desenvolver um mercado mais pequeno, que são poucas as rádios que vão conseguir evoluir e manter-se no terreno, mas acredito que ainda não é desta que a rádio vai embora. Ainda existe muita gente a gostar e a precisar de ouvir rádio.”</p>
	Miguel Soares	Antena 1	
	Teresa Almeida	Renascença	
Ensino do jornalismo	Pedro Pinheiro	TSF	<p>“Os cursos não são iguais e, se calhar, o que falta é isso: olhar para o que existe e perceber as necessidades.”</p> <p>“Se calhar também ainda não vieram perguntar às redações “em que estado é que vocês precisam dos licenciados? Como é que vocês querem que eles cheguem aí?”. E, se calhar, valia a pena, um dia, pensarem um bocadinho a sério sobre isso.”</p>
Sustentabilidade da rádio	Teresa Almeida	Renascença	<p>“Ter uma rádio custa muito dinheiro e o mercado nem sempre é muito fácil de manter”</p>

	Pedro Pinheiro	TSF	<p>“Se as rádios não conseguirem –e há algumas que não vão conseguir- manter-se nestas plataformas não vai ser fácil arrecadar o dinheiro que é essencial para que, todos os dias, possamos ter gente a trabalhar aqui dentro.”</p> <p>“Não é só ter bons jornalistas, é também ter uma boa equipa comercial. É tudo uma equipa enorme que tem de trabalhar como se fosse uma roldana sem perder um bocadinho do que está para trás.”</p> <p>“(…) quem dirige os negócios de comunicação social que, muitas das vezes, não conhecem o meio. São gestores de empresas de comunicação social como podiam ser gestores de uma indústria qualquer.”</p>
--	----------------	-----	---

**Anexo 15- Poema “Amada Rádio”, de Fernando Alves, que fecha este relatório****AMADA RÁDIO**

JÁ CORREMOS DE MÃOS DADAS  
A MAIS SECRETA NOITE DO MUNDO  
JÁ SUBIMOS AO ALTO DA MONTANHA  
SABEMOS TODOS OS NOMES DO MEDO E DA ALEGRIA  
EM TI ME TRANSCENDO  
PODIA MORRER NOS TEUS OLHOS  
SE NESTES DIAS DE CIGARRAS DOIDAS  
PERDERES DE VISTA O MEU CORAÇÃO VAGABUNDO  
DÁ-ME UM SINAL  
ABRAÇAR-NOS-EMOS DE NOVO ANTES DOS RIGOROSOS FRIOS  
DE NOVO O GRANDE SOBRESSALTO  
O FORMIDÁVEL ESTREMECIMENTO DOS INSTANTES FELIZES  
PODIA MORRER NOS TEUS OLHOS AMADA RÁDIO

**FERNANDO ALVES**